

MARIA COTTAS

CRÔNICAS
OPORTUNAS

Edição Internet

Maria Cottas

CRÔNICAS
OPORTUNAS

4^a Edição

Rio de Janeiro

SUMÁRIO

ESCLARECIMENTO INDISPENSÁVEL	5
PREFÁCIO	6
ANSEIO EVOLUCIONISTA	7
RETRATO ANTIGO	7
VATICÍNIO	7
Creio!.....	8
Viver	8
Brasil, Brasil!.....	9
Época de desvario	10
As vocações	11
1966 – Bons ventos o levem.....	13
Mais evolução e menos materialismo.....	14
Lições de juventude	15
O erotismo	15
O sexo	16
Eleições.....	18
Amor e compreensão	19
Um povo alegre	20
Chegaram os festivais	21
Festival da canção popular	22
Vaias a convidados	23
Lá se vai 1967!	24
A mulher israelense	25
De Gaulle partiu.....	26
Viagem a Mato Grosso	27
Desassossego e apreensão	28
A arte de ser sogra	29
Salvemos os nossos jovens	30
Campinas	32
Uma viagem ao Sul	33
Os <i>hippies</i>	36
Tolerância e compreensão	37
Duas datas caras	38
Casa e lar	39
Que mãe es tu?.....	40
Um trio maravilhoso	41
Ser bisavó	42
Maio.....	43
A importância das recordações infantis.....	45
A esperança	46
Os perigos da moda	47
Os cabeludos.....	48

Inquietação	49
Juventude exaltada.....	50
Telefone?... ..	51
Brasileiras evoluídas.....	52
Pat Nixon	53
As lágrimas	54
A educação	55
Pobres princesas!	56
O casamento	57
Adaptação ao casamento	58
Carnaval de ontem e de hoje.....	59
Para onde vamos?	60
O despotismo dos homens	61
O silêncio.....	62
Amor à arte	63
Uma vida abençoada.....	64
Um sério problema	65
Desprestígio masculino	66
Recordar é viver	67
Bodas de ouro	68
SEGUNDA PARTE	70
HOMENAGEM PÓSTUMA.....	70
Homenagem póstuma	72
In memoriam	73
Doenças traiçoeiras.....	74
Uma mulher extraordinária.....	75
Dever cumprido	76
Tudo passa na vida	77
Dona Mariazinha	78
Luzeiros da humanidade.....	80
Reminiscências	82
Solidariedade na dor	83
Crônicas d'agora.....	84
Mensagem de saudades	86

ESCLARECIMENTO INDISPENSÁVEL

Há muitos anos vem sendo editado o livro *Crônicas d'Agora* de autoria da nossa inesquecível Maria Cottas, enfeixando em seu conteúdo excelente seleção da sublime literatura que nos foi legada por essa figura exponencial da História do RACIONALISMO CRISTÃO.

Todavia, com o perpassar dos anos as crônicas selecionadas, obviamente, não podem ser mais consideradas "de Agora", embora mantendo a sublimidade incontestável como característica essencial da saudosa autora.

Assim sendo, parece-nos amplamente justificável a alteração do título de *Crônicas d'Agora* para *CRÔNICAS OPORTUNAS*.

Eis o esclarecimento indispensável que temos a honra de transmitir aos leitores de uma obra, a qual não sendo mais "de agora", no entanto, implica numa literatura perenemente abrangente e "oportuna" para todas as épocas.

Humberto Rodrigues

PREFÁCIO

Quando o autor de um romance recém-lançado é entrevistado sobre sua obra, surgem sempre duas perguntas, quase que uma só formulada de duas formas: "Há alguma coisa de autobiográfico no livro? Você se identifica com algum personagem de sua estória?" E geralmente daí se descamba para uma série de indagações a respeito da vida particular do escritor: onde estudou, qual sua formação literária, que autor prefere, quais suas ocupações prediletas e por aí adiante. Isto é praticamente inevitável, qualquer repórter sabe como gostam todos de conhecer um pouco da vida dos autores dos livros que pretendem comprar. Não se trata de mera curiosidade. É realmente importante sentir se um escritor tem ou não a vivência e a bagagem cultural necessárias para nos transmitir algo que valha a pena.

No caso de ser o livro constituído de pequenas crônicas ou artigos – como acontece com o volume que ora prefaciamos – a pergunta sobre o que há de autobiográfico se torna totalmente absurda, é claro, pois nesta forma literária o escritor nunca nega a autoria das opiniões que emite, dos conselhos que dá, das observações que faz a respeito de pessoas ou fatos. Não menos interessante, entretanto, é saber um pouco sobre quem escreve.

É por isto – e também para não deixar que se percam com o tempo as homenagens das quais a autora de *Contos morais*, *Folhas esparsas* e *Páginas soltas* foi objeto pouco depois de seu falecimento, a 30 de outubro de 1971 – que foram reunidos neste mesmo volume vários depoimentos sobre a personalidade marcante de Maria Cottas. "Viveu estranha aos ultrajes, impassível, superior aos prazeres e às dores, invulnerável à falsidade e à maldade, completamente devotada à sua família e ao próximo, que também ela considerava família"; diz dela o editorialista do jornal A RAZÃO. "Dotada de extrema sensibilidade, vivia dentro do mundo que construía, cultivando a literatura, a pintura e a música"; lembra Othon Ewaldo. "A morte do corpo representou a viagem – prêmio de uma vida tão laboriosa quanto produtiva", escreve Olga B. C. de Almeida. "Uma mulher extraordinária"; classifica-a uma neta. "Uma das figuras mais exponenciais da vida carioca, não apenas pelos seus dotes intelectuais senão também pelas virtudes do coração"; ressalta o Deputado Alcir Pimenta, em discurso no Congresso Nacional.

"Tanto amor tinha à vida e tanto ainda precisava viver"; comenta saudoso o Dr. João Cottas, seu cunhado. "Dela se pode dizer que dignificou ao máximo o papel de mulher, elevando-o à mais alta expressão de sensibilidade feminina", destaca o genro, Antônio Cristovam Monteiro. "Não conhecia a palavra sacrifício quando tratava de atender a um ente querido que necessitasse de conforto e ânimo" recorda o sobrinho Humberto Rodrigues. "Escritora nata e educadora por vocação irresistível, em todos os livros de D. Maria Cottas se nota a sua preocupação de contribuir, por meio de conselhos e admoestações, impregnados de sincera afeição, para o aperfeiçoamento moral da juventude que ela tanto amava"; salienta o amigo Joaquim Costa.

Conhecido, portanto, o valor de Maria Cottas como pessoa humana, resta realizar a feitura de suas crônicas, atentando para seu grande valor também como escritora de estilo leve e agradável.

Ângela Teresa Cottas de Jesus Costa

ANSEIO EVOLUCIONISTA

Quero progresso, atualização, mas sem desordem. Quero ver uma Família unida, atualizada dentro do respeito, que todos os seus membros se entendam e procurem consertar as arestas do caráter com tato e inteligência, por meio de uma educação evoluída e compreensiva, não prescindindo do respeito, do amor e do carinho, que são os elos que formam uma boa corrente familiar.

(De “Mais Evolução e Menos Materialismo”, nesta obra)

RETRATO ANTIGO

"... Meu Pai, arguto e inteligente, conhecia a filha que tinha, o seu temperamento e o seu gênio alegre. Nas longas conversas que mantinha comigo ele sondava bem a minha maneira de pensar e uma coisa procurava nessas ocasiões combater: era o sentimentalismo, porque eu era uma moça afetiva, alegre, mas muito romântica..."

(De “Duas Datas Caras”, nesta obra)

VATICÍNIO

"...A vida é cheia de surpresas. E é com satisfação que esses anos todos passaram por nós e não deixaram marcas assim tão profundas; envelhecemos devagar, sempre unidos e com disposição para vivermos muito e muito mais ainda..."

(De “Bodas de Ouro”, nesta obra)

Creio!...

Creio na vida, ouvi dizer um jovem arrebatado, dirigindo-se a seu grupo de amigos em nossa casa. E eu lhe respondi: “Também creio, apesar de não ser nova como vocês. E infeliz daquele que não crê. Mais vale morrer. Porque a desesperança na vida nos leva à inutilidade, ao desânimo, à inércia, ao desejo de nada fazer, de nada produzir, na espera tristonha e dolorosa que avassala os descrentes”.

Creio na vida, disse esse jovem animoso, e preciso fora que esse grito ecoasse no espírito de toda a mocidade. Só assim, trazendo no seu íntimo essa força poderosa, a luz irradiante de uma esperança que não morre, pode essa mocidade tornar-se nobre, valorosa, servindo a si e aos outros, agindo em proveito de todos, e lutando para o bem da pátria. Heroína anônima, vivendo no silêncio do seu trabalho sem maiores pretensões, assim agindo, a juventude se torna uma arma poderosa que dará vigor e conteúdo à grande obra em construção no Brasil. Assim, crer é o caminho mais curto para atingir um fim. É a estrada reta sem curvas nem atalhos para alcançar o ponto fixado, a fim de que o olhar possa ver o horizonte da vida.

Crer é a palavra que impõe ação e movimento. Ação que comanda e guia o destino e movimento que não nos deixa parar no meio do caminho.

Crer é ser sincero, é ver as coisas com confiança, é não mentir para que a mentira não macule a realidade tão necessária às boas normas da vida, à convivência com os homens, ao justo julgamento da opinião pública.

Creio, disse você. Creia, meu jovem, e eu me exalto com a sua crença, porque sinto em você um rastro de fé no futuro e compreensão entre as decepções do momento.

E só acho uma maneira de demonstrar a minha emoção e confirmar a minha confiança nos jovens: é pedir que todos pensem assim, que haja uma crença coral, um brado coletivo, uma explosão de amor uníssono de toda a mocidade.

A vida é uma ordem, jovens! A vida exige de nós todos, moços e velhos, o sacrifício de vivê-la. E viver sem esperança é morrer aos poucos.

Viver

Mais um ano se vai. Um ano em que se viveu a mesma vida de sacrifício, de lutas, de ilusões desfeitas, de água fria na fervura dos que teimam em conseguir alguma coisa, dos que têm ideais, dos que crêem no futuro e tudo dão para vê-lo cor-de-rosa.

Quantas vezes se pensa em abandonar tudo pelo meio, deixar de parte as boas intenções, fugir da trincheira ao se aproximarem os combates sem perspectivas de vitória! Mas não, viver é honra e portanto devemos manter a chama acesa, não largar o remo para que o nosso barco não soçobre, conservar muito sangue frio nos momentos difíceis e prosseguir na arrancada. Esse é o dever dos fortes de espírito.

O mundo realmente como está, dá para isso. Tão atordoados andam os homens, com os ponteiros dos seus relógios tão desacertados que dificilmente se chega a conclusões acertadas.

Vive-se numa eterna borrasca, o céu negro, as nuvens grossas, ventos soprando forte, mar revolto, mas apesar de tudo isso a esperança de uma bonança deve ser

conservada e a coragem para vencer o vento, o mar, as nuvens negras, a borrasca deve ser mantida.

Viver é honra. Vivamos, pois, ainda que tudo conduza ao desespero. Às vezes, de um ato de bravura cívica depende a paz.

Viver é honra! Vive-se de muitas formas, mas todas elas devem convergir para um único fim: o bem-estar da humanidade e a cobiça da paz de espírito.

Lá se vai mais um ano com as mesmas características dos anos passados! Mas não nos esqueçamos de que houve algo muito importante e diferente que foi a chegada do homem à Lua (1969), que emocionou a todos e principalmente às crianças dadas à aventura que lêem nos seus livros infantis e que consideram esse feito da América o máximo.

Que vejamos partir, pois, este ano como todos os outros, esperando sempre o melhor no próximo e não o pior, pois o pessimismo não constrói coisa alguma nem modifica para melhor. É preciso, pois, para vencer na vida com honra uma boa dose de otimismo.

Feliz Ano Novo!

Brasil, Brasil!

Aonde nos levas, terra nossa? Teus filhos tão humanos, tão sentimentais, de tão boa índole, bem mereciam um Brasil melhor, apesar deles te preferirem mesmo assim, com tuas desordens e confusões, a qualquer outro país.

O verde de tuas matas é mais verde do que o de todas as matas do mundo, o azul do teu céu tão bonito e variável de tons, teu clima maravilhoso pela sua diversidade, pois tens desde o frio europeu do sul ao temperado do centro e ao cálido do norte, assim mesmo amenizado por constante brisa, não esquecendo teu solo ubérrimo em que "nele se plantando tudo dá", como disse Pero Vaz de Caminha, logo que aqui chegou em carta a D. Manuel, rei de Portugal, tampouco omitindo os teus ricos minérios que tornam o nosso Minas Gerais orgulhoso de suas riquezas.

E por isso tudo se orgulha o teu povo e de tudo isso sente saudades quando daqui se afasta. Onde há praias iguais às nossas? Em extensão e com suas areias brancas e limpas?!

O nascente e pôr-do-sol em Brasília são um espetáculo encantador, digno de ser visto. O teu caudaloso Rio Amazonas não encontra rival em país algum. A linda ilha de Marajó por ele formada e as matas virgens ainda não exploradas que abundam em teu solo, cuja madeira preciosa e de qualidade enriquece e enriqueceria muita gente, assim como a borracha que com seus muitos seringais também encham de orgulho os teus filhos.

Não esqueçamos também a nossa linda Guanabara, sala de visitas da terra, cujas belezas naturais, como seus lindos morros, bonitas praias e a fabulosa enseada, tanto encantam os estrangeiros que aqui chegam por mar e pelo ar.

Tudo isso, não basta, Brasil, para te engrandecer aos olhos de teus filhos?

Por que razão eles não se esforçam para dar-te melhor direção? Por que não arrancam de teu solo as riquezas que encerras, por que não aproveitam a extensão de

tuas terras, por que não incentivam teus filhos ao trabalho e à produção? Por que importam do estrangeiro o que nós aqui podemos produzir com abundância? Por quê? Onde está o patriotismo brasileiro?

Não é possível deixar tudo isso de lado e só cuidar de política e interesses pessoais!

Aí vem a rainha da Inglaterra! Os preparativos para recebê-la já estão sendo planejados e comentados. Os costureiros afamados do Brasil já se movimentam e revistas exibem modelos de vestidos longos, lindos e ricos.

Mas pergunto eu: vão mostrar só as belezas exteriores, a elegância de nossas mulheres?

Depois, há tanta preocupação já em saber quais os vestidos que a rainha usará e como serão as recepções que lhe vão oferecer, que se esquecem do principal: Qual o juízo que a soberana inglesa fará de nossas mulheres e do povo brasileiro? Ela que foi criada no rigor inglês, em princípios austeros e que, naturalmente como mulher política, também irá analisar o que se vem passando em nossa terra entre os homens do Governo, nas Câmaras etc., etc.

Por favor, dêem à Inglaterra, que ela, a Rainha Elizabeth, tão bem representa, uma boa impressão do nosso Brasil e da nossa gente, pois o luxo com que se preparam para recebê-la é um contraste com a miséria que verá e sentirá em nossa terra.

Época de desvario

Escrevo no momento em que dois fatos me impressionam e preocupam: a morte do Senador Robert Kennedy e a agitação dos estudantes.

Observando bem e analisando melhor, estamos atravessando uma época de desvario total. Por um lado, estudantes se exaltam e saem às ruas reivindicando direitos que, por justiça, lhes são devidos, mas que pela violência nada conseguirão. De outro, um louco alveja e faz tombar um jovem político americano, cheio de vida e entusiasmo, um grande idealista, Robert Kennedy.

Este, o Bob Kennedy dos americanos, um moço ainda cheio de esperanças, não merecia que lhe tirassem a vida pelo valor que demonstrava em querer melhorar as condições dos povos. Sei que ele escrevera há vários anos a respeito do seu pai e sobre a vida confortável e a educação que este lhe dera, e frisou que tudo isso servia para acentuar-lhe as suas responsabilidades para com aqueles que não tivessem tido as mesmas oportunidades. Era, portanto, um homem humano e liberal. E mata-se ou manda-se matar um homem desses!...

Ele reconhecia ainda estarmos vivendo num mundo revolucionário, mas que movimentos reformistas já haviam se realizado e que era chegado o momento de novas reformas se fazerem a fim de sanar esse ambiente de agitação. Lembrava que Thomas Jefferson, moço de trinta e dois anos, foi quem proclamou nos Estados Unidos que todos os homens fossem criados iguais. E que forças individuais poderão agora mover o mundo enquanto existirem homens capazes de se dedicar a um ideal e de procurar melhorar a sorte dos outros, lutando contra injustiças ou reanimando esperanças.

Tudo isso ele dizia e ainda mais "Para isso é necessário possuir grandes reservas de energia, pois poucos são os que afrontam a desaprovação de seus colegas e o ódio de

sua sociedade. A coragem moral é mais rara o que a coragem nos campos de batalha ou do que as grandes inteligências".

Seu irmão Ted mencionou no discurso que fez durante os funerais de Bob uma sua expressiva frase: "Alguns homens vêem as coisas como são e dizem porquê. Eu sonho as coisas como nunca foram e o digo. Por que não?" Que pena! Perder-se um homem desses é uma tristeza não só para a América do Norte, mas para o mundo inteiro!

Muito mais poderia dizer sobre Robert Kennedy, mas dele muitos outros abalizados trataram. Só quis registrar o meu pesar pela perda desse moço tão valente!

Agora voltemo-nos para os nossos moços que no momento se agitam pelas ruas em passeatas e distribuindo prospectos, dizendo-se incompreendidos etc.

Estudantes revoltados e cansados do descaso das autoridades e dos educadores que não têm lutado para vencer as suas necessidades e grandes deficiências. São irreverentes? Sabemos que sim. Mas por quê? Porque além da indisciplina e falta de respeito que imperam nas escolas e faculdades, há o descaso dos pais que não acompanham com o devido cuidado o desenvolvimento intelectual e moral de seus filhos. – É uma censura? Sim, uma censura e revolta pelo que se observa e sente. Espera-se muito dos jovens, principalmente quando se começa a sentir o peso dos anos e se sente tristeza, não pela sua irreverência e falta de respeito, mas pela falta de orientadores. Hoje os psicólogos entram em função sempre que surge um aluno difícil. Psicologia que nem sempre surte o efeito desejado, porque a causa poucas vezes é descoberta e os conselhos dos psicólogos também não são os mais adequados ao caso. Na maioria das vezes as causas são tão profundas e estão tão encobertas que não é possível descobri-las com questionários nem sugestões psicológicas.

Aí estão os moços rebelados, promovendo agitações, distúrbios, sofrendo prisões, pensando que assim vão conseguir o que desejam e que por justiça lhes cabe, que é oportunidade e recursos para estudarem. Puro engano, jovens!

Os que vos deviam compreender, que são os vossos pais, com certeza falharam e aos vossos professores faltou-lhes energia e disciplina para vos orientar.

Li alguns papéis com reivindicações desses jovens e, a bem da verdade, suas queixas são justas. É pena, porém, que as autoridades não tomem medidas certas para que males maiores não venham a perturbar ainda mais esses moços e não aconteça o que está acontecendo na França.

Que os senhores educadores possam compreendê-los para bem guiá-los e livrá-los dos agitadores habituais e possam atendê-los, é o que ardentemente desejo, por muito me interessar pela juventude brasileira.

As vocações

Quase todos os pais idealizam uma carreira brilhante e proveitosa para os filhos. E muitos até impõem a sua vontade, achando que assim procedendo estão colaborando para o seu futuro. Puro engano. Eu também incorri nesse erro, idealizando apenas, pois logo compreendi que estava errada e mudei de tática. Mas qual é o pai ou mãe que não deseja um filho economista, médico, advogado, engenheiro, enfim, qualquer carreira em que ele se destaque? E qual a mãe que não deseja a filha professora, dentista, jornalista

ou enfermeira? É naturalíssimo, é humano! Mas obrigar a seguir qualquer carreira, seja ela qual for, é que é errado.

Uma vez que se constata que o filho ou filha não tem inclinação para a carreira que se idealiza, é dever de todos os pais sondar, investigando e estudando o temperamento do filho para, então, ver qual a profissão que mais lhe convém e de que ele mais gosta. Pois há muito homem e mulher frustrados e insatisfeitos por terem sido forçados a seguir uma carreira errada.

Hoje, nos colégios, já se fazem testes vocacionais, o que acho certíssimo, pois assim os pais poderão ser bem informados sobre a vocação dos filhos e nenhum deve teimar em manter a sua velha opinião, obrigando o filho a seguir uma carreira que trará o seu fracasso.

Quantos maus médicos, quantos engenheiros fracassados, quantos artistas desiludidos por terem enveredado por caminho errado?!

Se somos amigos de nossos filhos devemos querer a sua felicidade e nunca ter o desprazer de ouvi-los dizer: "Foi o senhor quem me obrigou a seguir medicina, ou engenharia ou outra qualquer profissão, porque eu não queria ser isto ou aquilo".

O bom êxito de um filho na sua carreira é o maior prêmio para um pai.

Revolvendo papéis antigos, encontrei por acaso, a redação de uma colegial, que havia guardado por achá-la interessante. Estava se preparando para seguir o curso normal, pois seus pais desejavam que fosse professora.

Transcrevo aqui a redação:

"Era uma vez um casal de velhos, não velhos verídicos, como os de toda crônica que se preze, mas dois velhos forjados, "bolados", mas nem por isso menos iguais a muitos outros. Estes de quem falo talvez não se identifiquem com sua avó que – coitada! – "O diabo da velha esquece sempre a luz acesa durante a noite. E a conta, meu Deus?!" Mas talvez seja a reprodução do espírito econômico do seu vizinho, que quando come pão guarda o miolo para servir de borracha ao neto que desenha a carvão (se não sabia, aprenda).

Mora sozinho nosso pacato casal e apesar de ter uma filha casada e três netinhos (a mais velha namorando, "É bom rapaz, minha neta?") pode-se dizer vive para uma lanterna e um abajur.

No meio das muitas sextas de um casal de muita idade, surgiu um muito bom modo de economizar muita luz.

– Vamos dormir, meu velho, já são sete horas da noite!...

Dobra-se o jornal, conversa-se sobre a filha, desliga-se o abajur da tomada e com a ajuda preciosa da lanterna vai-se até o quarto.

– Ilumine aqui, minha velha!

– Deixe que eu procuro a tomada!

– Que é isso! Eu sou o cavalheiro!

– Upa! Consegui!

Liga-se o abajur, apaga-se a lanterna, tiram-se as dentaduras, ouvem-se orações.

– Boa noite, meu velho.

– Boa noite, minha velha.

Era uma vez um casal de velhos que resolveu o problema da conta de luz..."

Essa menina formou-se professora, fez um ótimo curso, pois não lhe faltava inteligência, mas depois de formada, sabem para onde enveredou? Para o Jornalismo,

pois os seus pendores eram puramente jornalísticos pela facilidade e jeito com que sempre escrevia.

Os pais, naturalmente, compreenderam perfeitamente a moça e não a forçaram a tomar posse como professora, porque viram que não era essa a sua vocação.

Os pendores artísticos ou intelectuais da criatura humana nascem com ela e ninguém deve modificar.

1966 – Bons ventos o levem

Que bons ventos o levem, porque foram dias amargos para muita gente.

Nesta época, antigamente, havia sempre um frêmito de alegria e esperança em todos nós. O "corre-corre" às lojas para adquirir presentes era um prazer.

Ansiava-se pela chegada do fim do ano quando se podia dar largas à alegria e expansão ao carinho e amizade por aqueles a quem se quer bem.

Hoje, não! Vai-se à rua à procura de algo para presentear parentes e amigos e não se encontra o que se quer, ou, então, fica-se contando o dinheiro para ver se chega. Perde-se todo o prazer que só a espontaneidade de antigamente dava.

Os dias vão-se e fica a saudade daqueles bons dias de paz, tranqüilidade e bonança que já tivemos e que não sabemos quando voltarão, se é que voltam!...

Avolumam-se as dificuldades e aquilo que antigamente era um prazer hoje é motivo de preocupação e angústia.

Há dois passos apenas. Uns poucos metros nos separam da alegria e bem-estar, mas paredes se levantam à nossa frente. Paredes sem luz, sem transparência, muralhas de pedra e cal que nos deixam estáticos, nostálgicos.

Há rosas nos jardins, botões se entreabrem, mas falta-nos a disposição para sentir o seu perfume. Há risos em nossa frente, mas por vezes não sentimos vontade de acompanhá-los, porque dentro de nós há também uma grande preocupação a atormentar-nos, um sofrimento abafado, que nem com o sorriso conseguimos disfarçar. E, no entanto, corre-se muitas vezes atrás daquela felicidade a que todos aspiram e almejam para os amigos e parentes, mas que cada vez se torna mais difícil de encontrar.

– Mas que tolice, não? - confidencio com os meus botões. Por que tanto barulho, tanta lamúria, tanta piedade?...

Não saberei, por certo, explicar. Não estarei nos meus bons dias? É claro que não! São dessas coisas que não se entende, são estados d'alma que nos acabrunham e que a razão não aceita nem admite. Fulminam o tempo, embaraçam-se no espaço e ficam no ar como um suspiro suspenso. Não busquemos motivos, não procuremos causas. Apenas verdades que não se contestam e que se guardam dentro de nós como prova de que vivemos, sentimos e compartilhamos do sofrimento alheio.

Esta nostalgia passará, é quase certo, quando novos dias surgirem com o ano que se aproxima e aí, então, as flores se reabrirão exalando seu perfume e uma suave brisa virá refrescar as mentes escaldantes que hoje se sentem tão oprimidas.

Adeus 1966, que bons ventos o levem!

Mais evolução e menos materialismo

Encontro-me hoje num desses dias em que a gente se sente nostálgica, oca, sem assunto, sem vontade, pois tudo quanto tenho lido ultimamente, visto e ouvido me tem decepcionado, tornando-me algo cética.

As criaturas parecem-me tão despidas de sentimentos, de respeito pelo próximo... Já não falo pela família que, ultimamente, são alarmantes o indiferentismo e pouco caso, que chocam os que, como nós, tiveram outra escola e cujos sentimentos ainda não foram abalados por aqueles que, sinceramente, acho o fim.

Vamos ser progressistas e eu o sou, os meus netos me consideram uma avó evoluída, "pra frente", segundo a terminologia jovem, que acho engraçada, sem a malícia que lhe dão alguns conservadores e poucos psicólogos. Sim, devemos ser evoluídos na maneira de encarar a vida de hoje, que não pode ser comparada com a de ontem, pelo progresso natural por que vem passando o mundo, mas daí a achar que se deve viver em eterna bagunça, sem método para nada, sem ordem, sem respeito, desleixadamente, sem amizade, sem amor no verdadeiro sentido da palavra, que é sentimento puro, devotamento, e não só sexo, achar que viver bem, portanto, é viver assim, não! Isso não é estar atualizado, como dizem alguns, isso é estar animalizado... boçalizado.

Quero progresso, atualização, mas sem desordem. Quero ver uma família unida, atualizada dentro do respeito, que todos os seus membros se entendam e procurem consertar as arestas do caráter com tato e inteligência, por meio de uma educação evoluída e compreensiva, não prescindindo do respeito, do amor e do carinho, que são os elos que formam uma boa corrente familiar.

Sei que há pais que não procuram conhecer nem estudar os seus filhos convenientemente para poder guiá-los e evitar que eles sigam os maus exemplos daqueles que não têm pais, ou, se os têm, é o mesmo que não ter, pelo pouco caso com que lidam com eles.

Mas o pior em tudo isso, o que mais me irrita é a licenciosidade de certas revistas que entram em todas as casas, passam pelas mãos de jovens e crianças, relatando fatos escabrosos que, embora existam, se não fossem divulgados, evitariam malícia e imitação, como acontece.

O assunto SEXO, então, é exploradíssimo. Chega a causar nojo e revolta. Sempre houve sexo e vida sexual e sensualidade, mas nunca foi tão cuidado nem tão minuciosamente ventilado este assunto como agora, e ainda por cima com o título de "EDUCAÇÃO SEXUAL", para quebrar o tabu do passado.

Convenhamos que, se tabus existiam, é porque não havia pais que orientassem os filhos nessa parte, quando chegada a idade própria. Não me consta que crianças de cinco, seis e até menos anos precisem saber o que é sexo e vida sexual.

O encanto da criança foi sempre a ingenuidade e a inocência. Hoje a graça da criança é saber tudo isso e contar anedotas indecentes. É ou não para se sentir revolta?

– E o que resulta desse alarde e dessa divulgação? Já pensaram bem ou analisaram as notícias e correspondências, como a que o último número de "Jóia", que acabo de ler e que trouxe uma carta de uma mãe desesperada porque sua filha solteira engravidou?!

– Que tal a educação sexual?

Vamos ser mais evoluídos, de fato, e menos materialistas, sim?

Lições de juventude

"Conservar a mocidade é brincadeira de criança, especialmente depois que se celebrou o septuagésimo aniversário", disse o internacionalmente famoso cantor e comediante Maurice Chevalier, de passagem pelo Rio.

E acrescentou: "Não há nada de miraculoso no fato de uma pessoa apresentar cinco, dez, quinze, até mesmo vinte anos mais jovem do que indica a certidão de nascimento. É minha convicção, e que está ao alcance da maioria das pessoas, preservar a mocidade, uma vez que esteja de fato resolvido a isso".

Conta ele que tinha 32 anos quando se convenceu de que era um homem entregue a excessos: fumava, comia e se preocupava demais. Comia o suficiente para quatro pessoas e bebia de um a dois litros de vinho em cada refeição. Ele sentia que, a continuar assim, caminharia para completa decadência física e resolveu, então, deixar de beber e passou a comer menos. Como exercício, pôs-se a caminhar de cinco a seis quilômetros por dia. Fumar, só aos quarenta e sete anos é que conseguiu deixar totalmente. Mas, venceu esse vício que ele considerava o mais difícil de vencer. Sentiu que daí sua memória melhorou e tornou-se mais alerta a sua mente.

Procurou também ter um método de vida simples, moderado e evitar preocupações.

Declarou que vive para o presente e delicia-se com cada dia que lhe é dado viver, ao se aproximar dos oitenta anos.

Entrega-se somente a recordações agradáveis e procura esquecer tudo o que tenha desgostado ou aborrecido. Para Maurice Chevalier nada existe capaz de prejudicar mais a saúde e a felicidade do que as preocupações. Procura ser otimista e olhar tudo pelo seu lado mais favorável. A preocupação excessiva é autodestruidora, sentenciou ele.

Todos, sem dúvida, desejam conservar-se o mais jovem possível – parecer jovem é sentir-se jovem.

Tratando, pois, de derrotar o tempo e os vestígios que causam em nossa saúde, podemos todos aprender alguma coisa com pessoas como esse adorável velho-moço, que ainda é um grande "chansonnier" francês e que se chama Maurice Chevalier.

Como gostaria que todos os que estimo e quero bem seguissem essa salutar filosofia.

O erotismo

Nunca pensei que tivesse de abordar esse assunto, para mim desagradabilíssimo. Mas a época assim exige e se nós, os que pensamos e raciocinamos, não reagirmos, está claro que aqueles que têm a cabeça oca e que aceitam tudo o que aparece é que nada farão.

Li numa revista que duas senhoras de Offenback pediram às autoridades que fechassem a "feira erótica" daquela cidade, cujos anúncios em panfletos eram distribuídos em profusão, porque a população masculina de Offenback, Frankfurt e outras cidades vizinhas acorria, contribuindo para o êxito da primeira feira erótica da Alemanha Ocidental. A feira que deverá durar seis dias, exhibe produtos eróticos e para a higiene.

No dia da inauguração, uma enorme multidão lotou um dos poucos estandes ao vivo, onde uma mulher de vinte e quatro anos mostrava o maior busto de toda a Baviera e vendia reproduções em matéria plástica de seu busto de 96 centímetros e no dia da abertura usou um chicote para manter o público à distância. Os outros quarenta estandes da feira apresentam a maior variedade exibida numa só promoção deste tipo.

Coisas nesse gênero há mais nessa revista, que seria longo e desagradável enumerar.

Considero o fim o que está se passando no mundo atualmente. Sim, o fim de uma civilização, o fim da moral, o fim do pudor e da vergonha.

Ter noção de moral, ter pudor não é ser puritano.

Se estamos vivos neste mundo e se nos dizemos civilizados, não é para vivermos como bichos, animalizadamente, escravos do instinto.

Se possuímos inteligência é para sabermos utilizá-la em coisas mais elevadas, que enobrecam a índole humana, mas não que a ajude a degradar-se.

Há muitos produtos dignos de serem expostos numa feira que deleitem os olhos, mas não que causem nojo. Porque é impossível que aqueles que vão a tais feiras não saiam delas enojados e revoltados, principalmente aqueles que são pais e que devem lembrar-se de como se tornará a mentalidade de seus filhos ainda imaturos vendo espetáculos tão imorais.

Pelo que vemos, o mundo está mesmo perdido. E só espero que os povos latinos não cheguem a tanto, porque por enquanto é só lá pela Europa. Mas como há sempre o espírito de imitação, façamos tudo para que não cheguemos a isso.

Sempre houve muito materialismo mas, como atualmente, nunca se sentiu tanta degradação moral entre os seres humanos.

Há tanto progresso nas artes, pintura, literatura, teatro, por que essa tendência para as coisas eróticas que nenhuma utilidade têm e só servem para o aumento da perversão moral, da libidinagem e do vício?

Há tanta coisa bela e fina para se expor e admirar! Como nos sentimos felizes visitando uma exposição de pintura, clássica ou moderna, que também tem quadros apreciáveis, porcelanas, gobelins, de que sou fã; tudo isso agrada a vista e alega o espírito, fazendo até esquecer os aborrecimentos do cotidiano.

Na esperança de que continuemos sensíveis ao que é belo e artístico é que lanço o meu protesto contra o erotismo e suas exibições de mau gosto.

O sexo

É do amor sentimento, amor carinho, amor dedicação, amor renúncia, de que vou tratar? Não! Infelizmente não.

Porque creio que esse sentimento puro tende a desaparecer. Hoje, por incrível que pareça, é somente de sexo que se cuida, que se trata e em que se fala. Pois bem, se é apenas o assunto sexo que está em pauta, vamos tratar dele também.

Sei que a época em que vivemos não comporta mais aquele romantismo idílico que constituía o encanto da mocidade passada. Aquela ingenuidade, aqueles sonhos, hoje constituem um tabu para os moços.

A mocidade atual tem que ser preparada para a vida de uma maneira diferente, sem puritanismo, sem ingenuidade, sem romantismos enfermiços. Mas, falemos à mocidade e orientemo-la, desvendando-lhe, na idade própria, que é a adolescência, os mistérios da natureza que não podem nem devem ser um tabu para ela, mesmo por precaução como meio de defesa contra a maldade humana.

Não é a camaradagem entre moços e moças que prejudica, não, porque essa camaradagem, feita na base do coleguismo, trocando idéias, divertindo-se, não afeta nada, pois eles se sentem irmanados nos estudos e nas opiniões.

É a malícia, a licenciosidade e o vício que tanto se propala e alimenta nas próprias escolas, que prejudicam e tornam esses jovens livres e sem pudor, não se apreciando mutuamente mais porque só cuidam e só vêem o sexo e a sensualidade. Os dons do espírito, a graça, a educação, a finura de trato não têm mais valor.

O problema da orientação da juventude, que devia primeiramente ser solucionado no lar, passou a ser da alçada dos colégios. Em parte, há razão de ser, porque faltando pais competentes para orientar os filhos e estes trazendo seus problemas para os colégios, aos professores cabe orientá-los e suprir, portanto, a falta de orientação paterna e materna.

Mas orientar não é alimentar vícios nem concordar com licenciosidades, nem mesmo com a desculpa de que se assim não fizerem, os alunos farão escondidos nos banheiros. E porventura um bom colégio não possuirá fiscalização para que isso não se dê?

Há pais que não sabem orientar os filhos, ou porque não querem se incomodar ou porque não têm competência nem força moral, ou então usam de meios drásticos e austeros demais, o que também é contraproducente.

Aos professores cabia, no entanto, chamá-los ao colégio, orientá-los e fazer-lhes ver o perigo que correm os seus filhos.

E, havendo ainda pais que querem e tudo fazem para guiá-los, sentindo-se apoiados pelos professores, venceriam as sérias dificuldades que encontram em casa pelos maus exemplos que os filhos observam e imitam nas escolas e no convívio com outros que vivem desarvorados e soltos, revoltando-se até contra a orientação paterna, o que é muito comum.

Os pais e mães, ao entrar um filho para a 5ª série do 1º grau, devem chamá-lo e orientá-lo sobre tudo o que o espera no curso que vai principiar, porque é aí, nessa idade e no convívio com meninos e meninas mais velhos, que ele irá iniciar a sua aprendizagem sobre sexo e outros assuntos licenciosos, assim como adquirir vícios.

Toda mãe com filhos nessa idade e nessa época, assim que observa pelas expansões da filha que ela está se modificando, fica alerta, chama-a a si e, com carinho, passa a lhe explicar claramente o que é a vida e trata logo de desvendar o tal assunto tão em voga – o "sexo".

Para resguardar a moral dos filhos e evitar que eles se viciem e se tornem infelizes é preciso agir com tato e prudência, tendo o cuidado para que eles nada lhes escondam, daí a necessidade de lhes falar sempre carinhosamente.

Uma mocidade inteligente, com a cultura que hoje todos vêm adquirindo, lendo como lêem, não se concebe que sujem a mente com assuntos sensuais. Basta saber que existem e como se devem conduzir, não é preciso fazer deles motivo de conversação, havendo tantos outros muito mais interessantes que elevam a mente em vez de embrutecê-la.

Pela maneira como os fatos se vão dando caminha-se rapidamente para o amor livre e, então, adeus família! Alerta, pois, pais e professores!

Eleições

Eleger os melhores é sempre difícil. E na época das eleições é esse o pensamento de todos que, por isso mesmo, muitas vezes, se deixam enganar, impressionando-se com as propagandas falsas e palavras mentirosas de candidatos sensacionalistas.

Quando este artigo sair, elas já terão sido realizadas. Nas eleições passadas, nessa época, estivemos vibrando de entusiasmo! Tínhamos, então, um candidato por quem torcíamos, confiantes em seu valor. Hoje não! Apenas vamos cumprir o dever cívico de votar. Não há dúvida que ainda há muitos homens de bem e de reconhecido patriotismo, mas perguntamos: – Ganharão nas urnas? Pessoalmente, procurei dar meu voto sempre a homens de valor, moral e patriótico, mas só duas vezes acertei. Das outras fracassei lamentavelmente. É realmente para desanimar! Infelizmente, o povo vem sofrendo por não ter sabido sufragar nas urnas nomes de homens capazes de bem governar este nosso país tão rico, de tanto futuro, possuidor de homens inteligentes e patriotas, mas que são preteridos por outros mais audazes e mais espertos em enganar um povo boníssimo como o nosso. A boa fé do brasileiro, a sua calma e paciência são excepcionais!... Erra por ser condescendente demais, por se deixar levar por promessas que nunca são cumpridas.

Ouçõ os candidatos pedirem que não votem em branco, que não inutilizem as cédulas, que não se deixem levar pelo pessimismo etc. Ouçõ e fico pensando: fez-se uma Revolução porque escolheram para Vice-presidente um homem que transformou o Brasil numa baderna, preferindo-o a um Milton Campos, esse mineiro honrado e de um passado honesto, calmo e sereno, que talvez até impedisse que Jânio cometesse a loucura de largar o Brasil em tão péssimas mãos, ou então de tomar as rédeas desse Governo e administrar com honradez e cercando-se de homens de bem e honestidade, criando, assim, um ambiente de paz e harmonia. E o que é de estarrecer é que a votação que lhe faltou foi a de seus próprios conterrâneos, filhos da sua terra, os mineiros, que preferiram sufragar nas urnas João Goulart, deixando Milton Campos, esse grande mineiro, de lado. Tiveram afinal o que mereceram e aí estamos com um regime revolucionário que não trouxe ainda aquela tranqüilidade e paz que todos almejam.

Acompanhei com emoção e interesse toda a fase boa do Governo de Jânio, que vinha nos satisfazendo nos sete primeiros meses de seu Governo. Julguei que tínhamos, enfim, escolhido o homem certo, aquele que honraria o Brasil, governando-o com honestidade. Infelizmente, essa esperança durou pouco e chocada fiquei com a sua renúncia atribuída a "forças ocultas e poderosas" que hoje creio haver existido ao ponto de enlouquecê-lo e nos entregar àquele que quase nos desgraçou.

Se Milton Campos fosse o Vice-presidente estaríamos, por certo, em ótimas mãos e hoje o Governo seria entregue a outro homem de bem em quem o povo, confiante e refeito, votaria com prazer.

Enfim, agora é dar o nosso voto ao que nos parecer bom, cumprindo, assim, o nosso dever e esperar para ver como as coisas ficam.

Desejo ardentemente dias melhores para o nosso Brasil já tão sofrido. Que ele venha a brilhar com toda a força da riqueza de seu solo, mas sobretudo com o valor espiritual de seus filhos inteligentes e cultos, são os nossos votos.

Amor e compreensão

Quando escrevo que gosto dos jovens, apesar de, às vezes, agirem impensadamente, sempre reconheço que são uma esperança e só lhes falta orientação. Senão, vejamos!

Há dias, conversando com um colega de meus netos, de treze anos, disse-me ele:

– A senhora sabe, eu e meu irmão (que tem 18 anos) somos muito felizes.

– Sim, meu filho? Por quê?

– Olhe, nós temos uma Mãe tão boa, tão arrumada, tão zelosa conosco, conversamos com ela e lhe contamos tudo o que fazemos fora de casa, no colégio e ela nos compreende e corrige, enfim nos educa bem. Temos um Pai que é um camaradão, o nosso melhor amigo.

Nossos avós também são tão bons! Nossas tias todas nos querem bem, uma então me adora e a outra é uma segunda Mãe para nós.

Gostamos da nossa casa, para onde trazemos os amigos e colegas que queremos e tanto minha Mãe como meu Pai não se opõem. Não temos, pois, razão para sermos muito felizes?... Por isso procuramos estudar, para dar-lhes alegria.

E eu, que gosto de puxar conversa com essa gente nova, continuei:

– Mas, que bonito, meu filho, e folgo em saber disso, porque assim falando você está provando dar valor a seus Pais.

E ele acrescentou em seguida:

– É, mas entre os meus colegas há uns que se julgam tão infelizes, se queixam tanto dos Pais, que custo a acreditar que um Pai possa ser indiferente assim para com os filhos.

Para contemporizar, respondi:

– Quem sabe, eles também não concorrem para isso, com suas desobediências e vadiagens?...

– Qual nada, retrucou com vivacidade. Eles fazem tudo o que querem, saem e entram a qualquer hora, faltam ao colégio e seus Pais nada dizem! ...Eu acho que eles não têm é carinho, é compreensão, não acha a senhora?

Eis um esclarecimento que vem confirmar que os jovens não são maus e que os seus desmandos e leviandades provêm quase sempre da revolta de seus espíritos pela falta de amor e compreensão dos Pais.

Uns, porque têm pais indiferentes e outros, porque os têm déspotas, nada compreensivos. Quer uns, quer outros são uns insensatos porque concorrem para a infelicidade de seus filhos e para os desmandos e corrupção da mocidade.

Nem tudo está perdido no mundo, caros leitores! Os jovens possuem sentimentos, possuem muitas vezes um grande amor filial, que é recalçado e abafado pelo procedimento indiferente dos Pais, principalmente dos Pais desquitados, que

transformam esse amor em revolta e, o que é pior, transmitem pelos exemplos a rebeldia filial que vai sendo captada por outros na convivência que vão tendo nos colégios e faculdades e que, fracos de espírito, se deixam facilmente levar.

Depois correm para os psicanalistas, a fim de saberem porque os filhos não estudam e porque se revoltam. É aí, então, que tudo piora, porque nem sempre encontram bons psicanalistas, que sejam mais psicólogos do que psicanalistas, que saibam chamar os Pais a quem devem dar lições severas sobre a maneira como se comportar com os filhos, em vez de aconselhar a estes o abandono da casa paterna.

É isso que acontece com minha querida juventude que tanto aprecio pela sua inteligência e vivacidade. Basta compreendê-la e ter sempre uma palavra elucidativa e amiga para conduzi-la.

Por isso, acompanho os seus festivais de canção com prazer, porque, pelo menos enquanto cantam eles desabafam e são felizes.

Um povo alegre

Dos brasileiros, o carioca é o mais alegre, pelo seu constante bom-humor e fascinação pelo sensacionalismo. Contador de piadas, de tudo se serve para gozar o seu semelhante, aproveitando-se das oportunidades para inventar uma nova anedota, quase sempre bem bolada.

É entusiasta por tudo que surge como novidade. Haja vista a Loteria Esportiva, que tanto o empolgou.

O Rio é uma cidade que, por suas características topográficas – montanha e mar – e pelo espírito de seu povo, mantém hábitos de franca comunicação e diálogo. As praias de dia e os bares e boates à noite são centros permanentes de criação e difusão de fofocas, humorismo e boatos.

Por maior que seja a influência do rádio e da imprensa, nada se populariza no Rio sem antes passar pela boca do povo, isto é, sem antes provocar um comentário, uma piada, um boato. Às vezes, para se informar, quase sempre para confirmar o que já sabe e leu, o carioca não se cala e está sempre batendo com a língua nos dentes. A propaganda pela boca, em certos casos, é tão eficaz e importante quanto a propaganda comercial. Os produtores de cinema ou teatro, por exemplo, sabem que a imprensa pode lançar um filme ou uma peça, mas sua permanência em cartaz vai depender daquela opinião oral que é transmitida de ouvido a ouvido, em cadeia, pelo povo.

O carioca é um impressionista que opina sobre tudo, com a mesma autoridade e sem cerimônia com que decreta – e decreta reduzindo ou enaltecendo – tudo em poucas palavras de quatro, cinco ou seis letras apenas.

Assevera que um juiz de futebol é isso ou aquilo, que um cantor é um gênio ou não, e com essa sua crítica lança o cantor e substitui o juiz.

"Esse crítico não entende de cinema, vai ver o filme é bom. Estou te dizendo..."

Recomendações tais, reforçadas com expressões populares, têm a vantagem de serem indiscutíveis e não exigirem qualquer justificativa.

Para o carioca, a Bolsa de Valores por exemplo, hoje é um assunto "quente", como ele diz.

Atividade até então restrita aos iniciados, mecanismo que pensa ser complicado "coisa para economista", a Bolsa ao entrar para o anedotário carioca deixou os salões da sociedade e foi para as ruas, e o carioca passou a entender de Bolsa e comentar sobre ela com qualquer um.

Aos que classificam o Rio de centro de repercussão, acreditam que ele é o tambor ouvido em todo o país, e assim a alta cotação na Bolsa é tema de conversa nos botequins, praias e elevadores da cidade, significando, assim, uma consagração nacional.

"Dica" é palavra mágica. Abre a porta de gabinetes, fura filas, solidifica amizades, estabelece relações, acaba com qualquer reunião.

Mas cuidado, carioca! Cuidado com essas "dicas" e esse entusiasmo para que, de repente, não caias lá do alto e aí então não adiantarão "dicas" nem sorte.

Chegaram os festivais

Estamos em época de festivais de música e canto, o que é um refrigério para nós, que vivemos num ambiente de seqüestros, assaltos e terrorismo.

Há um concurso de piano realizando as suas últimas eliminatórias. Outros festivais estão sendo anunciados.

Sábado passado, houve o "Festival Universitário da Música Brasileira". O Teatro João Caetano, no Rio de Janeiro, ficou inteiramente lotado.

Era a finalíssima de um concurso que reuniu 2.474 concorrentes. Fantástico, não? Festival do talento jovem que gostosamente acompanho todos os anos pela TV e vibro sempre com os aplausos colorosos àqueles que mais se destacam, embora todos mereçam ser aplaudidos pelas suas ótimas produções. O talento desses jovens que têm tanto para dar, quer na música, quer nas letras, se me entusiasma, também me entristece, porque tem-lhes faltado educadores capazes de orientá-los em vez de explorá-los na sua inexperiência e entusiasmo naturais da idade.

A sua inteligência é vibrante e salta aos olhos de qualquer observador. Por isso eu admiro os jovens e desculpo certos entusiasmos exagerados. O que me revolta e me torna indignada é a maldade daqueles que, mais maduros, mais experientes, e por isso mesmo mais responsáveis, se servem dessa juventude inquieta para a lançarem na fogueira de suas criminosas e impatrióticas intenções.

Houve alguém que, apadrinhando, nesse último festival, um dos compositores jovens, disse:

– Enquanto o Brasil chora, os jovens cantam!

Creiam, fiquei emocionada, porque sabia da apreensão de todos os últimos acontecimentos e aqueles jovens tão alegres, tão inteligentes, numa demonstração acalorada de seu talento, cantavam esquecidos de outros jovens, criminosamente envolvidos na trama da subversão.

Se pudesse, eu iria de Faculdade em Faculdade falar-lhes com carinho, tocar na corda sensível do sentimento desses moços bons e concitá-los a que se entregassem exclusivamente aos estudos para que, pelos seus conhecimentos científicos, pudessem

cooperar de outra maneira com sua Pátria que, se possui um solo riquíssimo, não é menos rica intelectualmente.

Que venham, portanto, os festivais refrigerar as nossas almas tão deprimidas e tristes, tão desiludidas e decepcionadas com os crimes e a maldade humana.

Precisamos de paz para trabalhar, de tranqüilidade para viver e de alegria para transmitir aos nossos filhos e netos bom-humor e um ambiente sadio, em vez de revolta e irritação.

– Basta de apreensão e desassossego! Nós brasileiros sempre fomos um povo pacífico e bom, por que mudar nossa índole à força com a implantação do terror e da maldade?!...

Que venha, pois, a música alegrar-nos e suavizar os momentos de dolorosa apreensão em que vivemos, é o que ardentemente desejo.

Festival da canção popular

Foi emocionada que acompanhei, como faço sempre, o Festival da Canção Popular e constatei o sentimento patriótico e justo do nosso povo. Vibrei com os aplausos dados a todos os cantores e de preferência aos estrangeiros, cujas músicas se destacavam pela beleza de sua melodia, o que prova que o brasileiro não é egoísta nem bairrista.

Na noite finalíssima brasileira senti o quanto é justo esse povo e como sabe escolher, quando ovacionou e cantou junto com Geraldo Vandré, o segundo colocado, que por gosto de todos nós merecia ser o primeiro. Não porque a música dele fosse melhor do que a "Sabiá" de Tom Jobim e Chico Buarque, pois esta tinha bastante valor musical e era até difícil de ser cantada. Mas por isso mesmo, e porque o Festival da Canção Popular não é erudito nem literário é que a canção de Vandré devia ser a primeira.

Foi emocionante o espetáculo do Maracanãzinho, quando todos juntos cantavam a canção premiada em segundo lugar e a vaia final, que aliás eu reprovo por achar que vaia humilha, foi uma revolta natural pelo resultado injusto do júri, pois não era dirigida aos compositores Chico Buarque e Tom Jobim, que são muito queridos, e que no íntimo se sentiam também constrangidos. Tom Jobim afirmou que não fez aquela canção para o Festival; que a lançou apenas para concorrer; que esperava um quarto ou sexto lugar, mas nunca o primeiro, e tão aturdido ficou que saiu imediatamente do Maracanãzinho.

Sofreram com isso Vandré e Jobim, tendo o resultado do júri concorrido para a tristeza de três grandes compositores.

Provou, assim, o nosso povo ser justo e também saber apreciar e entender de música, reconhecida essa qualidade pelos próprios compositores estrangeiros, quando afirmaram que a platéia do Brasil é a mais entusiasmada e vibrante do mundo.

Senti também no último dia do Festival, quando foram julgadas as dez canções finalíssimas, o quanto foi gentil e justo o brasileiro que em massa se apresentou no Maracanãzinho e soube aplaudir com entusiasmo as canções estrangeiras.

Faço questão de aqui registrar um fato que marca bem a índole e o caráter do nosso povo.

Como todos vimos, a música brasileira que ganhou o primeiro lugar foi vaiada quando julgada na finalíssima das brasileiras, no entanto, quando foi cantada no último dia em que concorria com as estrangeiras, o espetáculo do Maracanãzinho foi maravilhoso: cartazes, bandeiras, lenços e faixas eram agitados alegremente, emocionando a todos. E sabem por quê? Porque ali estava o Brasil, era o Brasil que se apresentava e, como tal, o brasileiro esqueceu a música de Vandrê e só ouviu a "Sabiá".

Os compositores estrangeiros, que faziam parte do júri, ficaram encantados nessa ocasião com os brasileiros e ainda mais quando, no final, aquela multidão agitada achando que a música de Andorra merecia também o primeiro lugar, ovacionou e cantou de maneira entusiasta a canção que eles achavam que por justiça merecia o primeiro lugar.

Só reprovo as vaias. Mas como sabem julgar bem os brasileiros, como demonstram entender de música e como acima de tudo sabem ser justos!

Nessa hora não havia paixões nem bairrismos e sim arte e sentimento, o que prova o sentido de musicalidade do nosso povo. E por isso orgulho-me de ser brasileira nesses momentos em que o povo demonstra um sentimento tão puro e tão elevado!

Vaias a convidados

Assisti, envergonhada, ao Festival da Canção Popular, pelas vaias que ouvi. Sinceramente, não vejo motivo para os apupos em competições dessa natureza, onde só a arte deve ser julgada e o esforço de seus apresentadores em defender a sua música. As palmas, no final, e nunca durante a execução, seriam bastante demonstração de agrado. Quando calorosas, demonstrariam a elevada cotação outorgada pelo povo e poucas, o seu menor apreço. Mas vaiar nunca!

Não deixa de ser uma humilhação para o cantor esse modo de agir, porque por muito esportivamente que encare o Festival não impede que se sinta chocado. Ovacionarem de pé os números mais apreciados e provarem, assim, o seu apreço e entusiasmo. Ao invés de vaiar, silenciassem dando, dessa forma, uma demonstração de que a música não agradou. Mas vaiar e assobiar é o mesmo que dizer: Cale a boca! Saia! Não presta!

Em São Paulo, um artista ficou tão revoltado que atirou o violão sobre a assistência! Os seus nervos, que já estavam "à flor da pele", porque os artistas já entram temerosos e assustados, com medo de serem vaiados, não resistiram ao impacto da vaia e levaram-no ao gesto de desespero!

E o pior, é que li numa revista que vaias são pagas a dois, três e cinco cruzeiros novos! Pelo que se vê, comercializa-se até com a arte!

Infelizmente, tudo agora é encarado sob o aspecto político. Tentaram os interessados nessas vaias confundir e enervar os concorrentes, a fim de que a sua música fosse a preferida. E às vezes, diga-se de passagem, é a que talvez tenha menos valor, mas como tudo se consegue sob suborno, pagam-se vaia como se pagam votos na época das eleições e elegem-se músicas como se elegeram péssimos representantes do povo.

Vamos, ao menos, respeitar o nível intelectual e artístico dos nossos convidados e estimularmos os nossos artistas, mas nunca os humilhemos. Aquele que hoje não compõe uma música do agrado do povo, poderá amanhã fazê-lo. Só a presunção de que

podem ou não ser vaiados, afeta não só o compositor, como, principalmente, o cantor que tem de enfrentar um auditório ruidoso.

Às vezes, começam a cantar com medo, mas ao ecoarem as primeiras palmas mudam por completo, o entusiasmo os domina e passam a cantar maravilhosamente.

Um povo civilizado como deve ser o brasileiro e que provou neste Festival conhecer e apreciar a música, porque no último dia soube ovacionar as melhores canções estrangeiras e demonstrar o seu entusiasmo pela nossa música, que na primeira seleção talvez não tivesse sido a melhor, mas que mereceu seus aplausos também, um povo, dizíamos, como o nosso que sente a música, que admira o belo, não deve fazer papel tão triste, principalmente perante os estrangeiros, seus convidados.

Esses Festivais devem estimular e ajudar os nossos artistas e trazer ao Brasil os artistas das outras Nações, que devem daqui sair com melhor impressão da educação artística do povo brasileiro.

Lá se vai 1967!

E com ele vai muita coisa boa e má. Quanto se realizou e quanto se deixou de realizar?! Foste feliz? Sim ou não, eis a questão!

No mundo moderno vive-se em permanente indecisão. Ninguém se entende, nem sabe o que quer. Uns querem o que parece impossível e conseguem, outros desejam o que é justo e não conseguem. Há dessas injustiças na vida, e que se dão no correr desses 365 dias.

Não existe um ponto certo onde fixar o pensamento ou um lugar onde depositar suas esperanças. Contradizem-se, discutem, brigam, não há meios de se encontrarem e, então, cansados, ficam espreitando a mudança de hábitos e costumes que na sua violência tanto chocam.

Há uma coisa, porém, que continua se conservando: são os regabofes, os banquetes, os bailes, as recepções opulentas, regadas de muito champanhe. Muito luxo, jóias caríssimas, ostentação, enfim, enquanto, dizem, se cogita de equilibrar as finanças de um país que esteve à beira do caos.

Felizes são os que, obedecendo a Chico Buarque de Holanda, que nos brindou com a delicada canção popular "Carolina", procuram da sua janela interior – a alma –, ver a vida passar, coisa que a Carolina, – quem sabe?– desiludida e indiferente, não quis ver.

Uma das coisas boas que se está dando nos últimos anos é o Festival de Canções, seja popular, seja clássica. A música deleita, suaviza os momentos difíceis da vida e torna o homem mais espiritualizado.

Cada ano que termina deixa sempre uma esperança para o ano que começa. É pena que essa esperança não se torne realidade! A nossa, a de todos os brasileiros, creio eu, não se realizou neste 1967. Esperávamos que houvesse uma mudança para melhor no custo de vida, que o ensino se tornasse mais acessível àqueles que querem estudar. Que a nossa juventude se sentisse realizada e se tornasse menos *snob*, menos excêntrica. Enfim, que o nosso Governo cuidasse mais dos interesses do povo.

Essa esperança é a que acompanha a gente de nossa terra ao terminar esses últimos anos, porque já está cansada de promessas, que tanto iludem à sua índole boa e

pacata. Para esquecer, ou entregar-se ao álcool, ou então cair no samba, principalmente no carnaval, quando dissipa as suas mágoas cantando e pulando sem parar.

Bom povo o nosso! Bem merece que o Maracanãzinho lhe ofereça espetáculos musicais onde possa vibrar e, no seu entusiasmo, esquecer um pouco as agruras da vida, o abandono em que vive.

Que Chico Buarque de Holanda, com sua "Carolina", Edu Lobo, com seu "Ponteio", Gutemberg, com sua "Margarida" e agora Zé Ketí, com o seu "Amor de Carnaval", venham distrair um povo que termina um ano batendo palmas e que precisa iniciar outro também debaixo de palmas, para dar aos seus governantes a ilusão de que todos estão muito contentes e felizes.

– Quem sabe não surtirá mais efeito palmas em vez de protestos?

Que venha, pois, 1968 com uma doce interrogação!

A mulher israelense

A mulher de Israel desempenhou sempre um papel relevante, mas, agora, com sua participação corajosa e necessária na guerra entre seu país e os árabes ela se destacou muito mais, dando exemplos de bravura a todas as mulheres do mundo.

Foi acostumada, desde pequena, a enfrentar problemas de sua terra, cujas condições precárias foram sempre um desafio ao esforço e à capacidade de sua gente. Mas, no momento, a mulher israelense destaca-se em todos os setores, ocupando ao lado do homem uma posição de igualdade até então pouco realizável.

O papel da mulher na vida intelectual de Israel de hoje é tanto ou mais importante quanto há cerca de dez anos era mínima a sua participação no mundo das letras. Ela penetrou agora na cultura judaica com plenos direitos, depois de muitos séculos a cultura hebraica ser reservada exclusivamente aos homens. Hoje, a sua colaboração é uma realidade. Todos os jornais e revistas possuem colaboradoras femininas, havendo publicações destinadas a um público mais culto e outras mais simples e acessíveis ao povo do campo, dos pequenos lugarejos, sem esquecer os emigrantes.

Atualmente, a maior parte do ensino em Israel, inclusive o universitário, está entregue à mulher.

Seu trabalho no campo é impressionante. Sem deixar de ser esposa e mãe, elas dedicam-se ao estudo da terra, trabalhando lado a lado do homem, cultivando o solo do qual tem conseguido fazer milagres em terras incultas e estéreis.

Na política, a mulher tem tido também presença destacada: Cargos públicos de grande importância têm sido ocupados por elas, além de serem excelentes deputadas.

Em 1948, o comitê de eleições do conselho provisório decidiu conceder o direito de voto a todas as mulheres acima de dezoito anos, fossem elas judias, cristãs ou muçulmanas e que todas gozassem de completa igualdade de direitos e deveres como cidadãs trabalhadoras e membros da comunidade.

Várias leis protegem a mulher israelense, principalmente no trabalho e na maternidade. Organizações e clubes reúnem mulheres de todas as idades que dão sua contribuição preciosa ao desenvolvimento do país.

Três causas levadas a efeito depois da criação do Estado de Israel foram responsáveis pela posição de igualdade da mulher em Israel: determinação da idade limite de dezessete anos para o casamento das jovens, a poligamia tornou-se delito criminal, e a instituição obrigatória do ensino dos cinco aos doze anos.

Grande campanha contra o analfabetismo foi criada. De ponta a ponta do país, mulheres que até então desconheciam o menor estágio de cultura recebem instrução obrigatória, aprendem um novo tipo de vida e de civilização, onde a mulher, pelo seu valor, é igual ao homem.

Os sucessos obtidos são surpreendentes e costumes seculares, pouco a pouco, vão desaparecendo. O sentido patriarcal da família foi substituído pela união ainda maior na igualdade de marido e mulher. A mulher hoje casa com o homem da sua escolha e não com o marido escolhido pela família. Problemas de divórcio, apesar de ser ainda assunto de controvérsia, estão sendo estudados de maneira a elevar sempre a presença feminina.

Além de tudo isso, a mulher israelense demonstra a sua coragem e valor pegando em armas para defender a sua Pátria, ajudando o homem nas suas tarefas militares durante a guerra.

Preparada dessa maneira, a mulher, desde pequena, integra-se no verdadeiro espírito de sua terra, tornando-se consciente da necessidade de seu esforço e participação efetiva na formação de seu país. A ela foi dada uma responsabilidade enorme a que sabe corresponder.

Belo exemplo para todas as mulheres do mundo!

De Gaulle partiu

(1890-1970)

Sempre tive uma quedinha pela França, talvez por ter estudado em colégio francês, pois lá aprendi a amar o Brasil e a França, embora a Portugal já amasse como filha de pais portugueses e mais tarde mulher de português.

Mas me interessei toda a vida pela França e quando em 1950 lá estive foi com prazer que visitei museus e palácios e tive a oportunidade de usar a língua francesa, quando percebi com alegria que não a havia esquecido, o que prova que o que se aprende na infância fica gravado, pois naquela época o meu convívio entre franceses foi de seis anos.

Assim, foi com pesar que tomei conhecimento da partida deste mundo do grande patriota francês Charles De Gaulle.

Numa notícia de jornal li: "O General de Gaulle, valente insubordinável paladino da França na guerra e na paz, faleceu subitamente à noite enquanto jogava paciência, seu passatempo favorito".

A morte tomou de surpresa quem arriscou tantas vezes a vida para defender a França, sua pátria querida.

Ao rebentar a 1ª Guerra Mundial, De Gaulle distinguiu-se desde os primeiros combates, tendo sido ferido gravemente três vezes. Na segunda guerra, destacou-se

sempre pelas suas atitudes desassombradas e ninguém esqueceu ainda os grupos de resistência até hoje dignificados pelos povos amantes da paz e da concórdia universais.

De Gaulle e Churchill se entenderam sempre muito bem e quando, em junho de 1944, Churchill confidenciou-lhe o desembarque dos aliados no "Dia D", Charles no seu íntimo sentiu que o "Dia D" não era só dos aliados, mas principalmente seu da sua França e dos povos oprimidos pelo jugo de Hitler.

A 14 de junho do mesmo ano realizou-se enfim o seu grande sonho: a França está liberta e não saiu nunca da memória dos mais velhos franceses o grande desfile pelos Campos Elíseos em Paris. Foi a imagem de um povo que se libertava, de um povo amante da paz, do mundo e de seus semelhantes.

Com inteligência, vivacidade e grande visão política, Charles De Gaulle jamais será esquecido.

Ainda agora De Gaulle frisou na capital do Caboja que a solução para o Vietnã só pode ser uma: a retirada norte-americana.

No entanto, a Casa Branca e o Kremlin recusaram atender ao seu conselho para agora os Estados Unidos seguirem o que foi dito por Charles. Haverá maior prova de visão do que esta?

No conflito do Oriente Médio ele portou-se como perfeito mediador ao suspender a venda de armamentos, tanto para Israel como para o Egito. Infelizmente, como sempre, por interesse ou política, as outras potências fingiram não entender o ato do Grande Charles, chegando mesmo a criticá-lo.

Charles De Gaulle morreu, mas o mundo deve muito a este maravilhoso francês, que se erros teve, como todos, qualidades teve mais que todos.

Rendo aqui minha homenagem a esse grande espírito pelo seu valor, sua coragem, seu amor à paz, desejo de harmonia, entendimento e compreensão entre todos os seres, que é o que está faltando ao mundo.

Aos meus patrícios, que no momento em que escrevo cogitam de se eleger, desejo que façam por imitar esse valoroso francês no grande amor que sempre teve à sua França, amando também com mesmo ardor o nosso querido Brasil.

Viagem a Mato Grosso

Preferimos viajar pelas rodovias enfrentando seus trechos barrentos desse grande Estado do Mato Grosso, pois se a viagem foi um tanto cansativa, como compensação conhecemos uma grande extensão de suas terras de mato cerrado e baixo, muito diferente das matas do sul, e pudemos, assim, admirar os variados panoramas do nosso Brasil.

Mato Grosso é imenso e quando suas estradas forem todas asfaltadas será um prazer percorrê-las; aliás, o trecho de Campo Grande a São Paulo já está sendo asfaltado e soubemos que muito breve Santos estará ligada a Mato Grosso, por ótima estrada, cuja construção já está bem adiantada. Sentimos não poder aproveitá-la quando da nossa volta de Campo Grande para São Paulo, pois devido a muita chuva os nossos três carros tiveram dificuldade em transpô-la tendo sido preciso de vez em quando ajudar o carro que vinha na frente, que se atolara por diversas vezes. Olhávamos para a estrada

asfaltada ao nosso lado, com olho comprido, lembrando-nos que poderíamos usá-la se já estivesse aberta ao público. Creio, porém, que muito breve os paulistas irão aproveitá-la com vantagem e assim Campo Grande, que já é uma grande cidade, lucrará muito com a ajuda e o impulso que São Paulo lhe irá levar.

Chegamos de madrugada a Cuiabá, depois de termos viajado um dia inteiro do Rio a Marília (São Paulo), outro dia de Marília a Campo Grande e, em seguida, mais outro dia de Campo Grande a Cuiabá. Foram três dias seguidos de viagem, só parando à noite em Marília e Campo Grande para repouso.

Mas, viajando em companhia de amigos tão bons e dedicados, foi um prazer realizarmos essa viagem-maratona que, para muitos dos que ficaram, era uma temeridade.

Gostamos muito de Cuiabá, que achamos parecida com Ouro Preto, pelo aspecto de suas casas, algumas lembrando os tempos do nosso Brasil colonial e suas ruas estreitas e em ladeira. Achamos o povo boníssimo educado, prestativo e com bastante cultura, principalmente falando muito bem a nossa língua. Vimos alguns índios e apreciamos os seus trabalhos artísticos e tivemos o prazer de ouvi-los falar na sua própria língua. Frequentamos um ótimo restaurante e o hotel em que nos hospedamos, o Santa Rosa Palace, é igual em conforto a qualquer dos bons hotéis de São Paulo ou Rio. Confortáveis apartamentos com ar refrigerado e música ligada a hora em que quiséssemos ouvi-la.

Deixo aqui registrado o meu sincero agradecimento à Professora Gilséa Corrêa, da Escola Normal de Cuiabá, pelas palavras que me dirigiu, que muito me sensibilizaram, bem como o convite que recebi da escritora Sra. Dunga Rodrigues, para dirigir uma mensagem pelo rádio a Cuiabá, que na impossibilidade de fazê-lo pessoalmente, devido a outros compromissos, solicitei-lhe que o fizesse por mim, como locutora que é também da rádio local.

Só nos resta, agora, desejar felicidade a Cuiabá, ao seu boníssimo povo e a todos os amigos que lá deixamos apresentamos nossos agradecimentos pela agradável estada que nos proporcionaram na sua "agarrativa cidade".

Desassossego e apreensão

Estamos atravessando uma época de desassossego e apreensões.

Foi-se a nossa tranqüilidade, aquela vidinha boa em que os dias corriam serenos e calmos. Toda mãe de família se sentia segura, principalmente se era boa e zelosa, porque sabia que os princípios educativos que transmitia a seus filhos encontravam eco em seus espíritos, pois a corrupção não era em tão grande escala e o ambiente em que eles viviam não era tão perigoso. Hoje, porém, toda Mãe se sente em sobressalto e nem sabe como falar aos filhos.

Há um mês, fui convidada para um chá que reunia diversas senhoras e nesse ambiente social discorreu-se sobre as dificuldades que assoberbam as Mães de hoje na sociedade atual ante tanta infelicidade como assaltos, seqüestros, com o fito de salvar-se a mocidade dos vícios e entorpecentes a que se entrega.

Nessa reunião, assim se manifestou a Sra. Lizette Tacla, poetisa, culta e conceituada na colônia portuguesa do Rio: "Minhas queridas Amigas: Quero aproveitar

o ensejo de tê-las, aqui, reunidas esta tarde, para lhes dizer algo que desejava há muito tempo.

Penso que, como eu, vocês devem andar com o coração apertado, sentindo a insegurança e a incerteza do Amanhã, neste mundo atribulado em que vivemos.

Estamos assistindo à falência de tudo o que representa valor humano: moral, justiça e respeito mútuo.

Como Mães que somos, cada dia nos sentimos mais angustiadas, mais intranquílias, mais aflitas. Lembrei-me, então, de reunir um grupo de amigas como vocês, amorosas e esclarecidas, para debatermos juntas algo que tanto interessa a todas nós.

Vocês sabem que "a união faz a força". Todas vocês estão lembradas dos dias aflitivos que passamos não há muito tempo nos meses que antecederam à revolução de 1964. Diariamente acordávamos sem saber como terminaria o nosso dia; tínhamos a impressão de estarmos sobre um vulcão prestes a explodir. E o que vimos, então? A mulher, neste caso a valorosa mulher brasileira, deixar os seus afazeres e as suas distrações e unidas, conscientes da força da sua fé, sair em passeatas memoráveis.

Agora o inimigo usa novas táticas, são outros os meios, mas conseguiu novamente banir a paz do coração de todas as Mães, levar a ansiedade a todos os lares.

O mal não é nosso, é mundial."

E assim por diante, fez uma expressiva palestra que seria longo transcrevê-la toda, mas que muito me agradou por ver que nem tudo está perdido no mundo, pois mais adiante disse: "É preciso 'arregaçar as mangas' e sair do nosso comodismo, esquecendo as convenções sociais e pensar mais no amanhã que será alegre e radioso se nos esforçarmos nesta campanha de moralização de usos e costumes".

Acrescentou também a Sra. Lizette: "Vamos juntar a nossa pedrinha na construção de um Mundo Novo, de uma Humanidade melhor!"

Realmente, "a nossa responsabilidade é grande", "pois da má orientação recebida no lar, ou da falta dela, é que muitas vezes nascem os desajustes sociais de tantas criaturas".

Aproveitando estas festas de encerramento do ano e a entrada de 1971, desejo a todas as mulheres do mundo Terra, paz e tranqüilidade e que o exemplo dessa senhora seja imitado, pois não falta à mulher brasileira valor para lutar contra os males que vêm afetando a família de uma maneira inquietante.

É preciso que "arregacemos realmente as mangas" e que saíamos do comodismo para salvar nossos filhos, netos e bisnetos, procurando para eles um mundo mais humano.

A arte de ser sogra

Ser sogra tem se transformado em adjetivo um tanto ou quanto na base da implicância, o que constitui a mais tremenda injustiça. (Nem sempre, nem sempre, murmurarão baixinho algumas noras). Analisemos, porém, com calma: Não é ela a mãe do homem amado e que diz: "Quem meu filho beija, minha boca adoça!" E ele não diz também: "Quem agrada mamãe me conquista!" Não é ela quem ensina o que "ele"

prefere em matéria de arte culinária ou o que "ele" não suporta em matéria de moda feminina, quando ainda não aprenderam a conhecer bem os seus gostos?

Pois bem, há sogras e sogras... Isso há! Mas refiro-me somente aqui à boa amiga, aquela que abre os braços para receber uma filha, sabendo repartir com ela aquilo que recebeu por direito de mãe: o amor de seus filhos.

Refiro-me àquela sogra que sabe sempre receitas infalíveis, de soluções prontas, para todos os problemas do jovem casal na base da harmonia.

Aquele tipo de sogra egoísta deve já estar superado. As novas gerações precisam se sentir mais próximas e, portanto, mais íntimas na convivência entre sogra e nora, dividindo alegrias, tristezas e responsabilidades.

A nora atualizada deve abolir o fanatismo excessivo e substituí-lo por diplomática intimidade baseada no respeito e na compreensão.

A sogra deve ter outra forma diferente do modelo caricatural e, injusto, pela generalização.

Não há receita para o modelo de sogra mas acredito que existe uma espécie de arte em saber ser sogra, arte que só o amor expressa e dá forma. Não há mistério nem regras preestabelecidas, além da verdadeira vontade de acertar.

Considero o ser sogra uma das modalidades da difícil arte de viver, como ser mãe, esposa ou filha.

Para ser uma boa sogra é necessário, antes de mais nada, desejar sê-lo e pautar sua conduta de acordo com esse desejo, que deve ser acima de tudo sincero, para ser eficiente. Não deve nunca se imiscuir na vida do casal; abster-se sistematicamente de qualquer interferência na educação dos netos; manter sempre um clima de camaradagem com as noras, possuam elas o temperamento que possuírem, sendo compreensiva e tolerante bastante e procurando buscar em cada uma os pontos de afinidade para que formem elos de simpatia mútua; ajudá-las com espontaneidade, sem impor-lhes seus préstimos e sobretudo procurar amá-las como se fossem suas filhas.

Sogra é ser suplente de mãe e, portanto, a parte mais amena de seu papel é ser amiga das noras considerando encantadoras essas criaturinhas jovens que seus filhos escolheram e que os fazem felizes e que lhes dão netos que coroarão a sua existência de irradiante felicidade e serão a continuidade de sua vida, único meio real e positivo de sobrevivência depois de uma certa idade.

Uma boa sogra, pois, jamais concorrerá para desinteligências nem desarmonia dos casais, devendo trazer sempre presente em seu pensamento que existe um laço comum muito importante unindo-a a sua nora: a felicidade do filho em particular e de toda a família, em geral.

Salvemos os nossos jovens

Acabo de saber pelos jornais da prisão do famoso casal de bailarinos Margot Fonteyn e Rudof Nureyev como traficantes de entorpecentes.

É realmente de estarrecer! Uma bailarina famosa como Margot Fonteyn, uma artista conhecida por todos que admiram o balé, a quem deviam bastar os seus dotes artísticos, sentindo-se realizada, tendo para alegrá-la os aplausos do mundo inteiro, não

tinha necessidade de se divertir com a perversão da mocidade, concorrendo para viciá-la ainda mais.

Por certo, esta senhora nunca teve filhos e se os teve ou tem é de lastimar.

Dizem que os que se entregam aos vícios e vivem na base de entorpecentes são jovens que têm problemas íntimos, complexos, e que, não se sentindo realizados, procuram atordoar-se com esse viver infeliz. Mas Margot Fonteyn não pode ser uma dessas criaturas, pois não é assim tão jovem e com o seu balé ela tem conseguido a admiração mundial pela arte, que ela bem sabe representar como a bailarina mais famosa da atualidade. Tão famosa que os salões da nossa melhor sociedade a receberam com distinção e fidalguia, inclusive a Embaixada da Inglaterra.

Diga-se, porém, de passagem, que a Inglaterra vem decepcionando muito os outros países com a mudança tão brusca de uma autoridade conservadora para uma licenciosidade e imoralidade estarecedoras corrompendo usos e costumes e lançando ao resto do mundo péssimos exemplos para a mocidade.

É apavorante a situação dos nossos jovens com tais orientadores. A liberdade demais é prejudicial. Para tudo deve haver um meio-termo.

Não sou apologista do conservadorismo exagerado. Acho que se deve acompanhar a evolução do mundo e que não é possível mais viver a vida que viviam os nossos antepassados. A mocidade de hoje também não pode ser como a de ontem, pacata e acomodada, porque o dinamismo do mundo não comporta aquele temperamento acomodado, mas temos que convir que essa liberdade demasiada, suja e na base do vício, como o da maconha, que se vem tornando universal, é um perigo para os nossos jovens.

– Que homens e mulheres se tornarão eles mais tarde, depois de uma mocidade de vício e ociosidade?! Não venham com a desculpa de que isso passa, que é próprio dos jovens. Não, o vício e o hábito tornam-se uma segunda natureza. E caracteres assim formados nunca darão homens dignos.

Salvemos, pois os nossos jovens. Eles precisam saber que há muita maldade e malícia, como a desses bailarinos adultos, criaturas bem vividas, cheias de experiência e que deviam ter madureza bastante, não alimentando nem concorrendo para viciar ainda mais jovens inexperientes que, se levam essa vida, é porque não encontraram quem lhes abrisse os olhos a tempo.

– Para onde vamos senhores? Se até os ingleses saíram de sua austeridade secular para a licenciosidade e o vício?

Direi, porém, nem tanto nem tão pouco. Talvez a intransigência exagerada, a rispidez austera do inglês antigo concorresse para esse desmando repentino, que dá, assim, a impressão de haverem quebrado as cadeias e de repente se lançado no mundo sequiosos de um viver mais humano. Isso acontece, em geral, quando há freio demais.

Mas raciocinemos e ponderemos com sensatez. Precisamos dar aos nossos filhos uma certa liberdade de pensar e agir, mas ter o cuidado de fazer-lhes sentir que nunca devem perder o respeito a si próprios e à noção do pudor.

Ter personalidade, mas nunca deixar-se levar para a licenciosidade e o pouco caso, debochando de tudo o que não for de seu agrado. Que desenvolvam a sua inteligência, que tenham cultura, mas que saibam se impor, não se deixando levar por esses maus exemplos.

E para que não vejamos os nossos jovens cavar a sua infelicidade futura, salvemo-los enquanto é tempo.

Campinas

Estivemos em Campinas, linda e próspera cidade de São Paulo, que já conhecia, pois lá havia estado há uns quinze anos atrás. Mas o que nos levou àquela cidade, agora, foi a inauguração de mais uma Casa Racionalista.

Como sempre, nessas ocasiões, os racionalistas de todos os recantos do Brasil, que já lá têm suas Casas, se fizeram representar, o que concorreu para que o moderno edifício caprichosamente feito lotasse; com numerosas pessoas na parte externa, de onde assistiram a inauguração.

Escusado será falar sobre a solenidade, pois outros o terão feito com mais eficiência. Mas certo é que quando se inaugura uma Casa Racionalista é um consolo para nós, por vermos tanta dedicação e respeito à Doutrina.

Fez um dia de sol brilhante e claro, aquecendo aqueles que, de São Paulo-capital, por lá passaram e de lá vieram cheios de frio. Até a natureza foi pródiga para os racionalistas, principalmente nós cariocas, que tivemos ciência no Rio de que o frio em São Paulo estava bárbaro.

Após a inauguração, fomos convidados para uma recepção na fazenda do Sr. Ildefonso Cunha, incansável amigo da Doutrina, nos arrabaldes de Campinas. Quando lá chegamos deparamos com um espetáculo magnífico. Defronte à linda casa e confortável residência da família Cunha havia um enorme pátio cheio de mesinhas, bem iluminadas, onde foi servido delicioso churrasco. A gentileza do casal Cunha e as atenções de que fomos alvo são indescritíveis. Todo o conforto nos foi proporcionado. Tive a honra de partir o grande e lindamente decorado bolo comemorativo ao feito. Enfim, viemos de lá encantados com a fidalguia de trato de toda a família Cunha.

Ficamos conhecendo os seis filhinhos do casal que são uns encantos. Tivemos oportunidade de, no dia seguinte, voltar à fazenda a convite do Sr. Cunha, que fez questão de oferecer um almoço a nós e a alguns amigos que nos acompanhavam: os casais Virgílio Dias de Castro e José Ferreira da Costa Júnior, Fernando Ferreira da Costa e a viúva do nosso saudosíssimo Ferreira da Costa. Aí tivemos oportunidade de ver mais de perto e minuciosamente a fazenda que ainda está sendo preparada e ficamos encantados com a casa que é vasta e confortabilíssima e os diversos recantos que estão sendo construídos, como um viveiro de pássaros, bem defronte ao grande terraço da casa, e ótima piscina.

Enfim, passamos um dia muito agradável com o casal Cunha, fazendo questão de salientar as atenções da Senhora Elza Cunha, que foi incansável em nos proporcionar o máximo bem-estar. Admirei a disposição e atividade dessa senhora, um modelo de mulher racionalista, pois colabora com o marido em todas as atividades na Doutrina e é excelente e dedicada esposa e mãe. Alegra-nos quando deparamos com casais assim, o que nos faz acreditar que nem tudo está perdido no mundo.

Gostei imenso de conversar com o filho mais velho do casal, de onze anos de idade. Criança no físico, mas homem no espírito, pois argumentava conosco sobre assuntos diversos, quer da propriedade de seu Pai, como gado, plantações, assim como outros, com um entendimento invulgar para um menino de sua idade. E eu que me interessei pela juventude vi nele um jovem promissor, mas que irá dar um pouco de preocupação aos Pais quando defrontar o ambiente pervertido de hoje. Apesar da personalidade que notei nele, convém não esquecer de que é de jovens dessa fibra que se servem os pouco escrupulosos para semear suas estranhas idéias. Ele possui, porém, a defendê-lo, um Pai valente e esclarecido e uma Mãe sagaz, e assim tem pela frente um porvir cheio de vitórias e êxito.

Ao distinto casal e a todos os amigos de Campinas, envio meus parabéns, e votos de prosperidade espiritual.

Uma viagem ao Sul

Daqui saímos no dia 5, às 6 horas da manhã, rumo ao sul, passando em São Paulo onde almoçamos e, logo em seguida, acompanhados do casal Ferreira da Costa Júnior rumamos para Curitiba, onde passamos a noite.

Confesso que ia um tanto apreensiva pela lonjura e pelo possível cansaço que sentiríamos, pois só parariamos para almoçar e à noite para repouso, até chegarmos a Pelotas.

Mas, apesar de percorrermos muitos quilômetros de estrada, passou-se tudo tão bem e foi tão agradável a viagem que só quando chegávamos é que notávamos o cansaço.

Em Curitiba, hospedamo-nos no Hotel Iguaçu, ótimo e confortável, onde saboreamos uma gostosíssima sopa de cebolas, quentinha de queimar a língua.

Estávamos ainda sentados à mesa, quando chegaram os nossos amigos, Sr. Virgílio Dias de Castro e senhora, sua filha Neuza e seu genro Dr. Norberto Buzzini, político influente em Rio Preto e inteligente jornalista, que seguiram viagem conosco. A alegria desse encontro foi grande e daí por diante a viagem tornou-se agradabilíssima, porque nos entrosamos todos muito bem e os três carros não se separaram mais.

Cada parada para o abastecimento dos carros e para o almoço proporcionava momentos de agradáveis e alegres comentários.

De Curitiba a Caxias do Sul nos encantamos com as lindas florestas, campos de pastagem e uma extensão enorme de parreiras carregadinhas de cachos de uva. Só que estavam verdes e eu, que contava saboreá-las, deleitei-me somente em vê-las. É linda a nossa terra! E o sul, então, prima pelas construções de madeira todas pintadas de cores alegres. O verde das matas, a beleza dos pinheiros do Paraná, que surgiram no meio da floresta, elegantes com os seus braços eretos, estendendo seus galhos decorados de viçosas folhas encantavam os nossos olhos. Havia também lindos pinheiros europeus, mas os do Paraná apresentam aspecto típico da terra.

Pousamos em Caxias do Sul, onde chegamos mais ou menos às 18 horas, e como o comércio só fechasse às 19 horas fomos visitar algumas casas comerciais, como malharias e uma fábrica de prata Eberle, onde vimos objetos em prata dignos de ser admirados como produtos nossos.

No dia seguinte, seguimos para Porto Alegre rumo a Pelotas. Paramos em São Leopoldo, almoçamos num pitoresco restaurante tirolês, servidos por uma moça vestida a caráter, assim como a decoração, também típica do Tirol. ótimo almoço num ambiente de alegria e bom humor. Fizemos questão de tirar uma foto, que esperamos tenha saído boa, com a garçonne tirolesa, pois valeu a pena a nossa visita a esse restaurante, pelo trato e pelo pitoresco do ambiente onde música típica e alegre se ouvia também. Nesse lugar a alegria e a emoção tomaram conta de todos nós.

Fizemos depois ligeira parada em Novo Hamburgo, para algumas compras de calçados e especialidades do lugar e seguimos rumo a Porto Alegre, onde um caso desagradável veio toldar o ambiente alegre em que nos encontrávamos. É que um

ônibus, quando atravessava a ponte sobre o rio Guaíba, caíra no rio, havendo mortos e feridos. Motivo que nos obrigou a ficar parados no meio da ponte, que é imensa, durante duas horas, sob um sol escaldante e num calor insuportável. Lastimamos sinceramente o acontecido, pelas vítimas, embora desconhecidas para nós. A fila de carros parados era enorme, não havendo possibilidades de seguir outro caminho, mas, assim que suspenderam o ônibus do rio, os veículos se puseram em movimento, continuamos normalmente nossa viagem, pois a estrada era ótima, só tinha retas, e chegamos assim à tardinha em Pelotas.

Aliás, todas as estradas que percorremos eram asfaltadas e, embora encontrássemos muitas curvas, como na de Caxias do Sul a Porto Alegre, viajou-se sempre muito bem. Quem ia à frente era o hábil volante Ferreira da Costa Júnior que, como seu pai, gosta de velocidade e "pisa" muito bem, com tato e habilidade. Ficava impaciente quando encontrava caminhão à sua frente. E no nosso carro que ia atrás do dele, meu marido, que não o perdia de vista, recomendava: – Cuidado Zezinho, cuidado! – mas o advertido não o podia ouvir, continuava tentando passar à frente dos caminhões, que são realmente um pesadelo para os bons volantes. Entendido porém em estradas e acostumado a cortá-las velozmente, sem perigo, guiou-nos muito bem até Pelotas, sendo cumprimentado pelo grupo que, volta e meia, referia-se à sua habilidade.

Foram quatro mil quilômetros ao todo bem corridos, sem acidentes e com grande alegria de todos nós.

Chegamos, enfim, a Pelotas num dia de grande calor, um pouco cansados, mas felizes pela recepção e acolhimento que tivemos. Encontrando tudo em completa ordem e grande animação.

Na próxima A RAZÃO descreverei a viagem de volta até São Paulo.

Após a inauguração da Casa Racionalista de Pelotas, feita com tanto entusiasmo e alegria e que já foi amplamente descrita neste jornal, começamos a nossa viagem de volta ao Rio.

Os dias em Pelotas eram quentíssimos, mas as noites deliciosas pela aragem que o Minuano oferece aos seus habitantes.

Saímos do hotel às 8 horas da manhã do dia 10, dispostos e alegres para percorrermos o mesmo caminho, passarmos pelas mesmas estradas que são ótimas e todas asfaltadas.

Paramos em Porto Alegre para almoçar e visitar a mãe de uma grande amiga e encontramos a cidade sob canícula horrorosa, muito semelhante a que temos aqui. Como fazia calor! Almoçamos num hotel argentino muito pitoresco, decorado de lindas espanholas, touradas e onde havia um cantador de músicas castelhanas que gentilmente cantou frente às nossas mesas deleitando-nos com sua harpa e melodiosa voz.

As músicas espanhola, argentina, mexicana e castelhana, enfim, são muito sentimentais, graciosas e possuem até certo salero.

Depois desse almoço num ambiente de alegria e bom humor, lá fomos nós rumo ao Paraná.

Começaram os carros a se movimentar. Ferreira da Costa sempre na frente, como guia e entendido de estradas; logo atrás o nosso, de onde o Sr. Cottas controlava durante toda a viagem o carro da frente, e o que vinha logo atrás era o do Sr. Virgílio Dias de Castro e família.

E hábito velho de meu marido quando viaja com outros carros estar sempre atento para que não haja desvio nas estradas e se atenda a qualquer pane ou enguiço.

Como na ida, quem ele mais controlava era o Ferreirinha que, bom volante que é e gostando de pisar como seu saudoso pai, o grande amigo Ferreira da Costa, não podia ver caminhão na sua frente e então começava a dançar para ver se podia passar à frente desses pesados e perigosos carros que se encontram a cada passo nas estradas. Mas o Sr. Cottas que não o perdia de vista prevenia: – Cuidado Zezinho, cuidado! Porém o Zezinho que nada ouvia continuava ansioso procurando oportunidade para passar à frente daqueles monstros que tanto o incomodavam, impedindo-o de correr.

Durante a viagem de vez em quando ouvia-se o estribilho do Sr. Cottas: – Cuidado Zezinho, cuidado!

O certo, porém, é que José Ferreira da Costa Junior é um ótimo volante; guiou-nos admiravelmente bem e chegamos sempre nos horários previstos sem aborrecimentos nem dificuldades.

De Porto Alegre fomos até Gramado, linda cidade do Rio Grande, onde pernoitamos.

Anoitecia quando saímos da estrada principal e entramos na que nos levaria a Gramado e logo notamos a quantidade de hortênsias que margeavam a estrada. Eram moitas e mais moitas tão unidas que pareciam paredes. Escurecia já, e os refletores dos carros batendo nas flores davam-lhes um tom prateado lindo. Assim andamos um bom pedaço do caminho até chegarmos ao Hotel das Hortênsias, onde tencionávamos pernoitar e que, como a estrada, estava também cercado de hortênsias. O hotel é um grande chalé estilo alemão, todo revestido de madeira envernizada, muito bem cuidado e limpo, possuindo hospedagem para apenas sessenta pessoas mais ou menos.

Desde a hospedagem à cozinha tudo ótimo. Comida de casa, caprichada e saborosa, excelente torta em que os alemães são especialistas, e saborosíssimo vinho das nossas uvas do sul.

Eram donos do hotel um casal alemão, cuja esposa chefiava a cozinha e fazia as tortas e o marido dirigia o hotel. Servia as mesas e fazia de camareiro o filho único do casal, de cabelos muito louros e crespos e faces rosadas. Rapaz forte de seus dezesseis anos mais ou menos, trajava uma jaqueta vermelha e calça de pelúcia preta. Era solícito e alegre. Encantei-me pelo rapazinho que parecia, pelos modos, idade e estatura, com um de meus netos, claro e robusto como ele. Fiquei pesarosa de não poder fotografá-lo, pois gostaria de mostrá-lo ao neto a que me refiro. Esse rapazinho muito amavelmente mostrou-nos todo o hotel até a cozinha e a lavanderia, que brilhavam tal o asseio e cuidado de seus donos.

No dia seguinte, de manhã, deixamos pesarosos o hotel, pois gostaríamos de nos demorar mais uns dias nesta cidade que soubemos depois tinha coisas bem interessantes para se ver.

De Gramado fomos até Curitiba onde pernoitamos no Hotel Iguaçu e, no dia seguinte, rumamos para São Paulo, parando apenas para almoço no meio do caminho. À tarde já estávamos em São Paulo e na manhã seguinte voltamos ao Rio, depois de nos despedirmos dos bons amigos que nos acompanharam toda a viagem e com quem nos entrosamos tão bem, tudo tendo corrido maravilhosamente e a contento de todos.

A Família Virgílio Dias de Castro seguiu para Rio Preto, Ferreira da Costa e Senhora para Marília e nós para o Rio, felizes, mas ao mesmo tempo saudosos de tão agradável convívio.

Que 1969 nos proporcione momentos felizes como estes e que haja sempre compreensão e união entre todas as criaturas, são os meus votos.

Os hippies

Recebi carta de Londres, de minha filha, que excursionava pela Europa, e transcrevo um trecho em que ela me fala sobre a revolta de certos adolescentes, que encontrou em alguns países da Europa.

"Mamãe,

Recebi A RAZÃO do mês de junho em Londres, no dia em que chegamos. Gostei bastante do seu artigo e depois de lê-lo pus-me a pensar que a senhora é que precisava aqui estar, pois tema para seus artigos, analisando hábitos, costumes e atual geração, encontraria bastante. Até a Áustria tudo ia relativamente sem muita diferença ao que aí já temos. Mas a partir da Alemanha é de estarrecer! O que a nossa mocidade aí faz de desabonável é nada, diante do que se vê aqui à luz do dia e em plena via pública. Em Londres, eles pelo menos têm casas comerciais, trabalham vendendo originalidades quer roupas, adornos, objetos ou cartazes. Só vendo é que se acredita. Nos outros lugares vivem pelas ruas e praças públicas que nem doentes mentais, sentados ao chão, imundos, descabelados, mas cabeludos, inteiramente à vontade, fazendo o que querem, alguns conversando, outros que nem idiotas, como a pensar com ar de bobos. Não sei se gostam de ser notados, mas parece-me que sim.

Não sei ou não entendo a razão dessa atitude.

Por todas as cidades por onde andamos vimos crianças bem cuidadas, sadias, pais amorosos. Nos fins de semana, em diferentes cidades, vemos a mesma coisa: casais com os filhos a passear e brincar nos parques de diversões ou nos jardins. A criança na Europa tem primazia em tudo, pelo menos, é o que tenho visto. As crianças em idade escolar (meninos e meninas) bem uniformizados, cuidados e sem diferencarmos o nível social de cada um. Aliás, desde que deixamos a Itália não mais vimos pessoas que parecessem necessitadas. Todas bem trajadas, (com boas vestimentas) embora o gosto variasse. Não sei se explico bem. O que desejo dizer é que até a adolescência o aspecto dos daqui é bem melhor que o dos nossos em igual fase. Mas os adolescentes, que tristeza! Por que? Revoltados com quem? Com os pais? Com os superiores? Com a forma de Governo? Mas será aquela a mais acertada maneira de expressarem revolta? Vivendo sujos, em ociosidade? Será essa a maneira de se defender uma idéia ou ideal, ou expressar revolta contra o que tanto os desagrada.

Dizem que os velhos tabus morreram ou estão morrendo. Às pessoas que pensam preocupa a rapidez com que antigas restrições estão perdendo sua força. Muitos psicólogos e sociólogos vêem nisso uma tendência perigosa para a irresponsabilidade e, em última análise, para a decadência social. Outros, no entanto, rejeitam a idéia de que transigência seja um indício de colapso moral. Artistas e escritores recebem isso como a libertação de uma era vitoriana de repressão à hipocrisia. Quer dizer então que dando expansão ao vício, à indolência e à imoralidade, é acabar com a hipocrisia, isto é, com as convenções, porque conduzindo-se como se conduzem esses rapazes e moças sem freio, sem pudor e até sem respeito por si mesmos, estão sendo sinceros porque extravasam o que lhes vai no íntimo?!..."

Termos de viver num grau de liberdade muito acima de tudo o que conhecemos no passado está certo, mas temos que empregar nossas inteligências e nossos padrões morais.

Tolerância e compreensão

Viver, todos vivem, mas como vivem é que é importante. A sensatez, a prudência e a moderação são indispensáveis a um bem viver.

Dar expansão ao seu "eu", ao seu temperamento, é sempre prejudicial, embora muita gente se desculpe com: "é meu temperamento". Temperamento controla-se, não se dá expansão quando se quer bem viver.

Há muita infelicidade, desunião de casais, desarmonia em família por causa da falta de contenção do gênio e da expansão temperamental das criaturas. Depois queixam-se de que sofrem, são infelizes etc.

A felicidade está muitas vezes pertinho de nós, mas nós mesmos a afastamos com a nossa maneira de ser e sentir. Ninguém pode fazer a felicidade de ninguém, se a própria criatura não concorrer para isso.

Uma coisa muito importante na vida é a tolerância. Não há perfeições na Terra, todos temos os nossos defeitos. Por que só se procuram ver, descobrir e censurar os defeitos dos outros?

Ser tolerante é ser compreensível e saber desculpar o seu semelhante, porque nós também erramos e gostaremos que nos desculpem.

Infelizmente, a vaidade e a pretensão é que concorrem para os desajustes.

Todos se acham "os tais", uns modelos, e ainda mais, querem, desejam, até exigem que outros pensem e ajam igualmente.

Há múltiplos temperamentos, mas por isso mesmo deve haver uma grande dose de tolerância e compreensão, que só as criaturas sensatas possuem.

Conheço casais amicíssimos e felicíssimos, que, longe de possuírem o mesmo temperamento, souberam usar a cabeça, a inteligência, contornando opiniões, modos de ver e sentir, vendo e ressaltando qualidades e desculpando e obscurecendo defeitos. Isto é que é saber viver! Porque encontrar tudo certinho, tudo igualzinho, jamais encontrarão. Há sempre um quê, um senão na vida dos seres, que precisa ser contornado.

Quando há amor sincero, amizade sólida, é muito fácil haver compreensão, mas só havendo o "quero porque quero", "é assim que tem que ser", ou o "eu cá sou assim", "comigo é ali, e é se quiser", tudo isso, enfim, muito comum entre os temperamentais, torna a vida em comum intolerável.

Por isso é que uma educação cuidadosa, desde a infância, deve ser ministrada às crianças, para que elas saibam se conter, se dominar, sem, é claro, perder a personalidade, pois esta deve existir sempre.

Admiro aqueles que mantêm o seu ponto-de-vista, a sua opinião, muitas vezes silenciando até, mais sabendo controlar-se sem chocar aqueles de quem discordam. E isso só uma boa educação ensinará.

Acho, portanto, que a desculpa de que têm muito gênio, são temperamentais, são francos e "não levam desaforo para casa" etc., demonstra apenas falta de educação. Porque, por um simples olhar de reprovação, um silêncio gélido, pode-se perfeitamente demonstrar opinião contrária ou discordância.

Ainda recentemente li, num matutino, uma entrevista do cientista Alfred Kastler em que ele, entre outras coisas, respondendo a perguntas que lhe fizeram, sobre "Que lição a vida lhe deu?" respondeu: "Muitas. Mas acho que o que melhor aprendi foi a tolerar. Uma das grandes causas das guerras sociais e religiosas é a intolerância. Esta é a fonte de todos os males. É preciso que aceitemos nossos semelhantes como eles são,

cada um na sua posição, cada um em seu caminho. O ex-presidente da América do Norte, John Kennedy, o homem que mais admirei, em 1962, eu o vi numa fala ao povo americano. Pedia aquilo que defendo: a tolerância. Apelava para o branco, pedindo que deixasse o racismo. Fiquei impressionado. Foi uma dessas pessoas que se vê, se ouve e não se esquece".

Sejamos, pois, para bem viver, sobretudo tolerantes.

Dois datas caras

Neste mês de janeiro há duas datas que me são caras: uma me é caríssima, pois assinala o nascimento de meu querido pai, 3 de janeiro. Outra me é cara, mas dolorosa, 15 de janeiro, dia em que ele partiu deste mundo, deixando-me um grande vácuo.

E ao lembrar-me dele nesses dias vêm-me à mente coisas que são sempre agradáveis recordar.

Há dias, meu marido, conversando com amigos, contou que meu pai lhe dissera, quando me pediu em casamento, que não sabia se eu o acompanharia na Doutrina. Confesso que não gostei, porque podia parecer que meu pai não confiava em mim. Mas, sei porque assim se expressou meu arguto e inteligente pai. Ele conhecia a filha que tinha, o seu temperamento e o seu gênio alegre. Nas longas conversas que mantinha comigo ele sondara bem a minha maneira de pensar e uma coisa procurava nessas ocasiões combater: era o sentimentalismo, porque eu era uma moça afetiva, alegre, mas muito romântica. E ante as grandes responsabilidades da Doutrina que ele entregou a meu marido, cujo temperamento meu pai também procurou conhecer, sentindo nele a severidade de homem reto, que quebra, mas não verga, antes dele me pedir em casamento, receava que eu recuasse. Mas, creio que meu pai esqueceu-se, nesse momento, que sendo filha dele, herdei o seu espírito de luta e, de minha mãe, o espírito de sacrifício e abnegação.

Ele foi sempre um espírito forte e empreendedor e minha mãe foi uma mulher abnegada, sensível e que lhe era dedicadíssima. Meu pai fez-me sempre sentir que a vida não era aquela que eu sonhara quando moça, recém-saída de um colégio, onde, fora as dificuldades e preocupações dos exames, tudo me sorria. As minhas professoras me chamavam de "enfant gatée" ("menina mimada") e realmente meu pai e minha família me mimavam, talvez por meu temperamento sempre acessível e cordato. Mas, não me estragaram, porque eu soube enfrentar a vida e assumir a responsabilidade de esposa de um homem que nunca viveu para si e que sempre colocou a Doutrina em primeiro plano, acima mesmo de sua família.

Difícilmente se modifica o temperamento, e o meu, com algumas modificações forçadas pelas contingências da vida, ainda é o mesmo, pois em diversas oportunidades eu me encontro sentindo e expandindo o meu gênio alegre e animado, que gostaria que minhas filhas todas tivessem herdado, porque suaviza bem os momentos difíceis e árduos da vida.

Por isso, aquela que meu pai receava que não acompanhasse o marido na Doutrina, de todas as suas filhas, foi a única que se manteve firme ao lado do marido, e me parece que lhe tenho dado provas suficientes de muita coragem e desprendimentos em certas lutas bem duras que temos travado juntos.

O que procuro é encarar as coisas como elas se apresentam, sempre de frente e sem fanatismo. Detesto os fanáticos, porque estes não raciocinam e aceitam tudo que lhes impingem.

Procuro ver os prós e os contras e seguir sempre o que está certo e é racional e justo.

Agora, por exemplo, assim me externando estou revelando o temperamento de meu pai. Quando me sinto sentimental, condoída com o sofrimento de um amigo querido, a quem procuro confortar, ou quando me sacrifico por algo difícil, demonstro o temperamento de minha mãe.

E alegre, folgazã e disposta, é o meu temperamento especial, diria particular.

Termino afirmando que meu pai, conhecendo esse meu temperamento em todas as suas modalidades, receava que não acompanhasse meu marido na Doutrina, onde me esperavam grandes responsabilidades, mas esqueceu que eu era sua filha, que podia ter herdado o seu espírito de luta e filha também de Maria Tomásia, aquela doce e abnegada companheira, que sabia sofrer com resignação, que o adorava e que o acompanhou até o fim da vida.

Casa e lar

Li num ladrilhinho branco uma frase simples, mas verdadeira e tanto mais se nos detivermos na vida moderna, no que vai por aí em matéria de congregação familiar. Eis a frase: "Casa é feita de pedra: Lar é feito de amor".

Quem procurar pelos recantos da cidade uma situação perfeita de vida moderna, quem arregalar os olhos ante os embaraços por que passam os seres nascidos e vivendo sob o mesmo teto, facilmente chega a esta conclusão lamentável. É que hoje há muitas casas, mas poucos lares.

Culpam em parte os apartamentos atuais, tais como salas e quartos conjugados, onde não há lugar bastante para toda a família, cujos membros procuram a rua, diversões lá fora e só voltam à casa lá pelas tantas, quando alguns dormem e outros ainda não se recolheram.

Daí a indiferença que vai chegando, cada qual para seu lado e as opiniões que não se trocam, os sentimentos que não se demonstram nem se expandem. Seguem sozinhos, pensando a seu modo, sem ouvir conselhos, sem perguntarem uns aos outros o que acham de tal idéia ou procedimento. A vida livre se estabelece, a independência suplanta, pais e filhos não mais se entendem, não mais meditam em conjunto, não mais dizem o que querem e por que querem tomar essa ou aquela atitude. Vão-se assim acumulando os erros, sem a opinião de uma voz autorizada e amiga, de uma troca de pensamentos, girando em torno do verdadeiro amor familiar.

Tornam-se assim os seres desligados entre si, separados marido e mulher, pais e filhos, por força de hábito que gera a falta de confiança, o desamor, a carência de harmonia, que une ou deveria unir os membros de uma mesma prole, que mal se vêem, mal se falam, não mais se compreendem. Procuram, então, com estranhos a felicidade que não acham, a ventura perdida, a verdade transformada em ficção, conseqüência de diálogos estéreis.

Surge, então, infalivelmente, na dureza de sua estrutura de pedra, a casa construída pelas mãos do homem. O lar, este feito de fibras de amor, edificado sob esse nobre sentimento, desaparece aos poucos, torna-se uma frustração, um erro, um arrependimento, um mal sem cura, uma dor sem remédio, paredes fendidas pelas rajadas, pelos vendavais do tempo, do tempo perdido entre experiências de mentalidades diversas e falhas de almas descontroladas, de corpos que não se unem, de amores que nasceram para viver e se completarem num lar que deveria ser o recanto da família, onde se guardassem as alegrias e tristezas e que, no entanto, vem sendo transformado em ruínas.

Que mãe es tu?

– Serás zelosa ou piegas? – És cuidadosa? – Cuidas de teu filho com carinho, com naturalidade, vendo que nada lhe falte, corrigindo-o quando preciso, enfim, zelas por ele como toda mãe normal deve fazer? – Ou serás piegas, amando o teu filho esganadamente, vendo em tudo uma ameaça, imaginando perigo nas mínimas coisas que normalmente acontecem, mimando-o demais e não o corrigindo nunca?

– Serás Mãe displicente ou indiferente? – Talvez displicente, não? Daquela que tudo está bem com os filhos. Tanto faz andarem limpos como sujos, que se alimentem bem e a horas certas, ou não; tenham educação ou sejam mal educados. Quer-lhes bem, mas cria-os à lei da natureza. – Serás assim?

Espero também que não sejas indiferente a eles, sendo mãe só porque puseste filhos no mundo, mas que desconheces às vezes até que eles existem, por onde andam, com quem andam, o que fazem ou deixam de fazer. Se és assim, és a pior das mães, és uma criminosa.

Toda mãe almeja ser querida pelos filhos e há muitas que o são, mesmo sem o merecer; porque há mulheres que, não sendo cem por cento como mães, possuem filhos que as adoram e outras, que tendo sido mães boníssimas, até em excesso, os filhos lhes são indiferentes. São circunstâncias da vida e que, psicologicamente, devem ser analisadas porque, neste último caso, há sempre um motivo qualquer, talvez até zelo acintoso demais, que em vez de aproximar os filhos os afasta.

A mãe boníssima, por vezes, exagera atenções e cuidados com os filhos, controlando-os muito a ponto de irritá-los e fazer com que eles se sintam acovardados e tímidos. A posição da mãe para com os filhos é muito delicada, principalmente no modo como levá-los.

Mãe que não procura conhecer o temperamento dos filhos, e não possua tato para levá-los e guiá-los na vida, fracassa calamitosamente.

Nem sempre são as mães que mais falam e que insistentemente repisam os erros dos filhos, embora com intenção de corrigi-los e até de vê-los perfeitos, as que conseguem ser amadas e respeitadas por eles.

O amor materno exagerado e obsessivo tem concorrido para o fracasso de muitos filhos. Daí o apelido de "filhinhos da mamãe" que eles ouvem muitas vezes de seus próprios colegas, e que os revolta.

A melhor mãe é aquela que corrige o filho estudando o seu temperamento, que nunca é igual ao dos outros filhos e, quanto mais difícil ele é, mais tato e compreensão

deve ter a mãe, que falará pouco, mas agirá inteligentemente, a fim de merecer a confiança do filho.

É preferível ser ela a confidente de seu filho, para que ele não vá procurar fora de casa o que a mãe intransigente e agressiva lhe nega.

Há mães que não pensam assim; acham umas que os filhos depois da infância devem se arranjar como quiserem e puderem, principalmente se são homens; outras pensam que têm que estar sempre sob os seus olhos ou agarrados às suas saias. Cheias de pieguismo, vivem a controlá-los tornando-os uns "bonecas", tão comuns hoje em dia.

Alerta, mãe! Cuidado com esse amor piegas!...

Há uma outra espécie de mãe, aquela que acha que só ela tem direito sobre os filhos e que faz do pai o "bicho-papão", de quem esconde tudo o que se passa em casa e até o desautoriza. Essa mãe é perigosa porque, negando a autoridade do pai, afasta os filhos e, com sua condescendência, mais tarde se sente importante para controlar os filhos que serão, sem dúvida alguma, uns fracassados na vida.

Entre marido e mulher deve haver união de vistas quanto à educação dos filhos, para que um e outro colaborem unidos, estudando o temperamento dos filhos e procurando a melhor maneira para os conduzir. E olhem que a tarefa não é fácil!... Por isso, a mãe que deseja ver seus filhos felizes deve procurar a colaboração do pai, porque sozinha ela não dará conta do recado.

A mãe normal, aquela que zela e cuida de seu filho com inteligência e tato, é para mim a melhor mãe.

Que mãe és tu? Gostaria de saber.

Um trio maravilhoso

Esclareço que se trata de um trio maravilhoso de títulos e, que faço parte dele: Mãe, Avó e Bisavó.

Dia onze de maio foi o Dia das Mães e não posso fugir ao assunto, já que todos falam dele. E como nunca é demais fazer lembrar o que significa ser Mãe, estou certa de que me compreenderão todas as mães que se orgulham de o ser.

A vida, minhas caras amigas, é tão cheia de altos e baixos, de surpresas e decepções, que tenho pena da mulher que não tem o consolo de ser mãe, avó e até bisavó. Os filhos enchem a nossa vida, quando novos, e confortam e consolam, quando idosos, dando-nos netos e estes, bisnetos, como já aconteceu comigo.

Mãe nova sente a alegria de ter um filhinho, de aconchegá-lo ao seio, de acarinhá-lo, de ver surgir o primeiro sorriso, as primeiras gracinhas. É um enlevo constante, e ela vive muitas vezes alheia ao que a espera quando eles chegam àquela idade em que todos dizem: "Filhos criados, trabalhos dobrados".

Quando vejo a alegria de uma mãe ao ganhar os primeiros filhos, fico pensando: – Não sabes o que te espera. Por muito bons que os filhos se tornem depois de criados e educados, não se podem esquecer os trabalhos, cuidados, apreensões e sustos que eles deram durante a sua criação, as grandes preocupações que surgiram na adolescência, fase dura e difícil para toda mãe, principalmente na atualidade! Ainda depois de adultos, quantas vezes não sofre e se preocupa uma mãe com um casamento que não deu certo e

se aflige com a vida dos netos, frutos dessa união infeliz. É, pois, bem certa a frase do poeta, que diz: "Ser mãe é padecer num paraíso".

Entristece-me ver e saber como há filhos e mães indiferentes, casais desunidos, moços e moças desajustados pela incompreensão dos pais.

E, quando constato, principalmente entre aqueles que vivem num meio agitado como é o artístico, mulheres como a eleita Mãe artista do ano, eu a admiro e exalto pela sua linha de conduta, como agora o faço ao ler no "Diário de Notícias" uma reportagem sobre a conhecida atriz de teatro, cinema e televisão, Renata Fronzi. Com o título que lhe deram, ela se sente feliz e realizada por ter bem encaminhado seus filhos, que, além de estudarem, trabalham. Diz que sempre dialogou com eles, pondo-os desde cedo a par das resoluções da vida familiar e por isso os dois filhos sabiam que ela saía de casa para trabalhar, a fim de ajudar na economia da família dedicando todas as horas livres ao lar, pois ela e o marido não faziam vida social, desde que os filhos nasceram.

É pois com simpatia que transcrevo a mensagem que Renata Fronzi enviou às mães brasileiras, artistas ou não:

"É muito importante para todas as mães viver em constante contato com os filhos e fazer com que eles participem da vida e dos problemas da família. A responsabilidade de colocar um filho no mundo é muito grande, por isso é preciso renunciar a muitas coisas em favor deles. Nós, os pais, em especial as mães, temos que estar em casa, sempre com eles, para ajudá-los a resolver seus problemas, e, também, porque a nossa amizade tem que começar de muito cedo e se eles não nos encontram ao seu lado irão em busca de outras amizades, que muitas vezes podem não ser muito boas".

Por isso, apesar de ter conquistado o trio maravilhoso de títulos, concordo que ser Mãe e chegar a Avó e Bisavó, é realmente "padecer num paraíso"!

Ser bisavó

Estou achando um acontecimento fabuloso o ser bisavó!

O ser avó já é gostoso, dá-nos uma sensação de dupla maternidade, calculem bem o que estou sentindo em ser bisavó!

Se quero bem às minhas filhas, quero duplamente aos meus netos, e ao bisneto ou à bisneta, então, nem se fala!

Quando este artigo sair ele ou ela deve ter chegado, pois com antecedência escrevo, visto ter que correr a São Paulo para assistir a seu nascimento.

Vi nascer todos os meus netos, sobrinhos e filhos de meus sobrinhos; não posso, portanto, deixar de ver nascer o meu primeiro bisneto.

Enquanto o espero, penso, medito bastante preocupada já com o seu futuro. – Como será o seu mundo? Que dificuldades encontrará?

A mãe, minha neta, e os outros netos já estão com a semente lançada em suas almas, já estão avisados, já sabem o que os espera neste mundo tão cheio de surpresas. Mas ele, coitadinho, encontrará ao nascer um mundo agitado por desentendimentos, incompreensões, guerras e para ele tudo será uma interrogação.

– Seguirá as pegadas do pai, se for homem, sendo ele inteligente, empreendedor, bom caráter, amigo da família? – Será, se for menina, igual à mãe, boa filha, verdadeira, estudiosa, inteligente, com marcante personalidade e força de vontade?

Vemos tanta coisa errada hoje entre a mocidade! Tanta Pais desgostosos com a conduta dos filhos e vice-versa, filhos desgostosos e descontrolados pelo abandono dos pais!

A mocidade é boa, os jovens uma promessa para os mais velhos e principalmente para os avós que vieram de um passado mais calmo, mais compreensivo, em que o respeito e a consideração dos filhos eram coisas naturais.

Admiro as inteligências desses moços e moças, compreendendo-os e desculpando os seus deslizes, produto, na maioria das vezes, da má orientação dos pais e, sobretudo, das más companhias, que sempre houve, mas que os pais procuram afastar de seus filhos, com tato e inteligência. Não é proibindo arrogantemente e agindo com despotismo que se orientam e guiam os filhos, principalmente nesta época! É pela persuasão, por argumentos inteligentes, realistas e não piegas que os pais têm que orientar os filhos.

O "não me incomodo" e a desculpa de que "é mal da época", para quem tem boa formação moral, não são aceitáveis.

Para tudo há meio-termo. A vida hoje deve ser mostrada aos jovens na sua realidade, seja ela mesmo crua, porque não adianta alimentar ilusões nem romantismos. É preciso que eles saibam se defender contra os vícios e os maus costumes e não é escondendo-os com falso puritanismo que se orienta a mocidade que, desprevenida, se desarvora e vai se deixando levar pelos caminhos do vício e da perdição moral.

Gosto dos jovens de hoje, converso com eles e admiro a sua inteligência. Possuem idéias até engraçadas que, bem analisadas, têm a sua razão de ser.

O que lhes falta é unicamente orientação. E só aos pais cabe o papel de seus orientadores por serem os mais chegados a eles.

Por isso, preocupa-me bastante o futuro do meu bisneto, como me preocupa ainda o de alguns netos em idade de transição.

Mas, assim como confio nas minhas filhas e nos meus genros, como bons orientadores, espero que minha neta e seu marido façam do filho ou filha, que já deve ter chegado, um jovem ou uma jovem igual a eles em caráter, atividade e honestidade.

Maio

Em maio criaram-se duas datas que se tornaram gratas: o Dia do Trabalho e o Dia das Mães.

Naquele, o Dia do Trabalho, dirigem palavras bonitas ao trabalhador, que preferia muito mais que o considerassem de outra maneira, facilitando-lhe a vida e reconhecendo o seu esforço, a sua produção. Porque prometerem-lhe mundos e fundos, "bancando" os defensores do trabalhador, não basta. O trabalhador, quando o é de fato, sabe se defender muito bem sozinho com o seu trabalho e só quer que não o iludam com promessas vãs todos os anos.

Assisti na televisão à exposição do Sr. Ministro do Trabalho e, com franqueza, não vi nem ouvi nada que estimulasse ou amparasse o trabalhador. Tudo muito bem

decoradinho, rabiscos no quadro-negro, mas estímulos, proteção, amparo mesmo, nada. Apenas demagogia.

O Presidente da República, esse, nem se dignou dirigir-se ao homem do trabalho. Também para que e porquê? Se "sombra e água fresca" é melhor que trabalhar por um Brasil que é rico, que tem tudo e que não precisa senão de homens! O principal é encontrar esses homens. Aí então, sim, o trabalhador viverá feliz porque terá trabalho e um custo de vida acessível ao seu ganho.

Enfim, como nem tudo está perdido, aguardemos a aparição desses "salvadores da Pátria".

Quanto ao Dia das Mães, a data é realmente significativa, pela sua delicadeza e sentimento que desperta nos filhos, alguns esquecidos daquela que lhes deu o ser e que por eles se sacrificou. Porque há filhos indiferentes às mães e que não as poupam nem as consideram.

Esse dia talvez os faça recordar aquela criatura que muitas vezes os amou demais, mimou-os exageradamente e, por isso mesmo eles, uma vez adultos, pagam-lhe com o pouco caso e ingratidão tudo o que ela fez por eles.

Conheço ótimos filhos, dedicados e respeitadores, mas também sei de alguns maus filhos.

Vou dizer às mães uma verdade, conclusão que tirei de certas observações que venho fazendo:

—Aqueles mães que criam filhos esganadamente, dando-lhes atenções excessivas, sacrificando-se cegamente por eles, ao ponto de não lhes reconhecer os defeitos e, assim, não corrigi-los nem consentindo que os contrariem, estas quase sempre são as menos queridas, porque os filhos se "encheram", como dizem, de tantos carinhos e excessivos zelos que muitas vezes se tornam até ridículos perante os outros.

Meu pai costumava chamar os filhos mimados, quando adultos, de "filhinhos da mamãe". Ficam sem personalidade, são covardes, quando não dão até para coisas piores.

Mãe, na verdadeira acepção da palavra, é aquela que cuida do filho, desde que nasce, com inteligência, não lhe pondo maus hábitos, como dar-lhe colo a toda hora, viver cheia de receios e medo que lhe aconteça algo. Deve criá-lo desde pequeno com método, dando-lhe alimentação a horas certas, corrigindo-lhe as manhas e evitando que adquira maus hábitos com desculpas de que "é pequenino", "não sabe o que faz", e outras.

E conveniente não esquecer o velho ditado: "É de pequenino que se torce o pepino". Toda mãe que cria os seus filhos com amor, mas sem pieguismo, elogios, julgando-os uns fenômenos, embora note neles inteligência, são as mais felizes, porque criaram verdadeiros homens, incentivando-os para o estudo e trabalho e dando-lhes, assim, personalidade.

Condene toda mãe piegas e de idéias enfermiças, porque ela está concorrendo para legar à sociedade uns párias, anormais e infelizes.

A mãe que almeje que seus filhos a estimem, que saiba ser mãe e não "mãezinha", terá filhos amigos, respeitadores, que saberão honrar a sua velhice.

A importância das recordações infantis

"Possuímos memória para que possamos colher rosas no inverno da vida".

Nenhum pai pode saber realmente qual a lembrança que, plantada na infância, se transformará em rosas, mais tarde.

Muitas vezes as nossas recordações mais vivas e duradouras são de coisas aparentemente simples e até banais passadas na infância.

Contarei uma história real que li há pouco tempo:

Pai e filho estavam pintando a grade da varanda de sua casa e faziam planos para comemorar o 15º aniversário do rapaz. E, lembrando-se de como a meninice deste havia passado depressa, pergunta ao filho:

– Do que é que você se lembra mais de quando era pequeno?

E ele respondeu logo-

– Da noite em que íamos de carro, não sei para onde, só você e eu numa estrada escura e você parou o carro e me ajudou a pegar vaga-lumes.

– Vaga-lumes? - perguntou o Pai admirado.

– Sim, vaga-lumes. Não se lembra, Pai?

Começou então o homem a recordar-se de uma viagem que fizera dirigindo até tarde da noite e havia parado para limpar o pára-brisa, quando de repente, foram cercados por uma nuvem de vaga-lumes. O filho tinha apenas cinco anos de idade e ficou encantado com o espetáculo querendo pegar um vaga-lume. Ele, que estava cansado e ansioso por chegar ao destino, ia dizer-lhe que não tinha tempo, mas de repente mudou de idéia e num vidro que trazia na mala do carro enfiou dezenas de insetos, tampou e entregou ao filho. O garoto ficou encantado vendo brilhar os bichinhos dentro do vidro.

– Por que você se lembra disso? Indagou o homem.

– Não sei respondeu o rapaz, mas creio que foi porque nunca pensei que você fosse parar e pegar os vaga-lumes para mim... E você foi tão bonzinho, que parou!...

Se os pais soubessem como há recordações que ficam gravadas eternamente na memória dos filhos, lhes proporcionariam sempre momentos agradáveis. A responsabilidade paterna e materna nesse ponto é impressionante.

Se as recordações da infância são tão importantes, que podem os pais fazer para ajudar a proporcionar a seus filhos uma boa coleção delas?

Devemos nos lembrar de que para eles a infância é a realidade e não uma simples preparação para a realidade. Não nos esqueçamos também de que as recordações da infância podem formar a personalidade adulta. "O que descrevemos como caráter, escreveu Sigmund Freud, baseia-se nos vestígios de reminiscências da nossa primeira juventude".

Os pais podem e devem procurar encontrar a energia, o tempo ou entusiasmo extra para executar esse projeto, pequenino e "insignificante" mas tão importante para a criança, que é uma recordação. Devem manter as tradições e rituais da família. As comemorações simples, que aos pais não parecem importantes, para as crianças podem ter enorme significação.

Um passeio tradicional, uma visita, um jantar em família no aniversário de alguém são coisas muitas vezes significativas para os jovens, mesmo na época em que achamos que ele ou ela já deixou de lhes dar valor.

Finalmente, os pais podem, por seus atos ou palavras, comunicar emoções e experiências aos filhos. Podem deixar-lhes lembranças de coragem e não de medo; de força e não de fraqueza; de calor e afeição e não de rigidez e frieza. É pensando nessas recordações que se enraízam reações e sentimentos que tornam o homem forte em relação à vida.

Convém, pois, lembrar que as crianças nos espreitam ávidas de emoções, que ficarão gravadas na sua memória a vida toda. E por isso devemos ter o cuidado de bem impressioná-las sempre e não decepcioná-las, faltando-lhes com a verdade ou dando o espetáculo quase sempre desagradável de discussão e desinteligência entre os pais, que são os ídolos de sua infância e que, de acordo com as suas atitudes, podem criar traumas psicológicos nessas criaturinhas que gravam e não esquecem nunca o que observaram e viram na sua infância.

É preciso, pois, que todos os pais se lembrem de sua responsabilidade em proporcionar aos filhos, na infância, um espetáculo agradável que eles guardarão eternamente.

A esperança

Aqui estamos nós nos primeiros dias de 1970. O que ele será, ninguém sabe, ninguém poderá prever, é claro. Todavia há sempre uma esperança, ainda que ligeira, de que nos venha trazer pelo menos algumas compensações. É bem verdade que muita coisa dependerá de nosso comportamento, de nossas revoluções, de nossa preocupação, de não perturbar a vida mais do que ela já está conturbada.

Não vejo, porém, uma perspectiva muito alvissareira. O mundo mantém-se, em certas regiões, em atitude permanente de defesa; noutras, de agressão. As próprias gerações complicam a sua existência com excentricidades, pouco caso, pouco amor aos estudos, revolta e desobediência aos pais.

Esquece a juventude o que os antepassados, os velhos, "os quadrados", como ela diz, lhe deram em esforço, inteligência e calor, presenteando-a com esse mundo admirável que encontraram em pleno funcionamento, com inventos fantásticos, criações extraordinárias, que outros moços do passado têm sabido aperfeiçoar e acrescentar, contribuindo para maior evolução e progresso do Universo, quer no terreno das ciências, quer no das artes.

Não deve, pois, essa juventude excêntrica e fútil dizer que os mais velhos falharam, que lhes entregaram um mundo vazio de homens e de idéias. Refiro-me a essa mocidade que anda por aí suja, excêntrica, aos *hippies*, porque os jovens estudiosos e inteligentes não pensam assim nem se prestam a papéis tão ridículos, deitados e sentados nas praças, sem tomar banho, sem higiene nenhuma, com cabelos crescidos e em desalinho.

Não será essa indolente mocidade, sem dúvida nenhuma, que irá reconstruir o mundo que os "quadrados" lhes legaram. Quem deve ajudar a reconstruir o mundo são esses moços, que ainda os há em número maior com sua inteligência, perspicácia, bagagem intelectual, adquirida nas universidades.

O mundo sempre existiu pronto para ser depositado em mãos hábeis, capazes, mas não a loucos e anormais que vivem, andam e dormem à custa de entorpecentes.

Não há dúvida que precisamos da juventude para dar um toque novo e progressista ao presente e ao futuro, expurgando o mundo de seus erros, de seus equívocos, das suas tradições exageradas, do ranço do passado para dar-lhe uma inspiração vibrante que, ajudada do *élan* e da energia dos moços, irá por aí afora. Juventude representada por aqueles moços que eu aprecio, inteligentes e estudiosos.

Tudo junto e irmanado: experiência e tirocínio de uns e arrojo e coragem destemerosa de outros terão que resultar em vantagem para todos e haverá harmonia e equilíbrio na vida em comum.

Somente assim, não tenhamos dúvida, poder-se-á viver em paz, sem esse eterno espantinho da guerra, causada precisamente pela desconfiança, desrespeito à autoridade e à lei, virando o mundo em anarquia e confusão em vez de ordem e progresso.

Poderemos ter confiança neste ano e nos outros que vierem se os homens se sentirem responsáveis pela paz, acabando com essa bacanal despropositada, com esse orgulho desmedido, com essa diferença de fracos em face dos fortes e de ricos diante dos pobres.

Os perigos da moda

Os costureiros, na sua maioria, exploram a vaidade feminina. Sempre houve costureiros exagerados que, diga-se de passagem, não são os mais chiques, e os moderados, criadores de uma linha sóbria e bastante feminina. Toda mulher deve se preocupar em parecer cada vez mais feminina e fugir de tudo que a possa masculinizar, como acontece com certos modelos criados ultimamente que, com sua linha reta, negam-lhe até as formas naturais do corpo.

Através da modas a mulher com arte tem mil maneiras de se desumanizar. A mulher de biquíni; por exemplo, perde muito de sua condição feminina. Ela chega ao ponto de não despertar mais curiosidade em ninguém, principalmente no homem, que passa a vê-la como uma coisa vulgar, completamente desinteressado e, talvez, até enojado.

Fala-se, por exemplo, agora em criação de vestidos transparentes, deixando ver quase todo o corpo. Onde está a arte e elegância desses vestidos? Devem dar a impressão de uma mulher debaixo de um chuveiro, segundo os modelos que já vi, completamente retos e transparentes.

Não creio que tal moda seja aceita por diversos motivos e o principal é que, com esse desnudamento, a mulher desvia por completo o interesse do homem pela sua pessoa, que passa a ser uma qualquer e, portanto, a não merecer o seu respeito e consideração. E isso seria descer demais, não acham?

Que a mulher goste de se vestir bem, de se enfeitar, se maquilar, tudo isso é natural, é feminino, mas perder de todo o pudor é perder o amor e o respeito a si mesma.

Esse sensacionalismo que se vem apoderando dos costureiros, e que não passa de concorrência entre eles, deve ser combatido pelas mulheres, principalmente por aquelas que têm o prazer de se vestir com elegância e que sempre primaram pelas linhas sóbrias que são as que dão o chique às mulheres.

Com os vestidos em linha reta, torna-se a mulher uma reta também, como se observa nos modelos de Courrèges, acrescido dos joelhos completamente de fora, que a

nosso ver são bastante deselegantes, pois é raro ver-se um joelho bem feito, digno de ser admirado.

Se os homens se estão tornando indiferentes às mulheres, se eles já as amam tão pouco, é porque o amor é prejudicado na sua espontaneidade, por todas essas interferências da moda.

É inconcebível, por exemplo, o mal que um biquíni exagerado, que de duas peças passou a ser apenas um triângulo, pode fazer a um romance.

Homem e mulher talvez nem percebam que o exagero da moda é uma doença do nosso tempo, puramente psicológica.

Devemos considerar o vestido como um conjunto de relações entre a beleza, a moral e a ética. Deve estar vinculado aos costumes familiares e sociais realçando a elegância feminina. Assim, devem encarar todas as mulheres o modo de vestir-se e não se esquecerem que mulheres desnudas só agradam àqueles que não vêm nessas mulheres a sua esposa, irmã, filha ou noiva. E depressa se enjoam de todas elas, pela vulgaridade, tanta nudez e despudor.

Uma mulher nunca deve querer se tornar vulgar, principalmente por espírito de imitação, porque assim procedendo ela está perdendo a sua personalidade, o seu valor feminino e, por conseguinte, o amor, o respeito e a consideração dos homens.

Os cabeludos

Li há dias num jornal que os estudantes que desejam viajar para os Estados Unidos, fazendo parte do programa "Juventude para o Entendimento", são obrigados a cortar os cabelos compridos que tanto enfeiam os rapazes e a alguns dão até impressão de descuidados e sem higiene.

O presidente e coordenador do programa, Sr. Sansão Campos Pereira, exigiu que eles tivessem seus longos cabelos cortados antes de embarcar e para isso improvisou uma barbearia no Galeão e declarou: – "Estudante cabeludo não viaja no meu grupo. Desde que assumi a coordenação do Programa venho fazendo esta exigência e temos obtido bons resultados".

Todos felizmente aceitaram a medida com esportividade, mesmo porque é sabido que cabelo bem aparado e penteado é sinal de limpeza e boa apresentação, o que concorre para que os nossos jovens sejam bem recebidos nos lares norte-americanos, sendo o Brasil atualmente o país que mais envia estudantes aos Estados Unidos, dentro desse programa de confraternização e cultura.

Bancos e sociedades importantes também fazem essa exigência.

Realmente, a boa aparência é tudo. Os rapazes bem apresentados impressionam pela distinção no porte e na educação.

Bem sei que muitos rapazes distintos se entusiasma pela novidade e usam-na, e até sei que as próprias moças acham bonito. Mas é que nem eles nem elas se lembram que há cabeludos de toda espécie hoje por aí e alguns até bem pouco recomendáveis, pelo seu caráter e vida duvidosa, adeptos de entorpecentes, maconha etc. Suponho que igualar-se a tipos dessa espécie é rebaixar-se muito. Já não me refiro a alguns artistas que talvez para se tornarem mais originais assim se apresentam em público. Mas mesmo

entre eles há rapazes dignos e outros bem ridículos, como certos cantores que com suas atitudes anulam até o que de talento musical possam oferecer.

Excentricidade sempre existiu entre artistas, como pintores, músicos, poetas, que gostavam de criar tipos diferentes. Mas na atualidade abusa-se não de tipos excêntricos, mas de exposição de tipos ridículos e sujos. Sujos mesmo, porque em São Paulo um diretor de televisão exigiu que certo casal de artistas fosse se lavar primeiro para depois se apresentar em público.

Sabendo disso, creio que rapazes inteligentes e estudiosos não devem se igualar a esses tipos que merecem até pena de todos nós.

Sabemos que muitos pais vivem em constante atrito com os filhos por causa do corte de cabelo, e por isso a esses jovens dirijo um apelo:

Em vez de considerarem os Pais "quadrados", procurem primeiro compreender os motivos que os levam a adverti-los e que não devem ser outros senão estes que aqui aponto.

Um rapaz distinto deve se destacar pela aparência fina e educada, que não é só privilégio dos filhos de pais ricos. Todos podem andar limpos e corretamente vestidos, com pouco dinheiro, com traje esporte ou social.

A distinção está no tipo da criatura e não no dinheiro. Há muita gente rica que não sabe se tratar com distinção.

Usem seus cabelos aparados dentro de cortes modernos, que sei que existem, e sempre existiram, mas não andem cabeludos a ponto de se confundirem com as mulheres.

Inquietação

– Estás tão inquieta... Por quê?

– Não sei... Não estou tranqüila...

– Algum pressentimento?

– Talvez... Mas não atino com o motivo dessa inquietude. Quero algo que não possuo, mas nem sei propriamente o que seja...

– Conhece-te então primeiramente, minha amiga, pois sem te conheceres a ti mesma, não vais nunca saber a causa dessa inquietação, nem o que queres.

– O que vejo os outros fazerem, gostaria de fazer também, mas ou não tenho jeito ou não há chance...

– Pobre amiga! Esse teu estado de vacilação deve te fazer sofrer muito. Falta-te personalidade, força de vontade. Não procuras ser tu mesma, mas pretendes ser igual aos outros, imitadora, portanto.

– Imitadora, não! Quero fazer o que os outros fazem e não posso, não consigo...

– É por preconceito? Não. Conheço-te bem. É por simples espírito de imitação.

– Quisera, por exemplo, ser como tu independente, ativa, vitoriosa em tudo que te metes.

– Ah! É?! Engraçado! Em que é que eu sou independente? Tenho família a quem respeito e dou satisfação dos meus atos. Sou ativa, sim, tenho opinião própria, mas

respeito os mais velhos sem lhes esconder a minha opinião. Sou sincera e leal para com todos e quando tento novo empreendimento, não o faço aereamente, mas com consciência do que estou fazendo e nunca dá certo, ouve bem! Porque cada um tem um feitio diferente, temperamento diverso e nunca pode ser igual a ninguém nem fazer nada igual sem se arrepender.

Nada se consegue, minha amiga, sem persistência e espírito de sacrifício.

Ninguém é totalmente independente, todos os que têm obrigações dependem dessas obrigações; se têm afetividades, dependem de seus afetos; independência é pura balela. Depois, afinal de contas, não és nenhuma adolescente a quem a liberdade e independência dos pais causam tanta impressão! ...

Já frequentaste a faculdade, és inteligente, portanto, procura vencer, mas com outras idéias. Se eu tenho um cargo e o desempenho bem, tu também podes ter um e desempenhá-lo da mesma forma. O êxito que tenho tu podes ter, não é nada excepcional nem tão difícil de se adquirir. O que precisas é tirar da cabeça as caraminholas que te meteram nela.

Usa-a servindo-te da inteligência que possuis, mas para coisas mais concretas, mais substanciais e produtivas.

Estás pensando como uma adolescente e não como uma moça inteligente e de valor intelectual.

Procura ser mais objetiva e prática. Perde menos tempo com quem não te merece. Lembra-te do ditado: "Dize-me com quem andas e eu te direi quem és".

Falo-te assim, porque sou realmente tua amiga e não como aquelas que te querem *snob* para depois se vangloriarem.

Procura, pois conhecer-te a ti própria e sê tu mesma, usando a tua inteligência para fins mais úteis e mais dignos da moça que és, possuidora de bons sentimentos e cultura.

Juventude exaltada

Tristes, muito tristes, foram os últimos dias que vivemos no Rio e em outros Estados. Incompreensão, luta e morte.

Ardente como é toda a mocidade, facilmente se deixa levar pelos primeiros impulsos e resolve reclamar o que lhe devem: o direito de estudar. Mas, com a impetuosidade da idade fê-lo talvez numa hora imprópria, no momento errado em que ânimos exaltados e com interesses inconfessáveis se aproveitaram dessa atitude estudantil e dela se serviram para provocarem revolta maior, distúrbios e depredações.

Segundo relatou a imprensa, houve realmente violência por parte daqueles a quem estava entregue a manutenção da ordem e usando de selvageria colheram a mocidade desprevenida, ferindo-a e matando até um jovem estudante. No entanto, há tantos ladrões e assassinos aí a solta, bandidos de verdade, embora muitos encapuzados e aboletados elegantemente em seus carros de luxos.

E assim, numa vertigem de violência de parte a parte, vidas preciosas foram sacrificadas por uma causa justa que podia ser reivindicada de outra maneira, proporcionando-se enfim melhores dias para a juventude.

Sabemos que há sempre, nessas ocasiões intromissão de elementos espúrios e indesejáveis que se aproveitam dos jovens para perturbar a ordem e fazer maior confusão. Lembrem-se porém, só dos moços, daqueles que querem estudar e não podem por falta de recursos, e ajudem esses jovens porque até estar concorrendo para dar homens mais úteis ao Brasil do que talvez aqueles que, indiferentes à reivindicação de seus direitos estudantis, mantêm-se em posto de responsabilidade, de braços cruzados, a tudo se acomodando.

Seja como for, cabe aos estudantes, a essa juventude que não é o Brasil de amanhã, mas o Brasil de hoje, esse Brasil que precisa tanto de quem o governe conscientemente e de acordo com a evolução do mundo, o direito de reclamar, de protestar, já que suas solicitações não surtem nenhum efeito.

Se a nação a compreender, a ajudar e for ao encontro de suas reivindicações, ela, a mocidade, que apresenta a força viva, o sangue novo, a alma ardente, nos levará sem dúvida, a destinos bem mais brilhantes. Mas, matar, nunca! Matar um jovem é cortar uma planta pela raiz, é sufocar um ideal acalentado! Deve haver outros meios, mais suaves e humanos, de manter a ordem e de acalmar esses moços, quando exaltados.

Com brutalidade e violência nada se consegue. Se os próprios Pais precisam de tato e compreensão, como querem aclamar ânimos revoltados, uns, pela fome; outros além de recursos monetários, por deficiências dentro das próprias faculdades, de instrumentos de trabalho, como cadáveres, para os estudantes de medicina poderem escarpelar e estudar à vontade?!...

Facilite-se ao estudante meios para que ele possa estudar e dê, assim, expansão à sua inteligência e, estamos certos, ele se acalmará. Os próprios subversivos, que no seio estudantil estiverem, acabarão se rendendo à evidência dos fatos, porque aí não haverá mais motivos de subversão.

E a necessidade e a fome a causa de muitos desajustes!

Gosto de moços, aprecio a juventude, e embora reconheça que há muita irreverência e falta de respeito entre alguns, reconheço também que há muita inteligência, muita ânsia de saber de muitos e que nós precisamos dos moços para melhorar a mentalidade do Brasil que, sendo um país novo, encontra-se agora com sua mocidade completamente desarvorada.

Telefone?...

Ele era o criado mais solícito que tínhamos. Ele era o nosso molequinho de recados. Ele fazia compras para nós que, sem sermos obrigados a sair de casa, por seu intermédio encomendávamos tudo o que precisávamos. Num caso de doença, era ele quem chamava o médico, com urgência. Enfim, o telefone era o amigo de todas as horas a quem recorriamos noite e dia.

– E agora? Por que o telefone nos nega tudo isso?

E o que é que na Casa de Saúde São José, onde estive há dias acompanhando uma doente, todos os telefones da Casa que são muitos, não funcionavam, nem para chamar o médico em caso de urgência. Para darmos notícias tínhamos que atravessar a rua e ir telefonar de uma farmácia.

Que nas casas particulares ele falte, vá lá, mas numa casa de saúde?...

Sra. Telerj, por favor, apresse esses consertos, porque já bastam as dificuldades que temos diariamente. Como podemos chamar uma pessoa com urgência, num caso sério, ou avisar o falecimento de alguém, se não se tem telefone e se o próprio interurbano falha e nos dificulta a comunicação?!

Passa-se, às vezes, um dia inteiro pedindo ligação para São Paulo ou Minas sem se conseguir Que calamidade!...

Não creio em fim do mundo, mas que a situação que atravessamos dá impressão de que estamos no fim de tudo, dá!

Falta consideração e respeito. Falta honestidade e dignidade. Falta pudor e moral. Falta amizade e sinceridade. Falta palavra e senso de responsabilidade. Enfim, falta tudo: amor à família, amor conjugal, amor filial, respeito aos mestres, respeito até a si próprios.

Para onde vamos, senhores, não sabemos pois nem senso do ridículo está havendo.

– Onde estão os homens íntegros, de palavra e honestidade?

– Desapareceram, ou se acomodaram?!

Assim como nós, há muitos revoltados com esse estado de coisas que até o trabalho dificulta a quem precisa lutar pela vida, pelo seu ganha-pão. Além de tudo, é-nos roubada a tranqüilidade, por falta de notícias dos entes queridos, que estão distantes.

Tudo nos vem faltando, e haja dinheiro para se pagar telefones mudos e as dificuldades que eles nos trazem, obrigados que somos a gastar táxi e gasolina para chamados e recados, por falta do grande auxílio que o telefone nos dava.

Por favor, Sra. Telerj, acabe com isso, tenha pena do povo já tão sacrificado!

Brasileiras evoluídas

Pela palestra que Lady Summerskill fez na Embaixada da Inglaterra, a mulher brasileira é considerada uma mulher evoluída pela receptividade às idéias novas espalhadas pelo mundo inteiro.

Lady Edith Summerskill é líder feminista na Inglaterra e membro do Parlamento desde 1938, quando iniciou sua luta em favor da emancipação da mulher britânica.

Na sua conferência sobre "A Participação da Mulher na Vida Pública" ressaltou, dentre muitos outros, o problema da educação e do direito de voto da mulher.

Iniciando sua conferência, disse ela que a mulher deve ter as mesmas oportunidades que o homem, como: o direito de freqüentar os mesmos cursos, as mesmas universidades e de ingressar nas mesmas carreiras, com o que estou de pleno acordo.

O importante, frisou ela, e eu também acho, é que a mulher se sinta realizada, seja no casamento, seja dedicando-se à atividade útil a ela e a toda a sociedade.

Lady Summerskill é oriunda de uma família de médicos e seu pai foi um dos maiores incentivadores na Medicina e por isso acha que psicologicamente uma mulher frustrada, não realizada, portanto, é mais hoje mais amanhã uma mulher doente dos nervos e da mente, pois em qualquer outro mister em que ela se ocupe, será sempre uma revoltada, podendo até ser má esposa e mãe má.

Quando a mulher se sente bem, à vontade quanto às suas obrigações, quer no lar, quer fora dele, ela traz sempre a mente arejada, o que a torna bem-humorada, menos nervosa e irritadiça.

A parte ginecológica, por exemplo, tem muita importância na vida de uma mulher.

Lady Summerskill fez uma das maiores campanhas em prol do bem-estar da mulher e da criança, sendo a incentivadora do parto sem dor, acessível a todas as mulheres.

O preparo psicológico da mulher para dar a luz é importantíssimo e ajuda consideravelmente mãe e filho.

Disse mais ela: agora há mais oportunidade de a mulher conquistar os seus direitos, lutando honestamente, deixando para trás a mulher ignorante do passado. Ela, hoje, nada deve ignorar da vida, a fim de tomar parte ativa nela para sua própria defesa e garantia de seu futuro. A criança muito precisa de mães evoluídas, para as guiar de acordo com as modificações de vida do mundo atual.

A mentalidade do homem, felizmente, está mudando. Os que achavam que o cérebro feminino não precisava desenvolver-se, e negavam à mulher todos os direitos de uma educação cultural, estão completamente ultrapassados.

Uma nova mentalidade atingiu as tradicionais universidades de todo o mundo, até no Japão, onde a mulher era considerada inferior ao homem. Há cursos já chamados rápidos (de no máximo um ano), disse Lady Summerskill para a mulher de idade madura que não teve oportunidade de frequentar os cursos normais e que, agora, no meio de sua existência, com os filhos já crescidos e precisando de orientação mais sábia, sente necessidade de um complemento para a sua realização.

Algumas mulheres se realizam apenas com o casamento. Outras não. Além do trabalho no lar com o marido e os filhos, precisam de uma ocupação que satisfaça o seu intelecto.

Batendo-me pela mulher como sempre faço, não pude deixar de fazer comentário sobre um recorte de jornal que me veio às mãos sob o título "Lady Summerskill julga as Brasileiras Evoluídas", que muito agradou e deu motivo ao título desta crônica.

– Mas seremos mesmo evoluídas, ou pretendemos ser?

No bom sentido, eu me considero evoluída, pois, combatendo imoralidade e exageros, encaro a vida por um prisma bem diferente da mulher conservadora que só vive do passado e se escandaliza com tudo que não for igualzinho a esse passado.

Sejamos sensatas, saibamos analisar, selecionar e adotar o que a razão e o bom-senso nos ditam como certo.

Acabemos com o exagero do puritanismo, que muitas vezes encobre grande malícia, e encaremos a vida na sua realidade, aceitando o que ela oferece de bom e desprezando o que ela possui de errado.

Pat Nixon

Nesta era de tanta futilidade, de tantas plásticas, de medo disto e daquilo, até de excesso de peso; numa época em que a mulher é quimicamente feminizada, "tranqüilizada" e emagrecida, a senhora Pat Nixon, primeira dama dos Estados Unidos,

continua vivendo com seus próprios atributos de saúde. Numa era em que os médicos informam que grande número das pacientes que os procuram nos seus consultórios não apresentam moléstias identificáveis, Pat Nixon não se cansa, nem adoce e declara: "Eu não tenho medo".

Isto li em "Seleções" e me chamou a atenção, não por se tratar simplesmente de uma mulher, mas principalmente por ser a senhora do Presidente dos Estados Unidos e que podia dar-se ao luxo de ser sofisticada, cheia de "efes" e "erres".

Observa a articulista que ela é importante, incansável e destemida.

Seu marido, o Senhor Nixon, declarou que, na intimidade do lar, ela é tímida, mas em público arma-se de coragem e assim se apresenta com uma couraça de supervalente. Gosta muito de estar só, com seus pensamentos.

Conta ainda a articulista que, viajando uma vez no mesmo jato presidencial, teve oportunidade de conversar com a Sra. Nixon que vinha de fazer uma viagem de três dias e percorrido três países, onde viu e visitou reis, rainhas, primeiros ministros etc., mudou diversas vezes de avião e alimentava-se apenas quando sobrava tempo para isso.

Pedindo desculpa em entrevistá-la numa hora em que ela devia estar fatigada de tantas viagens, ela respondeu: "Eu nunca estou cansada". E, realmente, não demonstrava sinais de cansaço. Sentava-se empertigada, sorridente, sem uma sombra de fadiga sob os olhos.

Foi uma declaração espantosa para a jornalista que já havia lido algo sobre isso, e que não acreditava se não a ouvisse dita por ela própria, em tom sereno e positivo.

Viaja sempre só sem se fazer acompanhar de secretária ou de cabeleireira, e não só faz suas próprias malas, como também arruma as de seu marido.

É provável que ela seja assim, pelas suas experiências quando criança, pois muito cedo ficou sem mãe e com o pai doente, era estudante, dona de casa e arrimo de família, tudo junto. Sem dúvida refletiu consigo mesma: "Você não pode ficar cansada. Tudo depende de você. Trate de agir sozinha".

Tornou-se professora, mas não seguiu o magistério, tendo lecionado apenas na Califórnia, onde conheceu Richard Nixon, seu futuro marido.

Conto estas particularidades da vida da Sra. Pat Nixon porque gosto sempre de ressaltar as qualidades de valor de uma mulher, seja ela de que classe for. E não é por ser esta senhora a primeira dama dos Estados Unidos, mas sim por ser mais mulher do que Primeira Dama, pois ela mesma disse: "E quando digo algumas palavras a alguém com problemas, ou quando pego no colo uma criança, para eles, eu sei, sou a Primeira Dama. Mas, no íntimo, sou apenas eu mesma, falando ou reagindo".

Se todas as mulheres pudessem se sentir mais mulheres destacando-se pela inteligência e valor, o mundo, por certo, se tornaria mais humanizado.

As lágrimas

As lágrimas são pequeninas gotas que deslizam pela face sem se sentir e muitas vezes até contra a vontade, mas que vêm aos olhos e transbordam, para refrigério e desafogo de uma alma oprimida que, calada, sofre e guarda só para si o que sente, o que a maltrata e deprime.

E como escaldam essas lágrimas, longo tempo contidas! São quentes, são salgadas pelo calor que as conteve escondidas e pelo sabor que elas adquiriram de tão controladas que foram.

Há lágrimas de dor, de vergonha e também de alegria. De dor, chora-se muito mais, porque há sempre mágoas, desgostos, sofrimentos que geram esse líquido que inopinadamente brota dos olhos quando somos feridos ou magoados. De vergonha e raiva, quando se foi descoberto em qualquer falta ou se sofreu qualquer insucesso de alguma coisa ardente ou indevidamente esperada.

De alegria, quando algo de bom e de alegre nos surpreende e domina. Aí, chora-se de satisfação, de contentamento e são as lágrimas mais gostosas, as que realmente compensam e confortam.

– Mas, por que se chora?

Chora-se, infelizmente, porque o mundo é cheio de surpresas, de ilusões e de maldade. Poucas são as vezes que se chora de alegria.

– E como fazer para evitar essas lágrimas que rolam, sem se poder conter e que infelizmente parecem até ridículas a muita gente sem sentimento, indiferente e incapaz, portanto, de compreender a causa de uma dor sincera?!

Não há meios de as evitar, porque se a dor nos atinge tem que transbordar e, transbordando, as lágrimas saltam dos olhos e rolam pelas faces dos mais serenos, dos mais altivos e controlados do mundo.

Aqueles mesmos que têm fama de frios e indiferentes, quando chega a sua hora, também choram, e talvez até com mais intensidade do que os outros, porque o farão por motivos bem mais fortes.

Quantas vezes, sozinhos, quietos, pensando em fatos tristes da vida, em desilusões, não sentimos as lágrimas rolarem silenciosamente pelas faces, como a nos desafogar e aliviar o peso que trazemos dentro do peito?

Quantos travesseiros não se têm visto molhados por lágrimas que, silenciosamente, embeberam e enxugaram?

Se eles falassem, contariam quantos pensamentos dolorosos sentiram vibrarem cabeças atormentadas que sobre eles se deitaram e quantos soluços abafaram no silêncio de uma noite de desabafo.

Ah! Não zombem jamais das lágrimas daqueles que vejam chorar nem julguem piegas aqueles que não sabem controlar os seus sentimentos e os deixam transvazar!

Bendigam as lágrimas, porque elas são, muitas vezes, a salvação de uma alma desesperada e agoniada!

A educação

Você já reparou, minha amiga, como é difícil educar? Se você tem filhos não pode deixar de ter notado as tremendas contingências em que tantas vezes nos encontramos para encaminhá-los. É que, mesmo entre crianças nascidas dos mesmos pais, a maneira de educá-las varia conforme o caráter, gênio, a índole e mentalidade de cada uma. E daí a dificuldade de conduzi-las, procedendo com maior ou menor rigor, de acordo com

essa diversidade de temperamento. A criança é uma plantinha tenra que temos em mãos, com a responsabilidade de fazê-la florir e frutificar.

O certo, porém, é que o exemplo, mais do que as palavras, se fixa na memória infantil. Não adianta pregação se os atos não correspondem. E, infelizmente, é o que se vê com grande frequência na sociedade moderna.

Para que ensinar que não se deve mentir, quando mentiras são ditas abertamente na frente dos filhos? Para que ensinar lealdade, quando a deslealdade predomina entre amigos, companheiros de trabalho e até entre membros da mesma família?

Para que convencer que não se deve faltar ao dever, se tantas vezes esse dever é relegado pelos pais que se fingem de doentes para não ir ao emprego, que deixam de solver seus compromissos a pretexto de razões fúteis e inexistentes? Para que dizer que não se deve enganar o próximo, negociar, fazer negócios ilícitos, barganhas vergonhosas, quando os filhos assistem a todos esses recursos praticados dentro de casa, discutidos nas horas das refeições perante eles?

Os conselhos, portanto, não servem quanto a certas traquinagens próprias da infância e da adolescência, se os conselheiros se deixam levar na voragem da vida praticando ações criminosas diante dos filhos.

E o castigo então, às vezes até corporal, numa hora de impaciência, só desperta indignação e favorece a desobediência, quando os jovens fazem reparo entre os mínimos pecados da criança e os grandes pecados dos adultos.

Na fase adolescente, sobretudo, quando a consciência desperta para a vida, nenhum juiz é mais severo diante dos pais do que os próprios filhos. Como aceitar proibições se o mau exemplo vem de cima, de quem devia ser o paradigma dos entes perfeitos, justos, sempre verdadeiros?!

São essas, certamente, as causas da dissolução da família moderna, da ruína da sociedade. A falta de uma educação coerente, de uma educação estabelecida em normas exemplares, em condutas retas de honestidade é a responsável na sua totalidade por uma juventude desorientada, indecisa, confusa. E certo que há casos em que filhos fogem do bom caminho pela má convivência de terceiros. A regra geral, porém, é se manterem firmes na trilha traçada pelos pais, dentro das quatro paredes do lar, quando nesse lar o que transpira são os sentimentos de pureza, de ideal, de moralidade.

Pobres princesas!

Pobres sim, porque, apesar do seu sangue real e azul, elas não têm o direito de escolher o homem que amam para marido e, se por acaso a escolha recai num plebeu, é um escândalo para as casas reais a que pertencem, e tornam-se alvo de comentários da imprensa do mundo inteiro, que nunca perde uma oportunidade dessas para seu sensacionalismo.

Noticia-se, agora, por exemplo, o drama sentimental por que vem passando a sempre orgulhosa Grace Kelly, ex-atriz de cinema, hoje princesa de Mônaco, depois do seu tão comentado casamento com Rainier III. Esta, pelo seu porte e orgulho, nasceu para princesa e tem como tal se conduzido admiravelmente. Mas o mesmo não acontece com sua pobre filhinha Carolina, que tão novinha, vem entrando em choque com a princesa, sua Mãe, por causa dos namoradinhos, que não são de sangue real. E olhem

que já estão alguns em fila, pelo gosto da Princesa Kelly, como: Príncipe Charles, da Inglaterra, Carlos Gustavo, filho do rei Gustavo, da Suécia, Aryn, irmão de Karim Aga Kham, Alexandre, filho de Onassis, sem sangue azul, mas com muito dinheiro, e David Rotschild, também milionário.

Grace, que em 1956 se tornava sua Alteza Real, a princesa de Mônaco, não se conforma com os amores infantis de sua pequena Carolina, que já tem um namoradinho, companheiro de escola. Grace quando descobriu não gostou. Dos namorados, Carolina nunca disse nada à mãe, mas como esta é inflexível e a mantém vigiada quando vem da escola e nunca sai sozinha, descobriu e não só repreendeu-a como ameaçou castigá-la. Resultado: Carolina só fala com a mãe o essencial e Grace diz que a filha não gosta dela. Pudera! Se ela não permite que os amigos de Carolina a tratem por você ou tu, e exige que a filha seja chamada de "Sua Alteza", é muito orgulho para ser aceito por uma menina simples e inocente, não?

Diz a notícia que a Grace e Rainier se amam e se dão muito bem, mas os dois desentendem-se agora por causa do tipo de educação que ela dá às crianças, pois ele, Rainier, é muito mais liberal e simples. Grace é obcecada pelos títulos e etiquetas. Veste a filha o mais infantil possível e só permite que converse com os colegas uma meia hora, o que está concorrendo para afugentar os amigos e também o amor de sua filha, que cada dia mais distante fica da mãe e até já lhe disse que: "O pai casou com ela sem ser princesa".

Carolina tem apenas quinze anos, a coitadinha. Que pena!

E por estas e outras que as princesas européias decidiram que isso de realeza é bobagem e estão pondo em polvorosa as casas reais.

Senão, vejamos: Margareth, da Inglaterra, casou-se com Tony Armstrong; Beatriz, da Holanda, com um plebeu alemão; Margareta, da Suécia, com um homem de negócios, depois de a família ter rejeitado um pianista; Irene, da Grécia, despreza os príncipes que a mãe lhe arranja e namora a torto e a direito. Maria Gabriela e Beatrice se casaram com plebeus e Anne, da Inglaterra, filha de Elizabeth, tem vários namoradinhos, mas nenhum deles é príncipe.

Pobres princesas! Deixem-nas casar com quem elas amam, porque serão mais felizes!

O casamento

O casamento é o ato mais sério da vida de duas criaturas.

Até chegar o momento de casar, a moça vive uma vida de sonhos e de esperanças.

Quando ele chega é recebido com alegria e, no atordoamento natural de sua mocidade, não avalia ainda as responsabilidades que esse ato lhe acarreta.

Toda moça deve casar, ter o seu lar. Na sua vida de casada, ela vai encontrar problemas mais ou menos sérios, mas com inteligência os resolverá sempre a contento.

Não há dúvida que uma união feliz depende muito da escolha do rapaz ou da moça que irá ser companheiro ou companheira para a vida toda. Sim, porque consideramos o casamento uma união eterna. Para que não se arrependam mais tarde e

daí venha uma separação, que é sempre desagradável, mormente quando há filhos, convém pensar bem antes de escolher sempre o melhor.

Não são os partidos ricos os que trazem a felicidade, porque esta não tem preço. Está muitas vezes onde a criatura não espera que esteja. Ela está, principalmente, na compreensão mútua, na tolerância de parte a parte, porque há sempre algo diferente nos temperamentos dos cônjuges que é preciso saber tolerar. Os caprichos e as teimosias acarretam, quase sempre, desinteligências e incompreensões.

Quanto mais inteligente a moça ou o rapaz, melhor deve saber viver, porque possui um discernimento mais claro e com facilidade encontra a solução para qualquer problema que surja na vida de casados.

O período mais difícil daqueles que se casam é o da adaptação. É nesse período que a moça e o rapaz começam a se conhecer realmente. No noivado eles se entendem e combinam para realizarem o casamento, mas conhecerem-se mesmo, só quando entrarem na intimidade de marido e mulher. Aí cessam as cerimônias, os cônjuges passam a demonstrar o seu temperamento, os seus gostos e o modo de encarar a vida. Quando há educação de parte a parte e inteligência, essa fase torna-se curta e sem muita dificuldade a vencer, mas é bom sempre contar com ela e preparar-se para saber ultrapassá-la sem choques nem acidentes.

Há casais que no fim de certo tempo se completam de tal forma que não há desacordos nem incompreensões, porque eles se adaptaram plenamente. E é aí que a união se torna verdadeira e feliz.

A mocidade de hoje é bastante incoerente. Na maioria das vezes encara o casamento muito superficialmente, chegando mesmo alguns noivos a dizer que se não der certo se separarão. Considero isso uma infelicidade! Porque, se já vão para o casamento com essa idéia, é preferível não casarem.

No entanto, a mocidade de hoje, na sua maioria, é culta e inteligente. Tem, por vezes, bastante personalidade. Pois usem esses dons para saberem unir as suas vidas numa união feliz onde a compreensão seja um fato e a tolerância não falte nunca para que haja paz e harmonia em todos os lares dos moços de hoje, esperanças de um mundo melhor amanhã, onde a família permaneça sempre unida.

Adaptação ao casamento

Toda noiva vai para o casamento cheia de ilusões, o que é muito natural. Sonha com seu lar novinho, tudo bonitinho e com um marido cheio de atenções e carinho demonstrados no tempo de noivado. Tudo muito certo e naturalíssimo.

Essa fase de encantamento, porém, passa. Ela se encontra muitas vezes, de repente, naquela outra fase: a da adaptação.

É na intimidade, no "enfim sós", que o casal vai se conhecer realmente. Aquelas explosões de amor, de paixão, de entusiasmo, vão cedendo à medida que as responsabilidades se vão acentuando e fazendo aparecer o temperamento, os impulsos, a maneira de ser real de cada um. Isso acontece com todo casal, por mais apaixonado que se sinta ao casar. É da vida e, como tal, acontece e acontecerá sempre. Comigo se deu, com você se dará e com todas as mulheres, enfim, que quiserem ser sinceras. Por isso,

vamos fazer sentir a realidade a todas, para que encontrem o meio certo e seguro de passar por essa fase sem choques nem decepções.

À mulher e só à mulher cabe resolver esse problema, pois dispondo ela quase sempre de mais afetividade e carinho deve se servir desses dons para contornar as dificuldades que encontra nesse delicado período de adaptação, pois dele depende a sua felicidade e a duração de sua união.

Quantos lares desfeitos, quantos divórcios não têm havido por causa desse despertar de temperamentos e inclinações, após o casamento?...

Por muito bons que sejam ambos, por muito que se queiram, há sempre uma hora, um momento em que se descontrolam e deixam transparecer o seu "eu" interior, que não pode ser igual, pois partindo de espíritos diferentes eles têm que ter inclinações e pontos-de-vista também diferentes.

Cabe, porém, à mulher, principalmente a ela que em geral possui mais perspicácia e argúcia, contornar as coisas de maneira a evitar pequenos choques hoje, mas grandes e irremediáveis no futuro.

O homem, caras amigas, é uma criança grande que faz também as suas malcriações, quando não lhe fazem a vontade, ou quando algo não lhe corre bem.

A mulher porém, que o ama, o satisfará não há dúvida, até onde ela o possa satisfazer, mas não deve deixar de lhe fazer sentir quando ele estiver errado ou quando a sua vontade não puder ser satisfeita *in totum*.

Isto ela o fará sem se exaltar, sem brigar, conversando e se explicando.

Detesto discussão e bate-boca entre casais. Há muitos meios de se fazer sentir descontentamento ou divergência sem discutir. Principalmente quando há filhos, esse proceder é aconselhável.

Aliás, os filhos são o traço de união dos casais. A vinda de uma criança quase sempre humaniza o homem mais rebelde. O amor paterno opera, às vezes, grandes transformações no temperamento masculino.

A mulher tem muitos meios de tornar a sua união duradoura e feliz quando ela sabe, sobretudo, dialogar. É dialogando persuasivamente que se acertam os ponteiros.

A maioria dos divórcios no nosso país provêm da falta de adaptação das moças ao casarem, pois vão muitas para o casamento sem o preparo moral necessário, julgando ser esse o melhor meio de se tornar independentes e fazer tudo o que querem. Esquecem-se ou não lhes lembraram os pais que toda mulher deve ir para o casamento sabendo que não é só receber, mas tem muito que dar e renunciar, se quiser ser feliz.

Assim lhes fala quem tem a experiência de quase cinquenta anos de casada sem arrependimento, sentindo-se realizada na vida, apesar da diferença de temperamentos. Minhas filhas orgulham-se do Pai que lhes dei e eu do marido que tive a felicidade de encontrar na vida.

Carnaval de ontem e de hoje

O Carnaval passou e com ele cessaram os abusos e a loucura.

Sempre houve Carnaval. Mas havia carnaval familiar, decente, honesto. Brincava-se com naturalidade e respeito, carros abertos, capotas arriadas, com famílias

fantasiadas, circulavam pelas avenidas e jogavam-se serpentinas e confetes à vontade, mas raros eram os casos de falta de respeito.

A passagem dos préstitos, aliás verdadeiras obras de arte, a disputa entre Democráticos, o clube da elite, Fenianos e Tenentes do Diabo era algo sensacional, palmas e mais palmas à sua passagem e nos intervalos entre uns e outros continuava-se a batalha de confete e serpentinas nos carros estacionados nas principais ruas transversais da Avenida Central, hoje Rio Branco. Quase ninguém abandonava o seu carro, pois levavam sanduíches e refrigerantes em profusão para as suas famílias. E olhem que alguns levavam a família toda e nada de desagradável acontecia. Creio que a educação e o comedimento eram os principais motivos dessa alegria sã. As músicas que se cantava eram sugestivas e alegres. Algumas até "mexendo" com o Governo e os políticos da época, assim como os carros de crítica que todos os clubes traziam. Nunca ouvi falar em censura ou proibição dessas críticas, pois eram feitas com graça e respeito e assim bem recebidas pelos criticados.

Todos se divertiam, mas ninguém dizia que era para afogar mágoas. Se hoje essas mágoas existem pelas grandes dificuldades da vida, mesmo assim não vejo motivo de fazerem do Carnaval uma festa puramente bacanal, principalmente onde o nu é aceito nos clubes com a maior naturalidade e os abusos são maiores de ano para ano.

Foi-se a decência, o pudor e o respeito. Bebem de propósito para se excitarem até a perda da razão, porque em seu juízo perfeito, quero crer, ninguém se prestaria a papéis tão pouco dignos.

Como se briga no julgamento das fantasias que, diga-se de passagem, é um espetáculo para os olhos, pelo trabalho, imaginação e luxo, mas cujos competidores não possuem o espírito esportivo que deve existir em todas as competições. Desfeiteiam-se, xingam o júri, perdem por completo a linha, tornando aquilo que devia constituir um prazer, para os que gostam e gastam até fortunas, em dissabor e decepção.

Com franqueza, está tudo muito errado e "abagunçado" neste nosso Rio de Janeiro, tão lindo pela sua natureza, tão admirado pelos turistas estrangeiros, mas onde o povo dá uma decepcionante demonstração de falta de esportividade e educação.

Se querem se divertir nesses dias, afogar as mágoas como dizem, que o façam com mais comedimento, como criaturas educadas e por que não dizer, verdadeiramente civilizadas.

Para onde vamos?

Do jeito que o mundo está, não sabemos mesmo para onde vamos, nem se lá chegaremos. Isto é, lá onde queríamos chegar. Porque andar procuramos sempre, devagar ou mais depressa, mas chegar ao lugar que desejamos é que não sabemos. São tantas as dificuldades, tantas as surpresas que surgem na vida que não se pode garantir coisa alguma. Muitos nem andam, rolam, porque só encontram ladeiras íngremes e perigosas que os podem levar à beira de precipícios e neles caírem se não se contiverem a tempo.

Vejam agora esses atos de terrorismo. Nem os diplomatas escapam! Os embaixadores, que foram sempre respeitados, por serem representantes de outros países, que nada têm a ver nem se envolver com o país onde servem, enviados pelos seus

Governos apenas como representantes, não têm mais sossego. E em troca de um inocente pede-se a soltura de criminosos que se encontram nos presídios, porque concorreram para isso e se de lá não saíram ainda é porque não tiveram razões bastantes para provarem a sua inocência.

Enfim, estão acontecendo tantas coisas lamentáveis que repetimos: Para onde vamos?

Às vezes, nas horas vagas, é bom um pouco de poesia. Porque nas suas rimas há sempre um fundo de verdade, uma alusão certa quanto às coisas da vida.

Escreveu Francisco Pati, poeta paulista, num soneto: "Vejo em torno de mim, de lado a lado, / a desigual justiça repartida; / tanto vício bem recompensado, / tanta virtude mal reconhecida".

– Quem poderá negar a profundidade desse pensamento? Ninguém, em sã consciência. É isto o mundo, desde que mundo é. E, talvez hoje, mais do que nunca, quando a mediocridade campeia, o aventureirismo domina, a esperteza suplanta, a imoralidade se expande. São seus adeptos já não mais às escondidas, mas às claras, que tudo conquistam, tudo conseguem, atingem as maiores alturas, a golpes de audácia e atrevimento.

Ainda de Francisco Pati: "Aqui o errado sorri sendo aclamado, / chora além a bondade que é punida".

– Que outro panorama nos mostra a vida? Vencem os trapaceiros, os subornados e subornadores. Os que vivem do contrabando, ninguém denuncia, os que se aproveitam das oportunidades para enriquecer continuam merecendo reverências e salamaleques da sociedade.

Na sociedade, entretanto, não se guarda segredo. De boca em boca são apontados os malfeitores mascarados, mas ninguém deles se afasta.

– De onde vem tanto dinheiro? Não se sabe. Mas isto pouco importa. O prestígio se mede pelo tilintar das moedas, e as almas puras se afastam enojadas e revoltadas com tanto cinismo.

Além disso tudo, vem o terrorismo com seus seqüestros amargurar os povos.

Por isso, mais uma vez, perguntamos: Para onde vamos?...

O despotismo dos homens

Saindo do tema habitual desta coluna – as mulheres – hoje pretendo dar a minha opinião sincera, desinteressada e sem segunda intenção sobre a ação dos homens que admiro e dos que condeno.

Está claro que o que vou escrever não se refere ao meu marido, um dos que mais admiro pelo seu caráter ímpoluto, exemplo de pai dedicado e amoroso e de companheiro fiel há quarenta e cinco anos.

Reconheço em mim forte personalidade, mas também bastante tato, sem o que mulher nenhuma consegue viver em perene harmonia familiar. Por isso, acho que o viver compreensivo que levamos é devido a essa maneira de ser, o que aconselho a toda mulher.

Por incrível que pareça ainda há homens, prezadas amigas, e eu conheço alguns, que pensam que para mostrar masculinidade têm que ser déspotas e brutos. Vão ao ponto de achar que um bom chefe de família não deve admitir outra vontade no lar que não seja a sua. A mulher para eles é uma máquina encarregada de prover todas as suas necessidades sem o direito de manifestar opinião nem tomar iniciativa de coisa alguma. É ele quem manda e acabou-se.

Para demonstrar energia, fala grosso e levanta a voz por qualquer coisa, esquecendo-se até das boas regras de educação.

Os filhos, ante a sua atitude, só o respeitam por temor, mas no íntimo sentem-se magoados, feridos e chegam até a envergonhar-se do pai a quem, por certo, não estimam.

A esposa, essa, coitada, teme-o tanto que não tem coragem, por vezes, nem de falar. Com tudo concorda, mas no seu íntimo de mulher sofredora, não mais o ama.

Esses exemplos de austeridade, que para ele são documentos de chefe de família exemplar, permita-me que, ante os conhecimentos que possuo e com a observação que faço, lhe diga que se trata de um homem atrasado e que de espiritualidade não entende coisa alguma. Porque um verdadeiro espiritualista não procede como um anormal e um homem assim não pode ser normal. É egoísta e excessivamente vaidoso. Quer apenas passar por exemplar chefe de família e que todos o admirem como tal. Encarcerar filhas dentro de casa, impedindo até que estudem, é um crime, principalmente numa época em que o progresso exige que a mulher seja preparada para se defender, instruir e trabalhar.

Esperar que venham buscar suas filhas em casa para casar é uma ingenuidade e grande ignorância!

A mocidade precisa distrair o espírito, precisa sair, passear, ir ao cinema, ao teatro, conviver com gente nova. Nada disso prejudica, desde que os pais saibam orientá-la para que ela se conduza sempre bem e saiba apreciar o que é artístico e belo.

Distraindo o espírito, ela não pensará mal, não alimentará pensamentos de revolta, como acontece com aquela que vive fechada em casa sob a orientação de um pai déspota e incompreensível.

Os pais devem procurar aproximar os filhos de si e não afastá-los pelo pavor. Um bom pai procura ser carinhoso e compreensivo, conselheiro e amigo. E esse terá sempre o respeito e a amizade dos seus.

A severidade em demasia afasta os filhos que, longe de estimá-lo, tornam-se até seus inimigos. Vivem todos revoltados e passam a esconder tudo do pai, que não os sabe compreender.

Só mesmo muita ignorância fará com que homens assim procedam numa época como esta em que tudo tende a evoluir.

O silêncio

O silêncio que tantas vezes nos pede o espírito para descansar a mente agitada e febril nem sempre é completo, mesmo no mais profundo ermo. Porque cessam o barulho e o movimento, mas a mente não pára de pensar, de rememorar coisas que intranquilizam, perturbando, portanto, aquele silêncio que procuramos e que precisamos

para acalmar o espírito. Resta em nós a voz interior perguntando e respondendo com argumentos muitas vezes irrespondíveis e que ficam na consciência de cada um como uma enorme interrogação que embaralha o pensamento e afasta o silêncio pelo tumulto em que se debate.

– Por que não reina harmonia entre os homens? Por que se guardam ressentimentos que martelam a mente quando, às vezes, por breves palavras, se poria um ponto final em dores que, ao contrário, se cultivam e se tornam cada dia mais difíceis de se suportar?

Hoje está uma manhã chuvosa e feia. Isoladamente em meu gabinete, ouvindo o tique-taque ritmado do relógio, na intenção de fugir um pouco do formigueiro da vida, medito e escrevo para acalmar a nostalgia que, às vezes, sinto e que nem sei explicar. São estados d'alma a que todos estão sujeitos pelas muitas preocupações que a vida nos traz.

Não adianta que nosso corpo descanse numa poltrona macia, em atitude de repouso completo, de relaxamento total, se nosso pensamento fervilha e um mundo de fatos passa como uma longa metragem de filme verdadeiro. E a vida, ela mesma, que ficou registrada de forma indelével na mente que se desenrola e apresenta com seus anseios e frustrações.

Quer-se paz, mas não se a encontra. Chove lá fora e dentro de nós as nuvens não se descarregam. Ainda se pudéssemos chorar como chora a natureza! Mas não, nem isso. As lágrimas têm que ficar escondidas atrás das pálpebras pela inibição e pela inutilidade de correrem.

Quem dera viesse o sol e clareasse o nosso espírito modificando os fatos, e a ventura de novo nos batesse à porta!

– Quem sabe se um dia a aurora se levantará no horizonte fechado da nossa alma e, então, diremos: Como a vida vale a pena ser vivida! Como todos se entendem, todos se amam e se esforçam por uma ventura comum! Estarão, então, amortecidos os ódios e a paz reinará, enfim, entre os homens.

Amor à arte

Amo a arte em tudo que ela tem de belo e bom.

O elogio que mais me agrada é ouvir meu marido dizer: "Minha mulher é uma artista". Isto ele diz quando me vê pintando porcelana ou tecendo tapeçaria. Porque não tenho a pretensão de ser artista, absolutamente. Distraio-me com trabalhos que tocam à minha sensibilidade. Assim como sei preparar um saboroso bacalhau, executo uma música sentimental, pego no pincel para decorar porcelana e na agulha para fazer tapeçaria.

São modalidades de passar o tempo. Confesso, porém, que me sinto muito bem, encantada mesmo, num museu de arte, contemplando tudo o que de belo produz a criatura humana e que nos afasta um pouco das maldades desse mundo tão agitado e turbulento.

Em 1950, quando tive a ventura de ir à Europa, sorvi um pouco de arte e civilização. E, percorrendo os muitos museus que visitamos, me senti uma mulher feliz, porque vi que a arte se coadunava perfeitamente comigo.

Constatei, então, que algo mais existia dentro de mim além da concepção prosaica de uma vida de trabalhos puramente materiais.

Folheando a última Revista Manchete, encontrei reproduções de várias telas de Renoir, que havia admirado em França e lembrei-me dos agradabilíssimos momentos que passamos contemplando sua arte maravilhosa. Não só dele, mas de muitos outros pintores célebres como Velasquez, Rubens, Murilo e Goya.

Citando Renoir, a Manchete refere-se à sua arte impressionista tão significativa que marcou a sua atividade criadora. Ele possuía uma pureza de senso artístico e um deslumbramento em relação à vida que, transmitidos às suas telas, maravilham os olhos de quantos as observavam.

Contam que o pintor Diaz, encontrando Renoir na floresta de Fontainebleau, junto a um tronco carcomido, com seu cavalete de pintor, viu, na tela ainda fresca, o esboço de uma paisagem sombria e disse: "Rapaz, você apreende bem a vida. Mas o faz em cores escuras. Procure pintar a natureza como seus olhos a vêem, com todas as cores".

E, realmente, a arte revela sempre o estado d'alma da criatura. Conforme a impressão do artista no momento, assim sai a obra: alegre, triste, tumultuada ou tranqüila.

Renoir foi grande mestre do impressionismo francês.

Cedo ele aprendeu que nas cores alegres estava o melhor retrato de sua vida interior. "Pinto o paraíso, e não o inferno", dizia.

Ele soube, como ninguém, amar a vida e olhando para dentro de si via um lago, de águas ligeiramente encrespadas por suave brisa. Uma folha que caía, um pouco d'água empoçada, ou o reflexo da Lua num lodaçal, todas essas imagens ele as captava e transportava para suas telas.

"Les Jeunes Filles au Piano" e "La Balançoire" são suas telas lindíssimas que me encantaram quando as vi e que agora a Manchete publica, fazendo-me recordar os momentos mais deliciosos de nossa viagem.

Admiro a arte e os artistas que a trazem no sangue, como esse maravilhoso Renoir que mesmo quando atacado de reumatismo, entevado e com dores horríveis a torturá-lo, não abandonou os seus pincéis, dizendo: "Nunca passei um dia sem pintar, por que irei passar agora?" E, embora os dedos, infelizmente, fossem perdendo a articulação e qualquer pincelada representasse uma tortura, mesmo assim Renoir não quis abandonar a sua arte e, então, amarravam-lhe o pincel na mão e ele continuou pintando quase até morrer. Suas últimas palavras foram: "Quero minha paleta".

Por isso admiro a arte e os artistas, porque nos legam coisas maravilhosas que alegrem os nossos olhos e suavizam a nossa vida, tornando-a menos materialista.

Quem me quiser ver feliz é deixar-me executar os meus modestos trabalhos, quer com o pincel, quer com a agulha e, às vezes também com a pena, como agora.

Uma vida abençoada

Quem teve o privilégio de viver 93 anos, teve uma existência abençoada, principalmente se a sua vida foi pontilhada de boas obras, dedicação ao ensino e à infância.

Esposa de um saudoso professor e jornalista, foi sua companheira dedicada e depois da partida dele viveu recordando as suas qualidades e feitos, memoriando toda a sua vida passada, recortando e colecionando tudo que dizia respeito ao seu querido professor.

Estou me referindo à venerada professora D. Lavinia Escragnolle Dória, esposa do educador, historiador e jornalista, Dr. Luiz Gastão d'Escragnolle Dória, professor emérito do Colégio Pedro II e uma das figuras de maior projeção de sua época no magistério do país, autor de valiosos trabalhos literários e didáticos.

Destacou-se ainda o professor Escragnolle Dória pelo seu espírito humanitário, tendo concorrido para a educação e instrução de muitos jovens desprotegidos da fortuna e aos quais ajudava quanto podia.

Ele foi, na verdade, um expoente da literatura brasileira, que estudou sob todos os aspectos, sempre com brilhantismo e vivacidade.

Foi, enfim, indiscutivelmente um grande mestre, pois além de sólida e variada cultura patenteadas e aplaudidas por gente culta e honesta, soube portar-se no lar e nas suas funções públicas de professor com louvável dignidade de atitudes.

Os jornais de 15 de janeiro de 1948 referiram-se ao seu falecimento com muito pesar e palavras elogiosas, cujos recortes sua esposa guardava carinhosa e pacientemente catalogados num álbum, que chegou às minhas mãos e que tive ocasião de apreciar, com emoção e saudade.

D. Lavínia, sua dedicada e venerada esposa, que há poucos dias deixou o mundo, de toda a vida de seu ilustre marido se recordava e repetia suas passagens quando a visitavam.

Ele viveu 79 anos, ela 93. Não sei qual dos dois foi mais feliz, se ele ao partir aos 79 anos, se ela aos 93, porque os últimos anos de sua vida, embora tivesse o carinho de um ex-aluno, que foi para ela um dedicado e extremoso filho, cercando-a de todos os cuidados, não lhe deixando faltar nada, não impediu que ela sofresse a saudade do seu querido companheiro.

Falar sobre ele é a maior homenagem que se lhe pode prestar, e ela, partindo, agora, tendo vivido 22 anos ainda sem ele, deve estar feliz, porque sem dúvida foi ao seu encontro.

Felizes daqueles que partem deste mundo deixando boas recordações e excelentes exemplos como esse feliz casal.

Um sério problema

Dos muitos problemas que agitam o mundo, o mais grave e sério para mim é o da juventude. Não por ela mesma, mas pela maneira como a conduzem e a causa principal do seu descontrole, do seu desregramento que, segundo muitos, é produto da falta de assistência paterna.

Há pais que criam os filhos à lei da natureza, deixando-os completamente largados, sem orientação alguma, enquanto outros procuram educá-los conscienciosamente e, apesar disso, eles se transviam na companhia de outros que ou não têm pais ou, se os têm, não zelam por eles como deviam.

Uma das causas principais da perdição da juventude está na situação criada entre os pais desquitados.

Somos francamente, e desde meus quinze anos, a favor do divórcio, porque no colégio onde fui educada convivi com meninas, filhas de pais separados e até de pais que viviam maritalmente por não poderem casar. Lembro-me de uma que tinha a minha idade, quando soube que seus pais não eram casados, e quem lhe fizera essa revelação ajuntara que ela usava um sobrenome que não lhe pertencia.

A surpresa, a decepção dessa colega, nunca mais esqueci, pois adorava os pais que sempre lhe esconderam essa situação. Chorou inconsolavelmente diversos dias e o fato de usar um nome a que não tinha direito a magoou tanto que procurou sua Mãe em prantos e pediu-lhe que não queria mais usá-lo. A pobre senhora, que fizera tudo para esconder da filha tal situação, entre lágrimas procurou consolá-la, revelando-lhe que o motivo era seu pai ser casado. Acompanhei a mágoa dessa menina, porque fui sua confidente e senti sua preocupação para que as outras colegas de nada soubessem. Nessa época, ainda não se falava em filhos complexados, mas a sua mágoa foi eterna, pois até hoje ela a sente.

Desde então eu me revoltei contra a situação dos filhos ilegais e da falta do divórcio que seria e é a única solução para fatos como esses. E mais tarde, observando pela vida afora idênticas situações e sabendo de casos iguais, dos inúmeros desquites que não modificam de maneira alguma a situação dos filhos, tornando-os uns infelizes, mais me revolto.

Assisti, depois de casada e de já ter minhas filhas, a um filme cujo título era "Flores do Pó". E chorei o tempo todo da filmagem, pois as Flores do Pó a que se referia o filme eram filhas de pais infelizes que não se podiam casar e por isso sofriam vexames e perdiam bons partidos.

Hoje, beirando aos cinqüenta anos de um casamento feliz, e não precisando do divórcio, sou a favor dele para bem dos filhos e também da mulher que, muitas vezes, fica amarrada a vida toda a um homem sem escrúpulos, levando uma vida de mártir, submissa a seres anormais, que pouco se interessam pelo seu sofrimento, que envelhecem caladas para dar satisfação à sociedade e à família.

Há homens que sofrem também com casamentos desiguais e têm as suas decepções, mas o número de mulheres infelizes é maior, pela sua sensibilidade, afetividade e amor maternal que as faz sofrer muito mais pensando nos filhos que aí estão a presenciar quadros tristes e a sofrer também.

Desprestígio masculino

A decadência do homem é hoje um assunto da imprensa mundial. Um fato tão chocante, quanto impressionante. E com isso a mulher vai se destacando, como Indira Gandhi, governando um país de mais de quinhentos milhões de habitantes e que acaba de vencer uma grande campanha democrática; Golda Meir, democraticamente na chefia dum bravo povo, cercado de inimigos e preparados a todo instante para a guerra.

Numa revista sociológica, o professor E.E. Lamaster, da Universidade de Wisconsin, analisando a decadência moral do sexo masculino, faz afirmações como "O homem já perdeu o seu papel dominante na sociedade moderna". E acrescenta que a

organização da família, tal como hoje se apresenta, pode acabar. Os pais limitaram a sua capacidade de produzir jovens do tipo que o mundo precisa para o futuro.

Com efeito, observa-se, é evidente a queda de autoridade dos chefes de família, ou o declínio do prestígio do pai perante o filho.

John Gagnon, da Universidade de Nova Iorque, em artigo recente escreveu: "A força física teve outrora algum sentido", e declara estar seguro de que o que hoje entendemos por homem-mulher não será o mesmo que pensarão os que viverem depois de nós. E acrescenta: "Depois de ter sofrido uma "crise de trabalho", o Mundo passa agora por uma "crise de sexo", que será mais dolorosa do que a outra crise, pois a força física já foi um ponto de diferenciação entre o homem e a mulher, mas, atualmente, carece de importância".

Como exemplos atuais da decadência moral e espiritual do homem, há dois casos estarrecedores: o primeiro, é o da foto de um casamento na Holanda onde aparecem dois homens ao serem casados por Pastor protestante: dois homens homossexuais e um sacerdote da mesma espécie. Na mesma Holanda há um partido político de homossexuais. Essa foto holandesa tem sido reproduzida em diversos jornais e revistas da Europa.

O outro caso, também em foto, mostra um casamento de dois rapazes em cerimônia realizada em São Francisco da Califórnia. Um está de grinalda (pasmem!). Após a cerimônia, depois de prometerem viver juntos, amar-se mutuamente, protegendo um ao outro, beijaram-se diante de um grupo de homossexuais que lançavam cravos roxos sobre eles.

Com essas citações, cremos já ter abordado o suficiente para alertar os nossos chefes de família, que os há, e ainda bons.

Depois destes fatos, tão tristes quão repulsivos, convém ressaltar um que prova a supremacia da mulher: de Washington revelam que um estudo levado a efeito pela Administração de Aviação Federal chegou à conclusão de que é três vezes mais seguro voar num avião pilotado por uma mulher que por um homem.

– Homem, a quanto desceste! – Onde estão o teu orgulho e tua pretensa superioridade de sexo forte?

Alerta, pais brasileiros, evitem que seus filhos sejam iguais a esses que circulam já por aqui cabeludos, mal cheirosos e maltrapilhos.

Recordar é viver

Na minha idade é comum e agradável recordar o passado. A nossa vida colegial, a de nossos filhos pequeninos, adolescentes, os cuidados e preocupações que nos deram, enfim, pequeninas coisas que para os jovens não têm importância agora, mas, estou certa, farão o mesmo quando à nossa idade chegarem. É bom recordar, principalmente as coisas boas do nosso passado. Por exemplo, não esqueci nunca a minha infância, o carinho que me dispensaram os meus.

Quando estudante, era considerada no colégio em que fui educada uma "enfant gatée" (menina mimada) e o era mesmo, principalmente por meu querido pai.

Tenho pena da mocidade de hoje, tão desgarrada da família, tão indiferente e fútil. É bem verdade que não são todos os jovens assim. Ainda há aqueles que dão valor ao convívio familiar e amam os seus pais e irmãos. Não vamos fazer regra geral, porque felizmente nem tudo está perdido no mundo.

Ainda há dias soube de uma jovem a quem quero muito bem que, estando para ser Mãe, está preocupadíssima com o filhinho que vai nascer, e estuda, lendo muito para saber como irá educar este ente que apenas dá pulinhos no seu ventre ainda mais que, observando o que se passa em volta de si com meninos e meninas de hoje, teme pelo futuro dele.

Moça moderna, mas de ótima formação moral, possuidora de pais excelentes, compreensivos e controlados, ela, que recebeu deles uma boa educação, procura, devido à época, outro meio diferente talvez daquele que os Pais usaram para educá-la, a fim de se atualizar e evitar que, de acordo com o momento que seu filho irá viver, não se desmande como os que ela vem observando.

Ela tem razão, mas estou certa de que meiga e boa como é, compreensiva e bem casada, irá dar a seu filho as armas de que ele necessita para lutar contra tudo o que de mau e pervertido existe no seu futuro mundo que, pelo que se observa, poderá ser pior do que o atual.

Sou a favor do progresso e todos nós, os velhos, devemos nos atualizar, mas nunca perder a linha, a distinção e a fidalguia de trato. Tudo evolui, mas não é evolução a degradação moral e a falta de pudor que hoje se observa.

Por isso eu hoje procuro fugir de analisar e de ver o que se passa, para viver das minhas recordações, porque recordar é realmente viver.

Bodas de ouro

Tudo passa na vida! Os anos correm sem se sentir e, quando menos se espera, vê-se que cinquenta anos são passados e que nesses anos muito se viveu, porque não vivemos só a nossa vida, mas a vida de nossas filhas e até a vida de nossos netos. As suas alegrias, as suas preocupações, os seus momentos mais difíceis, tudo nós vivemos.

A vida é cheia de surpresas. E é com satisfação que esses anos todos passaram por nós e não deixaram marcas assim tão profundas; envelhecemos devagar, sempre unidos e com disposição para vivermos muito e muito mais ainda.

Se temos temperamentos diferentes, isso fez com que nos equilibrássemos muito mais.

A compreensão, que é o elo mais forte de uma união conjugal, nós possuímos sempre e isso concorreu e concorre para que nossas filhas hoje nos admirem.

Na vida de todo casal há pontos-de-vista diferentes, mas esses nunca perturbaram a nossa harmonia. Houve sempre entre nós o idealismo espiritual que cultivamos e mantemos com carinho. E isso conforta e retempera o espírito.

Portanto, se caminhamos até aqui de mãos dadas, sem tropeçar e muito menos cair, continuaremos a caminhar com passo firme, porque nem trôpegos estamos. Podemos, felizmente, ainda dar nossas caminhadas sem cansar nem arquejar.

Temos muita disposição e muita alegria dentro de nós, que faz encarar a vida com bons olhos, recebendo dela o que ainda nos possa oferecer de bom e desprezando o que tem de mau, de duvidoso, de decepcionante.

Sabemos que temos muito a fazer, que nos esperam ainda decepções e desgostos, mas nunca nos faltaram nem faltarão, estamos certos, a coragem e a resignação, porque caminharemos unidos como até aqui, amparando-nos um ao outro.

Sabemos e sentimos o carinho e o amor de nossas filhas, netos e genros, temos certeza que, felizmente possuímos uma família que até hoje permaneceu unida e esperamos que jamais se desuna, porque nela nos revemos com orgulho, dando por bem empregados esses cinqüenta anos de união.

Ao iniciarmos a nossa vida conjugal havia uma interrogação, hoje há uma afirmação, pois conseguimos realizar o nosso ideal, formando uma família que só alegria e consolo nos tem dado.

Tivemos os nossos dissabores, momentos bem difíceis, desilusões, decepções, mas sempre com os olhos fitos em nossas filhas, tudo vencemos e hoje olhamos para essas quatro criaturas que se fizeram mulheres e que nos deram preciosos netos e nos trouxeram ótimos genros com a alegria de pais realizados.

Por tudo isso, o carinho, a simpatia com que todos nos cercaram no dia em que fizemos nossas Bodas de Ouro, nos comoveram profundamente.

SEGUNDA PARTE

HOMENAGEM PÓSTUMA

"E agora, a 30 de outubro de 1979, deixou-nos Maria Júlia de Mattos do Nascimento Cottas, a sempre querida filha do Mestre Luiz de Mattos, que soube ser esposa e Mãe e que amava suas filhas, os seus queridos netos e bisnetos.

Durante meio século lutou pela espiritualização da mulher. Seus livros, suas crônicas em *A Razão*, seus discursos nas inaugurações das Casas Racionalistas Cristãs entusiasmavam e, às vezes, faziam verter lágrimas no auditório. "

(De Nota – A RAZÃO - 20.11.71)

"... Maria Cottas para todos nós continuará presente em seus escritos, que tão bem retratam as duras contingências humanas e os miúdos interesses dos pobres viventes deste mundo de misérias... "

(De Tudo Passa na Vida, ver abaixo)

"... que a obra de Maria Cottas, disseminada por este País através dos seus livros preciosos possa ser fonte de inspiração, sobretudo para a infância e a juventude, que hão de encontrar nos seus contos, nas suas palavras, toda aquela força e expressão que não podem faltar às almas em formação e aos caracteres ainda incompletos. . . "

(De Homenagem Póstuma, ver abaixo)

"... uma senhora que soube escolher uma motivação excepcional e se desligou dos objetivos inferiores da vida a tal ponto, que viveu estranha aos ultrajes, impassível, superior aos prazeres e às dores, invulnerável à falsidade e à maldade, completamente devotada à sua família e ao próximo, que também ela considerava família."

(De in Memoriam, ver abaixo)

"D. Maria Cottas, que tinha relâmpagos na alma e se inspirava sempre pela mais nobre e tocante solidariedade humana, não deixou apenas lições e exemplos edificantes para a família, para os amigos, para os que tiveram a ventura de conhecê-la, mas também – e principalmente – para o mundo!"

(De D. Mariazinha, ver abaixo)

"Dela se pode dizer que dignificou ao máximo o papel da mulher, elevando-o à mais alta expressão de sensibilidade feminina. Inexcedível foi como esposa, mãe, avó e bisavó, derramando infinitos exemplos de eloqüente afirmação da família, solidamente alicerçada nos princípios cristãos."

(De *Luzeiros da Humanidade*, ver abaixo)

Homenagem póstuma

O operoso Deputado Alcir Pimenta (MDB-GB), numa das últimas sessões do Congresso Nacional, fez uso da palavra para assinalar o desaparecimento da nossa saudosa colaboradora Maria Cottas, "... cuja obra, disseminada por este País através dos seus livros preciosos, possa ser fonte de inspiração sobretudo para a infância e para a juventude..."

O orador ressaltou a solidariedade do MDB à manifestação de pesar que expressava pelo infausto acontecimento, apresentando seus votos de condolências à família do Sr. Antonio do Nascimento Cottas em termos repassados de fraternidade cristã.

As palavras do conhecido educador carioca tiveram ampla repercussão no seio da família racionalista cristã, tendo seu discurso sido transmitido às Casas Racionalistas Cristãs de todo o País, conforme publicado nas páginas 1902 e 1903 do "Diário do Congresso Nacional", de 10 de novembro próximo passado, que passamos a transcrever:

SR. PRESIDENTE (Carlos Lindenberg): Concedo palavra ao Sr. Deputado Alcir Pimenta.

SR. ALCIR PIMENTA (Sem revisão do orador.): - Sr. Presidente, Srs. Congressistas, abro hoje uma pausa nos pronunciamentos políticos que venho fazendo desta tribuna, com o propósito de assinalar, pesarosamente, o falecimento, no Estado da Guanabara, no mês recém-findo, da escritora e jornalista Maria Cottas.

Tratando-se, Sr. Presidente, de uma das figuras mais exponenciais da vida carioca, não apenas pelos seus dotes intelectuais se não também pelas virtudes do coração que exornaram a sua passagem por este mundo, creio ser de toda justiça, como representante daquele Estado, trazer a esta Casa, ao conhecimento da Nação, o quanto foi proveitosa, não apenas para os guanabarininos mas para quantos com ela conviveram, a passagem da alma privilegiada de Maria Cottas por este mundo de sofrimentos e de fadigas

Quero, desta tribuna, enviar os votos de condolências à família enlutada, esperançoso de que a obra de Maria Cottas, disseminada por este País através dos seus livros preciosos, possa ser fonte de inspiração, sobretudo para a infância e para a juventude, que hão de encontrar nos seus contos morais, nas suas palavras, à infância e à juventude, toda aquela força e expressão que não podem faltar às almas em formação e aos caracteres ainda incompletos para que, realmente, eles atinjam a plenitude do seu desenvolvimento, para que, realmente, possam transformar-se todos esses jovens, no futuro, em cidadãos prestantes à nacionalidade, em homens capazes de concorrer para a grandeza da Pátria brasileira.

Aqui fica, pois, Sr. Presidente, Srs. Congressistas, a solidariedade do MDB carioca, representado na minha pessoa, à família do Sr. Antonio Cottas, esperançoso de

que, galgando outros mundos mais promissores, aquele espírito privilegiado possa, realmente, concorrer para que a fraternidade entre os homens seja, de fato, a marca de toda a vida sobre a face da Terra. (Muito bem)!

(Diário do Congresso Nacional, 10.11.71
A RAZÃO, Rio de Janeiro 20.11.71)

In memoriam

Emir Nunes de Oliveira

Há os que deixam a vida, ignorando o que vieram fazer, há os que jamais produziram algo de apreciável, sempre existiu a massa anônima, apenas preocupada em viver de qualquer jeito.

Existem e existiram sempre os capazes, os modestos, que muito fizeram e ficaram ignorados a contrariar o vezo atual da auto e falsa promoção.

Propõem-se uns obter glória a todo o custo, outros fortuna, alguns perseguem o poder, todos ansiando satisfazer a sua própria vaidade, aparecer na vida, e por que não? – gozá-la.

A maioria passa, como disse o poeta, em branca nuvem, despreocupados, vivendo o dia-a-dia ao sabor dos acontecimentos, rindo ou sofrendo, como habitualmente acontece.

A vida é naturalmente um bem precioso, e seu uso, sem egoísmo e com objetivação elevada, pode servir ao mais empedernido agnóstico, e com melhor razão ao ser altamente espiritualizado.

Finou-se no dia 30 de outubro próximo findo uma senhora que soube escolher uma motivação excepcional e se desligou dos objetivos inferiores da vida a tal ponto, que viveu estranha aos ultrajes, impassível, superior aos prazeres e às dores, invulnerável à falsidade e à maldade, completamente devotada à sua família e ao próximo, que também ela considerava família.

Escritora de mérito, procurou em toda a sua produção literária orientar os jovens e educá-los, mostrando-lhes a beleza de uma vida virtuosa, orientada para o bem comum, constituindo-se ela própria em exemplo vivo, com a circunstância de modestamente encobrir coragem e valor excepcionais.

Em *Folhas Esparsas*, está retratado em capítulo sobre o Dever, em linguagem feminina e encantadora, o código que se impôs.

Analise: - "Mas, mamãe, já estou saturada de teus conselhos... ou por outra, de ouvir essa mesma palavra sempre – dever! Tudo é dever para ti. Consideras a vida repleta de deveres. Por que não falas também em prazer e idealismo? Tenho vinte anos, mamãe...

– Por isso mesmo, minha filha, porque tens vinte anos, quero que compreendas a intenção de meus conselhos. Não sentes que te envolvo na ternura de meu olhar, enquanto minhas palavras brotam dos lábios? Não vês que não ofendo a tua mocidade, o teu entusiasmo, que não te castigo com meus conselhos?

– ... Idealizas? Fazes bem, minha filha. É preciso algo de sonho na vida. Eu também sonhei!... Idealizar é imaginar um mundo formoso, uma existência cheia de encantos, é construir, com pequeninas alegrias, uma grande; é expulsar o mesquinho, o grotesco da vida, envolvendo a alma de Sol.

A vida de quem sonha é clara e risonha, traz asas no espírito e seus pés mal pousam na terra.

– Mas, supões tu, porventura, que o dever te impedirá de idealizar? Não, tampouco te afastará do prazer. O que eu quero é inculcar no teu espírito esse amor ao dever que eu sempre tive e tenho ainda.

Foi o dever que impôs disciplina a meus atos, e eu te asseguro que somente com ele se pode ser feliz, verdadeiramente feliz.

O dever é o que há de mais honroso na vida, pois nos devolve com juro tudo quanto lhe sacrificamos.

É o único que nos deixa um bem-estar indefinido na alma. É o único que, uma vez cumprido, dá lugar ao direito".

Digna filha do ilustre fundador desta folha, o inolvidável Luiz José de Mattos, foi a companheira, a esposa perfeita do intemerato lutador, digno e ilustre sucessor do sogro, o nosso inconfundível Antonio do Nascimento Cottas, deixando filhas e descendentes que verdadeiramente honram os pais.

Maria Júlia de Mattos do Nascimento Cottas, a querida Mariazinha dos íntimos, está presente e ficará na memória de quantos a conheceram e será exemplo para a posteridade de desprendimento, dedicação, valor, altruísmo e bondade.

Doenças traiçoeiras

Dr João Cottas

A traição humana é própria do mundo Terra. Observa-se nas pessoas de mau caráter, perversas e desprezíveis. Mas não é só a traição que mata ou apunhala o indivíduo fisicamente, como aconteceu ao grande político e ilustre estadista Pinheiro Machado, apunhalado traiçoeiramente pelas costas. Há também a traição de certas doenças, aquelas que matam, que fulminam, paralisam o coração e interrompem a vida física, prematuramente. São doenças que enganam e iludem; dão impressão de bem-estar e alegria; o paciente parece sentir-se melhor, com mais ânimo, mais esperança e mais coragem para viver, mas tudo não passa de simples e pura ilusão. De repente, como um castelo de cartas que desmorona, todo esse bem-estar, todas essas melhoras aparentes cessam, e o doente é acometido de um mal súbito, um inimigo traiçoeiro o fulmina com lancinantes dores precordiais, devido à deficiente irrigação do coração e à diminuição do oxigênio.

Entre essas doenças traiçoeiras, há uma que não respeita hora, dia ou noite para atacar, e denomina-se *Angor pectoris* (Angina do peito), conhecida vulgarmente por dor de peito.

Ela aparece sem nenhum motivo aparente; às vezes, em pessoas com saúde parecendo perfeita, em repouso ou pleno sono.

É uma faca de dois gumes. Tanto ataca nas emoções fortes, nas grandes alegrias, provenientes de reuniões familiares e espirituais, como nos estados mórbidos de tristeza e de abatimento, ou na ocasião de algum esforço físico.

O estreitamento ou a contração das pequenas artérias que irrigam o coração é a causa imediata da angina, que se manifesta com dor violentíssima, torturante, insuportável e sufocante.

Toda pessoa que sentir opressão ou aperto no peito e dores precordiais, deve entregar-se aos cuidados de um médico de reconhecida competência. Deve evitar esforços, emoções fortes e esgotamento mental.

Alguém que muito queríamos, respeitávamos e estimávamos como Mãe, pois a ela fomos entregues aos 11 anos, para nos educar e instruir, foi vítima dessa traidora doença. Ela que tanto amor tinha à vida e tanto ainda precisava viver! Todos os recursos médicos foram inúteis para manter-lhe essa vida e impedir que seu espírito se desprendesse tão cedo do corpo físico e ausentasse do convívio dos familiares e amigos, que eram muitos.

Uma mulher extraordinária

Angela Cottas

Se eu tivesse nascido em 1900, acho que às vezes me perguntaria se me foi mesmo possível testemunhar tanta coisa. Desse ano até hoje, morreram no mundo milhares de pessoas no desenrolar sangrento de duas guerras mundiais, inaugurou-se nova era na moralidade e na capacidade de se destruir dos homens com o lançamento da primeira bomba atômica em Hiroxima, eclodiram dezenas de conflitos locais, sempre ameaçando tornar-se um confronto entre os "grandes" e condenar o mundo talvez à destruição total, enquanto, ao mesmo tempo, surgiram novos medicamentos, vacinas e técnicas cirúrgicas que permitiram salvar milhares de vidas até então condenadas, provocando inclusive discussões filosóficas e teológicas a respeito da validade de se prolongar a vida humana, como no caso dos transplantes de coração.

Em 1900 ainda não havia sido inventado o avião e, entretanto, hoje já não conseguem grande audiência as transmissões pela TV da descida de homens na Lua, de tão pouca novidade que representam. Em 1900, as artes, os costumes, a moral, a moda, tudo era impregnado de tabus, regras e limitações, mas dezenas de artistas incompreendidos em sua época, as teorias de Freud, a pílula anticoncepcional, as primeiras pesquisas com alucinógenos e Mary Quant, a inglesa que um dia resolveu subir a bainha das saias, tudo isto, entre outras coisas, fez com que o dia-a-dia dos anos 70 em nada lembre o nem-tão-distante-assim início do século. Acho que se eu tivesse nascido em 1900, viveria pensando nisto. É claro que reconheceria que atualmente os pulos são ainda maiores e as distâncias entre uma etapa e outra ainda menores, mas mesmo assim me surpreenderia com o que já presenciara.

Vovó, que nasceu em 1900, nunca conversou comigo sobre isto. É bem verdade que ela não era do tipo de pessoa que se surpreende com facilidade e nunca tinha, portanto, uma reação de descrença ou negação perante o novo. Viver o mundo atual, seguindo sua moda no trajar, mantendo-se sempre informada sobre o que ocorria em

volta dela, em todo o mundo, conservando assim uma grande abertura mental, era a qualidade de que ela mais se orgulhava. Em cada tapete que idealizava, em cada roupa de crochê que fazia – sempre inventando pontos novos, recusando-se a fazer para uma neta um xale exatamente igual ao da outra – em cada peça de porcelana que pintava – desde os 60 anos, quando achou que ainda era tempo de aprender mais uma forma de se dar às pessoas – em todos os momentos, enfim, ela fazia questão de manter espírito alerta, pronto para receber novas idéias, filtrá-las com lucidez e desta filtragem sair sempre mais arejada, mais jovem.

Não me lembro de ter ouvido dela um "no meu tempo..." saudosos. É claro que gostava de falar das travessuras na época do colégio, dos cursos no Carnaval, do namoro com bilhetinhos dentro de revistas, mas tudo isto sem saudosismo piegas, sem censuras aos tempos atuais, mas querendo mostrar que foi moça também e assim conquistar a confiança dos netos, atraindo confidências das quais tanto se orgulhava. Realmente, acho que ela não meditava muito sobre o quanto o mundo se modificou desde o ano de seu nascimento. A quantidade de veículos que aumentou cada vez mais rápido na terra, nos céus e nos mares não a atropelou nunca, não conseguiu nunca fazer dela uma pessoa entrevada mentalmente. De cada momento bom ou mau que viveu, vovó saiu sempre disposta para o momento futuro, sem demonstrar jamais a menor tendência a se refugiar no passado.

Será que eu serei assim aos 71 anos? Será que conseguirei acompanhar o ritmo cada vez mais acelerado do surgimento de coisas novas, no mundo? Se não conseguir, não haverá muita razão para me envergonhar. Na verdade, não sei quantas pessoas foram, são ou serão como vovó era aos 71 anos. E embora esteja contra mim o fato de ter tido nela um exemplo de pessoa que soube envelhecer, um exemplo tão próximo que eu deveria imitar, sempre poderei justificar meu provável saudosismo ou rabugice alegando: afinal, Maria Cottas era uma mulher extraordinária. E demonstrar assim, sem recorrer a um rosário de elogios ou a todos os adjetivos do dicionário, que a personalidade dela me marcou profundamente, como marcou a todos que com ela conviveram e aprenderam que é preciso manter uma atitude mental sempre confiante e otimista, pois "pensar é atrair".

Dever cumprido

Olga B. C. de Almeida

Mariazinha,

Não te adornaram o derradeiro leito grinaldas entrelaçadas de fitas com dizeres nem flores naturais, mas cercaram-no o pranto de puro afeto e sentimentos de ternura.

Foste, em criança, de teu pai o sonho que tão bem realizaste.

Na adolescência aprendeste a amar a Beleza e o culto do Dever; a enxergar, além dos horizontes terrenos, os verdadeiros horizontes da vida.

Tão belos ensinamentos utilizaste mais tarde como colaboradora eficiente da Doutrina. E tua palavra era sempre ouvida nos momentos de festa ou tristeza.

Como esposa, enfeitaste o lar com as flores da alma e fizeste dele um mundo à parte muito sereno por cultivar os bons sentimentos; muito bonito por ter sido

construído com o ideal da verdade e perfeição. E a vida se tornou tão agradável, que irradiou simpatia e gratidão a quantos o procuravam.

Teu labor estendeu-se por inúmeros lares que soubeste esclarecer através da linguagem escrita e falada. Distribuías consolo aos que choravam, amparavas os desnorteados, à medida que despertavas a alma humana com os recursos da cultura e da palavra fluente.

Ouvir-te era aprender a criar harmonia neste pedaço do Universo em que ora vivemos. Contagiante era a alegria que sentias pela vida, admirável a firmeza com que doutrinavas, enternecedor o carinho com que conduziavas os teus.

À família e aos racionalistas resta a saudade, impregnada de lembranças de uma existência bem vivida.

A morte do corpo representou a viagem-prêmio de uma vida tão laboriosa quanto produtiva. A Doutrina, porém, enriqueceu com uma dádiva de real valor.

Chorem todos os que muito te amaram, mas enxuguem as lágrimas apagando as imagens lúgubres e substituindo-as pelas que marcaram teus dias felizes a usufruir a alegria que distribuías a envelhecer na glória do dever cumprido.

Só assim, encontrarão forças capazes de consolar.

Tudo passa na vida

Othon Ewaldo

Assim escreveu Maria Cottas em sua última crônica. Não escreveu a de hoje. Neste mundo, não escreverá mais, porque deixou-o, subitamente. Foi-se, sem alarde, como alguém que se retira e, silenciosa, fecha atrás de si uma porta. Morreu.

Esta última palavra, que costuma encerrar uma existência, aqui não causa penosa impressão, porque Maria Cottas para todos nós continuará presente em seus escritos, que tão bem retratam as duras contingências humanas e os miúdos interesses dos pobres viventes deste mundo de misérias.

Para nós, como para muitos mais, o hábito de lê-la, rever seus pensamentos, é a maneira de senti-la na comunhão de sentimentos afins.

Herdara de seu saudoso pai, jornalista combativo, o ardor das lutas pelas causas justas, a solidariedade pelo sofrimento alheio, a defesa da mulher, vítima da sociedade atual e seus escritos sempre vasados em estilo animoso, otimista, deixavam transparecer a disposição de viver com eficiência, amparando, orientando o seu semelhante.

Em geral, exaltavam a mulher, acentuando suas condições de vida, para inculcar-lhe uma melhor situação na sociedade pela instrução e comportamento exemplar.

Foi a tônica predominante de seus artigos, já salientada no Prefácio de sua obra *Páginas Soltas*: "...seus escritos são uma constante exaltação à Mulher, numa autodefesa extremada, às vezes heróica, sempre enternecedora, a vislumbrar-se nas entrelinhas a sutileza feminina."

Na verdade, por suas crônicas passaram ações e atitudes de mulheres ilustres, como a Rainha Elizabeth, Eleanora Roosevelt, Lady Churchill, Mme. Pasteur, Filipa de

Lancaster, Emma Darwin, Tchien Wou e outras, na apreciação brilhante de sua pena sincera e desinteressada.

Tinha uma maneira desataviada de contar as coisas, demonstrando interesse mais pela gente, pelo protagonista do fato, que tivesse despertado seu comentário, não importa quem ou donde, do que pelo evento relatado.

Impressionava-a, ainda, o cotidiano das vidas modestas, cujos anseios e emoções traduzia com flagrante realidade, as dificuldades e sofrimentos do dia-a-dia da dona-de-casa e sua pena prestimosa muito apelo endereçou aos administradores, aos poderosos do dia, para que procurassem minorar as condições de vida do povo, do anônimo pai de família, que luta pelo sustento da prole.

Ligada a prestigiosa instituição de beneficência, a ela consagrou todos os momentos de sua vida laboriosa. Sabendo de sua solidariedade para com os sofredores, principalmente as Mães para ela apelavam em busca de orientações, corações aflitos.

Dotada de extrema sensibilidade, vivia dentro do mundo que construía, cultivando a literatura, a pintura e a música, que apreciava desde a erudita à popular, acompanhando, pela televisão, os Festivais da Canção, e publicando suas impressões.

Assim, vivendo intensamente a vida, dela compartilhava mais de seus momentos aflitivos, auxiliando os que a ela recorriam, espargindo sua bondade pelas Mães sofredoras, do que como companhia para reuniões de sociedade, que pouco freqüentava.

"A vida é cheia de surpresas", vaticinara em sua última crônica, numa predestinação do que lhe aconteceria dez dias depois. E a vida surpreendeu-nos, dolorosamente, com seu desaparecimento para sempre.

Que havemos de fazer?

Dona Mariazinha

Joaquim Costa

Seria aquele sábado, 30 de outubro de 1971, um dia como tantos outros para mim, se a campainha do telefone da minha casa não tivesse soado, por volta das vinte e duas horas e trinta minutos. Atendi, ao primeiro sinal, sem imaginar que ia receber uma informação tristíssima, dessas que pungem e lanceiam a alma dos mais fortes.

– D. Mariazinha está muito mal, ouvi dizer o amigo que me transmitia a infausta e dolorosa notícia, do outro lado do fio. O senhor poderá vir ao Rio?

– É grave? - indaguei, atordoado, com a sensação de haver recebido uma forte pancada na cabeça.

– Ela morreu - anunciou, hesitante e a custo, a voz distante.

– E o senhor Cottas? perguntei, tomado de ansiedade.

– Estão todos aqui reunidos, foi a resposta.

Perplexo, desliguei o aparelho, sem poder pronunciar mais uma palavra, e não tenho vergonha de dizer: comecei a chorar, com os soluços quase me sufocando. Minha mulher exprimiu o seu desespero por incontroláveis lamentações.

Pouco mais de meia hora depois, estávamos viajando para a Guanabara, mal acreditando que o que ouvíamos não passasse de um terrível pesadelo.

Não, não era possível que nos tivesse deixado tão cedo, tão inesperadamente, aquela extraordinária criatura que nos habituáramos a amar como se fora a mais querida, a mais estimada, a melhor das irmãs.

A realidade, porém, não permitia qualquer ilusão, aumentando a nossa dor com a amarga saudade do amanhã que se antecipava. É claro que não pensávamos na efetividade da morte de quem passara uma existência imortalizando-se em cada pensamento, em cada gesto, em cada ação, e é, como todos nós, que estamos tão longe, tão distante dela, em essência imortal. Mas não mais ouviríamos a sua voz impregnada de generosidade e beleza, não mais receberíamos os judiciosos conselhos que a longa experiência da vida lhe ditava, não mais testemunharíamos o maternal interesse que ela demonstrava por tudo quanto dizia respeito aos que tiveram o privilégio de participar da sua amizade.

Maria Júlia de Mattos do Nascimento Cottas, ou simplesmente D. Mariazinha, como era tratada na intimidade, era filha diletta do fundador do RACIONALISMO CRISTÃO que, ao contrário do que muitos pais faziam, no começo do século, só preocupados em proporcionar instrução aos filhos varões, por julgarem a cultura desnecessária às mulheres, desde a mais tenra idade da menina Maria Júlia contratou professora competente e idônea para ela, internando-a, depois, no Colégio Imaculada Conceição, apesar de não ser de católico e de estar, na época, escrevendo no jornal diário A RAZÃO, por ele também fundado, uma série de cartas ao Cardeal Arcoverde, então Arcebispo do Rio de Janeiro, demonstrando, em linguagem contundente, os erros do catolicismo e o mal com que, através dos tempos, dificultara a evolução espiritual da humanidade.

Essas cartas eram lidas, diariamente, pela Madre Superiora do Colégio, que dispensava à filha do autor um interesse todo especial pela sua instrução e bem-estar, tratando-a com o maior carinho, e a Luiz de Mattos com uma consideração e um apreço que não sabia esconder.

Aluna das mais brilhantes, com destaque em línguas, o que fazia por todos admirada, retornou ao lar, após a conclusão dos estudos passando a secretariar o seu ilustre progenitor, que teve a alegria de ver na filha predileta uma competente e prestimosa colaboradora.

Unida, pelo matrimônio, ao homem que o fundador e Presidente Perpétuo do RACIONALISMO CRISTÃO havia, antes do namoro, designado para sucedê-lo na chefia da Doutrina, soube ser, não apenas a companheira ideal, a mãe-de-família inexcelsável nos cuidados e na dedicação às filhas e aos deveres do lar, mas a esposa compreensiva, tolerante, justa, generosa e magnânima que, com a consciência da alta missão de que se investira o seu marido, após a desencarnação do Mestre Luiz de Mattos, e das imensas responsabilidades daí decorrentes, fez questão de colocar-se ao seu lado, também no setor da Doutrina, como principal instrumento mediúnico, a ela e aos encargos da família tudo sacrificando, numa vida de abnegação, desprendimento e renúncia que inspirava, a um só tempo, admiração e respeito.

Contam-se, por milhares, as doutrinações transmitidas por seu intermédio, do Espaço Superior. Que grandes, que belos, que portentosos, que sábios ensinamentos para inundar de luz resplandecente e orientadora o obscuro mundo em que transitoriamente vivemos, mundo que lamentavelmente se recusa a recebê-los!

Escritora nata e educadora por vocação irresistível, em todos os livros de D. Maria Cottas se nota a sua preocupação de contribuir, por meio de conselhos e admoestações,

impregnados de sincera afeição, para o aperfeiçoamento moral da juventude que ela tanto amava, com a correção de vícios resultantes, na maioria dos casos, dos maus exemplos dos adultos. Por causa disso, jamais negava aos jovens uma palavra de compreensão, de indulgência e de estímulo.

Um exemplo dessa orientação está na "Coluna Feminina", publicada na terceira página de A RAZÃO, em que a colunista punha em cada escrito, com a marca inconfundível da sua nobre personalidade, um pedaço da alma generosa que possuía.

"Bodas de Ouro" – a última jóia oferecida aos leitores pelo seu grande talento – traduz, numa síntese admirável, as emoções por ela sentidas na festa com que, dezoito dias antes do desenlace, quiseram homenagear o ilustre casal, pelos cinquenta anos de vida em comum, as suas filhas, genros e netos, reunindo velhas amigas. Será necessário lembrar ao leitor que essa peça pela sua rara beleza merece ser guardada no melhor dos relicários?

Mas não era somente na atividade cultural que se destacava a personalidade multiforme da escritora Maria Cottas. Trabalhadora incansável, ela aproveitava todos os momentos disponíveis nos mais diversificados labores do artesanato caseiro, como a pintura, a decoração de peças de porcelana, o crochê, a tapeçaria e outros, em que deixava impressa a marca inconfundível dos seus excepcionais dons artísticos. Que coisas lindas fazia! E com que admirável disposição!

A impressão que se tinha, vendo-a permanentemente absorvida pelo trabalho, era de estar travando uma luta contra o tempo. Realmente, até o momento de fechar os olhos da matéria para este pobre mundo e abrir os da alma para a vida espiritual, assim foi sempre a nossa querida, a nossa inesquecível D. Mariazinha, que teve a felicidade de deixar uma família solidamente unida – uma família que se entende, que se quer, que se respeita, que se estima e que tem na mais alta conta – como herança das mais caras, das mais valiosas – os nobres exemplos da sua vida, e da do esposo que tanto amara e lhe sobrevive.

O grande número de pessoas amigas (cerca de meio milhar) que, de vários Estados e da Guanabara, acorreram à residência da família Cottas para prestar à grande desaparecida as derradeiras e comovidas homenagens, diz bem da estima, do respeito e da admiração que todos, indistintamente, lhe tributavam.

D. Maria Cottas, que tinha relâmpagos na alma e se inspirava sempre pela mais nobre e tocante solidariedade humana, não deixou apenas lições e exemplos edificantes para a família, para os amigos, para os que tiveram a ventura de conhecê-la, mas também - e principalmente - para o mundo!

Luzeiros da humanidade

Antonio Cristovam Monteiro

Mal refeitos, ainda, do abalo que a todos causou a inesperada desencarnação de Dona Maria Júlia de Mattos do Nascimento Cottas, aos poucos, vamos suavizando esse vácuo impreenchível, com o bálsamo envolvente da saudade.

Sim, Dona Mariazinha, tratamento carinhoso com que vos distinguíamos na intimidade, é um vosso genro que, por um dever inelutável de gratidão, vem render-vos descolorida mas sincera homenagem.

Direi mais, o respeito e a admiração que vos votava, transcendiam, de muito, os estreitos limites desse parentesco por afinidade. Sempre vos tive na condição de mãe, e, de vós, sempre recebi o afeto, o carinho, enfim, as atenções mais extremosas que só se prodigalizam aos filhos diletos.

Muito já se falou e escreveu, e muito ainda há que se exaltar da vossa esplendorosa existência terrena, que tamanho acervo de realizações deixou à humanidade.

Difícil, senão impossível, se torna avaliar onde mais se sublimou esse grande espírito.

Com a mesma naturalidade com que refulgia no campo das artes, máxime na literatura, pintura e tantas outras, desempenhava seus afazeres domésticos como autêntica e perfeita dona-de-casa.

Dela se pode dizer que dignificou ao máximo o papel de mulher, elevando-o à mais alta expressão de sensibilidade feminina. Inexcedível foi como esposa, mãe, avó e bisavó, derramando infinitos exemplos de eloqüente afirmação da família, solidamente alicerçada nos princípios cristãos.

Dona de imensa cultura, militando com brilhantismo na imprensa, autora de várias obras, uma das quais, *Contos Morais*, teve, espontaneamente, a prefaciá-la o eminente filólogo Mario Barreto, que pertenceu à Academia Brasileira de Letras, por isso mesmo, nenhuma glória tinha o poder de ofuscar-lhe as múltiplas qualidades inatas em seu espírito avultando o desprendimento, a abnegação e a humildade.

Acima de tudo, a humildade. Ela a possuía no mais alto grau de espiritualidade.

Biógrafos sei, perfeitamente, que os há, capazes de realçar-lhe as excelsas qualidades com maior brilho e louçainhas do estilo.

Mas, involuntariamente, por certo, escaparão ao seu alcance grandes gestos desse espírito superior, que ficaram acobertados pela virtude tão difícil e rara da humanidade.

Só aqueles mais chegados, como nós, eu e minha esposa, em cuja casa muitas vezes ela desafogava o seu íntimo até às lágrimas, porque era altamente sensível aos sofrimentos humanos, podemos dar testemunho eloqüente da grandiosidade da sua obra benfazeja.

Não que ela o revelasse, mas que, pela sua fala em tese, reconstituiríamos, mais adiante, através de fatos chegados ao nosso conhecimento.

Quantas famílias, ameaçadas de desagregação por desentendimento entre marido e mulher, foram recompostas?

Quantos filhos, muitas vezes, na iminência de serem tragados pelas misérias do mundo, foram devolvidos, recuperados, aos seus lares?

Que sofrimentos outros, sem conta, foram senão curados, pelo menos, mitigados pelo calor da palavra amiga, pela efluviação benéfica desse magnânimo espírito?

A grandeza, o sublime de tudo isso, é que era feito sob o anonimato.

"Tudo passa na vida", o dissestes no último escrito para A RAZÃO. Sim, tudo pode passar ao esquecimento para aqueles espíritos de trajetória efêmera, como as estrelas errantes que rasgam o firmamento, em fração de segundo, perdendo-se na imensidão do infinito.

Mas, não com o vosso espírito, astro de primeiríssima grandeza que ao lado de outros Sóis como Cristo, Luiz de Mattos, Luiz Thomaz, hão de luzir pela eternidade, a fecundarem, perenemente, os espíritos cá da Terra e de outros mundos-escola, com o brilho cintilante do esclarecimento.

Reminiscências

Humberto Rodrigues

Em certas fases difíceis e dolorosas que um ser humano se vê obrigado a enfrentar em sua passagem pelo torvelinho de nosso mundo, em certos momentos cruciantes, é que se vê, em todo o esplendor a grandeza das convicções espiritualistas esteadas na certeza da existência da vida além-matéria, e que, à consumação desta, algo continua inexoravelmente, traduzindo a trajetória infinita do espírito liberto do corpo físico no caminho da perfeição. Esta certeza é que nos ajudou, não só a nós, como a todos os racionalistas cristãos convictos e sinceros, a enfrentar a dor provocada pelo falecimento de Maria Cottas, de nossa querida Tia Mariazinha, no dia 30 de outubro de 1971.

Pensávamos escrever algo em sua homenagem na edição de 20.11.71 deste Jornal, fundado por seu dedicado Pai, ao qual ela tão bem soube honrar, porém não conseguíamos encontrar ânimo para fazê-lo, tão forte o abalo e a tensão emocional sofridos. Mas, felizmente, naquela edição outros articulistas escreveram sobre sua personalidade inconfundível.

Quando começamos a encarar a realidade do fato consumado, doces recordações, como que através de um filme, descortinaram-se por nossa mente.

Lembramo-nos, então, de uma tarde de 19 de dezembro de 1956, quando seu esposo, nosso querido Tio, em seu escritório aproximou-se de nós trazendo nas mãos um pequenino embrulho, e com aquela fisionomia austera, que lhe era tão peculiar, dirigiu-nos estas palavras: "Vá para casa e entregue esta encomenda à tua Tia". Sem entendermos bem o que se passava, assim o fizemos. Ao chegarmos à casa, ela abriu um embrulhinho. Era uma caixa contendo um anel de formatura, eis que, no dia seguinte, colaríamos grau na Faculdade de Direito. Alegrementemente, colocou-o em nosso dedo, mas logo após, abraçou-nos chorando copiosamente, e assim ficamos alguns instantes, sem pronunciar palavra, porque a emoção não permitia, traduzindo um momento indelevelmente gravado em nossa memória.

Recordamo-nos também das ocasiões que passou ao lado de nossa Mãe, enferma, dando-lhe toda a assistência e carinho como se fora a uma irmã.

Lembramo-nos ainda quando, no nascimento de nosso filho, permaneceu à cabeceira de nossa esposa ininterruptamente, até alta madrugada. Mas assim era Maria Cottas. Não conhecia a palavra sacrifício quando tratava de atender a um ente querido que necessitasse de conforto e ânimo.

Em todos os momentos importantes de nossa vida, ela, emocionada, sempre estava presente. Em nossa formatura na Faculdade de Direito. Em nosso casamento, como testemunha principal. Nos momentos inesquecíveis em que nosso filho veio ao mundo, e no ato da lavratura do registro civil de seu nascimento. Na enorme alegria que sentia e alardeava ao observar o incentivo que nossa querida esposa sempre nos

proporcionou na luta pela vida, demonstrando a grande satisfação pelo nosso feliz matrimônio, e tantas outras recordações que se enumerássemos e descrevêssemos ocuparíamos largo espaço deste jornal.

Esses os motivos pelos quais não poderíamos deixar de homenageá-la, pelo que fez por nós e pelo que nos queria.

Sabíamos que nos estimava mais como filho do que como sobrinho e, por isso, reverenciamos-la como à nossa própria Mãe, e é ainda por isso que, nesta oportunidade, assumimos o compromisso solene de, através de nossa vida física, esforçar-nos ao máximo para conseguirmos ser o tipo de homem que ela sempre desejou que fôssemos, e tudo faremos para nunca decepcionar seu espírito.

Em sua última crônica neste Jornal, intitulada "Bodas de Ouro", vaticinou filosoficamente que "tudo passa na vida".

Realmente, tudo passa na vida, porque o tempo, em sua marcha inexorável, é a única e salutar terapêutica, capaz de provocar a metamorfose de uma profunda dor moral decorrente da separação física definitiva, em doces e agradáveis reminiscências.

Solidariedade na dor

A família da nossa apreciada colaboradora, Maria Cottas, falecida recentemente, recebeu numerosas mensagens de solidariedade, dentre as quais uma é particularmente grata aos que mourejam nesta Casa:

Porque em suas entrelinhas vislumbra-se ter sido escrita com os olhos do missivista voltados para a nossa antiga redação da rua da Quitanda, com a presença sempre animadora – do nosso inesquecível fundador.

Ao escrever ter sido "Luiz de Mattos, meu inolvidável Chefe em A RAZAO, o confrade Nelson Kemp fez-nos todos volver àquele passado de lutas, de jornalismo difícil, sem a comunicação de hoje, quando o "furo" era perseguido pelo repórter, como o autor da carta, que os olhos da saudade nos mostra jovial, galgando aos saltos os degraus da velha escada, trazendo nas mãos os originais redigidos às pressas.

Vivendo hoje na serra, no aconchego dos livros e dos Amigos, que receber, alegre, nos fins de semana, sempre atual com os acontecimentos, traíndo o velho hábito de repórter, que sempre foi, Nelson Kemp, com sua carta comovedora fez-nos tristes suas palavras de repassada ternura e ao relembrarmos a mocidade turbulenta daqueles tempos.

Por tudo, repetimos-lhe: Obrigado, velho Kemp!

Eis a carta:

"Nova Friburgo, 22-11.71

Prezadíssimo Amigo Nascimento Cottas:

Recebi seu telegrama no dia 20 pelos meus 87 anos de trabalhosa existência. No dia seguinte, a visita de queridos Amigos, que vieram ao meu almoço e um deles deu-

me a dolorosa notícia do falecimento de Dona Mariazinha, que herdou do pai as virtudes que lhe davam um toque de mulher excepcional, cultura e talento a serviço das boas causas. Conheci-a mocinha e a vi, longos anos depois, na sua casa, ao seu lado, distribuindo afabilidades aos visitantes. Era a mesma da mocidade, irradiando a sua simpatia, deleitando os seus convivas com a sua palestra sobre todos os assuntos. Diferente das outras pela simplicidade e meiguice a sua Esposa enaltecia a Mulher Brasileira, senhora de seus dotes que a tornavam admirada de todos. De regresso à nossa casa, disse à minha velha companheira: "Tive alguns momentos de alegria ao rever a filha de Luiz de Mattos, meu inolvidável Chefe em A RAZÃO, Dona Mariazinha, que me tratou com a sua habitual fidalguia".

Para a sua dor, meu caro Amigo, a mudez diz tudo. Quero, apenas, solidarizar-me com ela, numa profunda emoção de saudade por termos perdido uma Mulher exemplar e que bem traduzia as qualidades espirituais de seu saudoso pai. Com o pesar de todos de minha família, mando-lhe, e a todos os seus, abraços apertados de conforto e amizade.

Aqui, sempre às suas ordens, fica o amigo e admirador de sempre.

NELSON KEMP"

Crônicas d'agora

Othon Ewaldo

São os artistas – tantas vezes incompreendidos – que, através de suas obras, permitem que as gerações que os sucedem possam ter uma visão clara da época em que viveram.

Não tivéssemos as telas de um Toulouse-Lautrec e as descrições, por minuciosas que fossem, de Paris antiga, do tempo do Moulin Rouge, não nos dariam a idéia perfeita de seus freqüentadores que aquelas telas magistrais nos transmitem.

E assim ficaram as épocas marcadas por escritores, musicistas, pintores, artistas enfim, cada qual fixando através de sua arte o período efêmero de sua vida ante a magnitude da eternidade.

Do Brasil colônia, ficaram-nos os expressivos desenhos de Rugendas e Debret, num atestado colorido de flagrantes daquela época dos senhores do engenho, das sinhazinhas, indo a passeio de cadeirinha, carregadas aos ombros de pajens, do capitão-do-mato, perseguindo os escravos fugidos, do feitor nos serviços de lavoura, dos mocambos, dos trabalhos nos eitos solarengos, e por aí além.

Na literatura, nossos escritores deixaram-nos romances regionais, episódios históricos, desde os ciclos do ouro, da borracha, do açúcar, e outros, aos sociólogos, retrocedendo aos séculos passados para documentarem hábitos e costumes que, comparados com os de hoje, mostram o processo de evolução da nacionalidade, o tremendo esforço do nosso povo na ânsia do progresso.

Mas, no campo da literatura, não são somente os romancistas e sociólogos que nos mostram as alterações de hábitos e costumes através dos tempos.

Merecem, também, citação as crônicas, de origem bem antiga. Depois das anglo-saxônicas do século XI – quando eram simples relatos históricos – nos séculos XIII e

XIV aumentou consideravelmente o número de cronistas, e, do século XV em diante, com o estudo das literaturas grega e romana, a narrativa das crônicas sofreu uma transformação radical, deixando de relatar apenas um fato histórico para se tornar uma obra de valor não só histórico como literário.

Os cronistas, principalmente os que se dedicam a comentar os fatos e acontecimentos da sociedade, no dia-a-dia do jornal, registrando o cotidiano, deixam-nos preciosos flagrantes de ocorrências, quase que *flashs* de fatos vividos, numa linguagem franca e objetiva, como quem faz a legenda para uma foto oportuna.

Quando reunidas em livros, essas crônicas são como um álbum, cujas folhas se desfolham com curiosidade, às vezes com emoção, sempre com interesse, porque relatam fatos dos quais fomos testemunhas e que não mais acontecem, porque tudo evoluiu e os hábitos, os tempos mudaram.

E no revoltear do tempo que passa, alteram-se modas, desaparecem costumes, modificam-se os hábitos e, se não fossem os cronistas fixarem tais fatos, perder-se-ia, afinal, o que constituiu, o que formou o núcleo, o cerne da sociedade, da nacionalidade, do povo, enfim.

Com dois livros de crônicas publicados, com várias edições esgotadas, a Autora de CRÔNICAS OPORTUNAS não é uma desconhecida dos leitores e prescinde de apresentação.

Aliás, as últimas páginas deste livro encerram conceitos expedidos sobre sua singular personalidade, por ocasião do seu inesperado desaparecimento.

De suas crônicas, lembramo-nos do “Carnaval de Ontem e de Hoje”, que, no seu papel relevante de fixar hábitos já abolidos, retrata costumes não mais existentes nos dias que vivemos; outras, como “Festivais da Canção Popular”, ao contrário, contam espetáculos atualmente em moda e que daqui há mais anos talvez tenham sido superados por outras iniciativas. A crônica fixa um movimento de confraternização internacional, tão necessário nos dias que correm, ao qual a cronista empresta a solidariedade de sua pena desinteressada e independente.

Jornalista dotada de espírito combativo, sua inteligência aguçada encarava os fatos com seriedade, analisando-os com otimismo e deixando em cada escrito uma lição salutar a ser seguida.

Educadora por excelência, as crônicas são, antes de tudo, lições de orientação na vida, estímulo para os fracos e refletem sua sensibilidade chocada ante os desregramentos da juventude nos tempos de hoje.

Poderia ter viajado mais vezes à Europa, ou freqüentado mais amiúde os salões da sociedade, numa projeção que o seu casamento feliz proporcionaria, mas a tudo preferia o trabalho anônimo das prendas domésticas, de escrever sua coluna no jornal fundado por seu saudoso pai, na ânsia de aconselhar e encaminhar a mocidade, pela qual nutria desvelos e cuidados de mãe-de-família.

Em sua passagem por este mundo, numa existência digna e proveitosa, deixou-nos exemplos de virtude, dedicação e eficiência, que devem ser seguidos.

Mensagem de saudades

Discurso pronunciado pelo ilustre Deputado ALCIR PIMENTA, (MDB-GB) na Câmara dos Deputados, em Brasília, na sessão de 31-10-72.

Senhor Presidente
Senhores Deputados

Faz exatamente um ano que faleceu, na Guanabara, a Sra. Maria Júlia de Mattos do Nascimento Cottas, primeira dama do RACIONALISMO CRISTÃO.

Do que foi o seu trânsito por este mundo, em que prodigalizou as dádivas do seu espírito evoluído, já o disseram os cronistas que lhe referiram o passamento; ainda o dizemos nós que lhe usufruímos os eflúvios até o derradeiro instante. Di-lo-ão os nossos pósteros, e de esperar é que o digam todos aqueles a quem ainda aproveitarão as magníficas lições dos seus livros admiráveis.

Justo é, pois, Senhor Presidente, que renovemos hoje a nossa mensagem de saudade àquela que foi, ao longo de toda a sua existência terrena uma alma plena de amenidades, cheia de um desejo sincero de concorrer sempre para suavizar a dor alheia, a cujo serviço devotou o melhor do seu vigor físico e mental.

Soube Maria Cottas, Senhores Deputados, assimilar perfeitamente o alto sentido da nossa passagem por este mundo, aonde viemos para acrisolar o nosso espírito, não só retemperando-lhe a resistência, senão também revigorando-lhe a pertinácia, multiplicando-lhe a capacidade de resignação e de compreensão, preparando-o, enfim, para a vida fora da matéria, livre, portanto, das preterições da inveja e do inconformismo, que marcam os espíritos privilegiados no transcurso do seu estágio terrestre.

Em Maria Cottas, Sr. Presidente, conviveram harmonicamente todas as qualidades morais e intelectuais que lhe assegurariam uma existência terrena de permanente aprimoramento pessoal, seja para a vida do lar, em que ninguém a excedeu em desvelos e carinhos para com as filhas e o esposo amantíssimo, seja para a atividade intelectual, em que espargiu as luzes fosforescentes do seu talento criador, quer no jornalismo, quer na sua abundante e preciosa produção literária, fonte inexaurível de conhecimentos e de ensinamentos cristãos, alicerçados em rígidos e irrepreensíveis princípios morais.

Apartando-se materialmente do nosso convívio, Maria Cottas não nos abandonou, assinalando-se a sua presença acalentadora e revigorante entre nós, nas mensagens espirituais com que nos tem mimoseado, alargando os horizontes da nossa visão sobre o que representa a nossa responsabilidade cristã diante das tentações a que estamos todos sujeitos, enquanto presos ao mundo dos vivos.

Cumprida a etapa terrena do seu trajeto resplandecente, o seu espírito povoa agora o mundo etéreo das coisas imateriais, tornando-se, portanto, depositário dos insondáveis mistérios que envolvem a nossa permanência na Terra.

Conquanto imensamente saudosos da sua presença física, temos certeza de que, galgando mais um degrau na sua marcha ascensional, o seu espírito estará sempre presente no seio da família racionalista, robustecendo-lhe as convicções de que trabalhamos em prol da progressiva espiritualização da humanidade, afastando-a dos descaminhos que a circundam e confundem.

Refrigério, seja, pois, para os que ficamos, principalmente para os seus familiares, a constante e grata evocação da sua existência laboriosa, ainda hoje a alimentar de

energias e claridades revitalizadoras e cristãs tantos espíritos que a dureza da vida enrijeceu.

(Palmas, Muito bem!)

Agradecimento

MARIA JÚLIA DE MATTOS DO NASCIMENTO COTTAS

Antonio do Nascimento Cottas, filhas, genros e netos,
sensibilizados, agradecem a todos os queridos amigos que levaram o
conforto espiritual pelo passamento da nossa inesquecível e saudosa
MARIAZINHA, acompanhando seu corpo à última morada.